

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL
DO RIO DE JANEIRO – IFEN**

ANAIS DO

**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA
FENOMENOLÓGICA E EXISTENCIAL
V Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia -
ANPEPP
A Escuta em Diversos Espaços
Diálogos Inter e Transdisciplinares**

**BRASIL
RIO DE JANEIRO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso Internacional de Psicologia. Encontro
Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia
(1. : 5. : 2023 : Rio de Janeiro, RJ)
Anais I Congresso Internacional de Psicologia :
fenomenológica e existencial. V Encontro Nacional
do GT Psicologia & fenomenologia : a escuta em
diversos espaços : diálogos inter e
transdisciplinares [livro eletrônico]. --
1. ed. -- Rio de Janeiro : Edições IFEN, 2023.
PDF

Vários autores.
Vários organizadores.
Vários colaboradores.
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-87456-28-7

1. Fenomenologia existencial 2. Psicologia -
Congressos I. Título.

24-189357

CDD-150.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia : Congressos 150.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO RIO DE JANEIRO - IFEN

Presidente: Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Vice-Presidente: Elaine Lopez Feijoo

MEMBROS DO GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA DA ANPEPP – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICLOGIA

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN

Ana Karina Silva Azevedo – UFRN

Ida Elizabeth Cardinalli – PUC-SP/ABD

Joanneliese de Lucas Freitas – UFPN

Josemar de Campos Maciel – UCDB

Lucas Guimarães Bloc – UNIFOR

Paulo César Castelo Branco – UFC

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves – PUC-Campinas

Sylvia Mara Pires de Freitas – UEM

Vera Engler Cury – PUC-Campinas

Virgínia de Saboia Moreira Cavalcanti – APHETO

Anais contendo os resumos das comunicações apresentadas no I Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Existencial e V Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP – A Escuta em Diversos Espaços: Diálogos Inter e Transdisciplinares.

O conteúdo dos resumos é de inteira responsabilidade de suas autoras e seus autores.

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN - Brasil)

COORDENAÇÃO DE COMISSÃO ORGANIZADORA:

Victor Portavales Silva - IFEN

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN

Elaine Lopez Feijoo - IFEN

Flávia Moreira Protasio – IFEN

Flávio Breno Cruz Formigosa – UERJ/IFEN

Guilherme da Silva Sant’Anna – UNIFASE/IFEN

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN

Myriam Moreira Protasio – IFEN

Yan Sousa de Almeida – UERJ/IFEN

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Elaine Lopez Feijoo - IFEN

COORDENAÇÃO FINANCEIRA

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN

COORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO

Flávia Moreira Protasio – IFEN

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Elaine Lopez Feijoo - IFEN

Flávia Moreira Protasio – IFEN

Jussara Barros Martins – IFEN

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN

Mariana Agatha Silva do Carmo - IFEN

Myriam Moreira Protasio – IFEN

Lucas Clem Grijó Carvalho - IFEN

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN

Carolina Mendes Campos Oliveira Mattos – IPA/IFEN

Fernando da Rocha Magliano - IFEN

Jimena de Garay Hernández – UERJ/IFEN

Myriam Moreira Protasio - IFEN

Roberto Novaes de Sá – UFF/IFEN

Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens - UNIOESTE

Vera Engler Cury – PUC-Campinas

Victor Portavales Silva - IFEN

CONSULTORES AD HOC:

Elaine Lopez Feijoo – IFEN

Elina Eunice Montechiari Pietrani – UVA/IFEN

Fernando da Rocha Magliano – IFEN

Flávio Breno Cruz Formigosa UERJ/IFEN

Glaucia da Silva Silos - UERJ

Guilherme da Silva Sant’anna – UERJ/IFEN

Kelli Cristina Santos Bastos – UERJ

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN

Myriam Moreira Protasio – IFEN

Natália Vargas Fialho – UERJ

Yan Sousa de Almeida – UERJ/IFEN

MONITORES:

Beatriz Loureiro da Fonseca – UERJ

Leonardo Braga Elek – UVA/IFEN

Daniel Fonseca Ferreira – UFF/IFEN

Gabriela Lopes de Mello – UERJ

Rafael Magalhães Pinto – UERJ

Yuri Fuly Luiz Terso – UERJ

Simone Souza de Lima Pinheiro – UERJ

Myllena Gil Coutinho de Barros – UERJ

Tainá Batista D'Assumpção – UERJ

João Victor Pascoal Pires – UERJ

Rafael Garcia Vasconcelos – UERJ

EQUIPE EDITORIAL:

Flávia Moreira Protasio - IFEN

Jussara Barros Martins – IFEN

APOIO:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Instituto de Psicologia - IP/UERJ

Laboratório de Fenomenologia e Estudos da Psicologia Existencial - LAFEPE/UERJ

Edições IFEN

APRESENTAÇÃO

Com o tema *A Escuta em Diversos Espaços – Diálogos Inter e Transdisciplinares* levamos a público o I Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Existencial, período em que ocorrerá o V Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP, mais uma vez contando com o precioso apoio do Instituto de Psicologia – IP e do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

A temática desta primeira edição do Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Existencial: *A Escuta em Diversos Espaços – Diálogos Inter e Transdisciplinares*, foi idealizada pelo Professor Victor Portavales Silva após evento organizado pelo mesmo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no dia 31 de janeiro de 2023, intitulado *Janeiro Branco: Saúde Mental, Saúde Integral e a garantia dos direitos fundamentais*. Este evento foi projetado em sintonia com o movimento social destinado à conscientização de que a saúde mental deve ser pensada. As apresentações contemplaram diversas disciplinas, tratando de diferentes temas: Interloquções entre Saúde e Direito; Saúde e religiosidade; Saúde e Existências Marginalizadas.

Uma ideia que se destacou nas apresentações foi a importância da escuta nos diferentes espaços, de forma a ampliar a compreensão das questões que se apresentam na realidade experienciada. A clínica tem a escuta como seu elemento fundamental, por esse motivo a Equipe IFEN decidiu organizar, ainda em 2023, um congresso como espaço apropriado para ampliação desta discussão. Foi com este intuito que se organizou a programação do I Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Existencial e V Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP nos seguintes eixos: I. Fundamentos epistemológicos da escuta; II. A escuta na clínica psicológica; III. A escuta e o acolhimento em espaços de cuidado espiritual; IV. Interseções entre a escuta, as políticas públicas e os dispositivos de saúde; V. Deficiência e questões de acessibilidade; VI. Questões étnico-raciais, raízes africanas e povos originários; VII. Diversidade de gênero e sexualidade; VIII. A escuta nas interfaces da Psicologia com a Justiça; IX. Interseccionalidade.

A intenção, com este congresso, é poder compartilhar com aqueles que acompanham as atividades – de estudos, pesquisas e práticas, e o modo de pensar desenvolvidos pelo IFEN, um saber mais afinado sobre o modo como a escuta, fundamento do fazer clínico, está presente nos diferentes espaços. Queremos destacar não só a escuta dos profissionais que atuam em cada segmento, como também ouvir representantes de grupos sociais em sua experiência de escuta

e de fala nos diferentes contextos de cuidado: clínica psicológica, religiosos, de saúde, jurídicos movimentos sociais e serviços de saúde. Também foi reservado espaço ao longo dos dias do congresso para dar visibilidade às instituições que, dentro ou fora das Universidades, vêm marcando um espaço em defesa deste modo de pensar.

Os Anais do I Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Existencial: *A Escuta em Diversos Espaços – Diálogos Inter e Transdisciplinares*, que neste momento é entregue ao público, trazem o resumo dos trabalhos apresentados e constituem uma aproximação de todos os envolvidos - conferencistas e palestrantes convidados, palestrantes que submeteram trabalhos, orientadores de pesquisa, pesquisadores e público em geral - com a diversidade do que se tem pensado e feito em termos das práticas em psicologia fenomenológico-existencial. No mais, fica o desejo de que o congresso atinja seu objetivo mais importante: aproximar e congregar os estudiosos de todas as nacionalidades presentes em torno deste modo de pensar e fazer psicologia.

Um evento como este não acontece sem a ajuda de muitas pessoas, entre profissionais, professores e estudantes que cederam suas expertises ao se disponibilizarem a contribuir com a realização do Congresso. Externamos nosso reconhecimento e nossos sinceros agradecimentos a cada um de vocês.

Equipe IFEN

SUMÁRIO

1	CONFERÊNCIAS	29
1.1	A POLIFONIA DAS VOZES DO MUNDO – POR UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O ANTROPOLÓGICO E O AMBIENTAL _____ Josemar de Campos Maciel (UCDB/IDEA USACH)	30
1.2	RELEMBRANDO A MEMÓRIA _____ Yan Sousa de Almeida (UERJ)	31
2	MESAS REDONDAS	32
2.1	A ARTE DE RECORDAR: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA NA VELHICE À LUZ DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL _____ Ana Lúcia Azeredo Couto (IFEN) Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN) Myriam Moreira Protasio (IFEN)	33
2.2	A CLÍNICA-ESCOLA COMO PROPICIADORA DE INTERLOCUÇÕES FENOMENOLÓGICAS _____ Vera Engler Cury (PUC-Campinas)	35
2.3	A ESCUTA EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE _____ Jimena de Garay Hernández (UERJ)	36
2.4	A ESCUTA À SAÚDE MENTAL EM SEU CARÁTER UNIVERSAL E SINGULAR: UM DIÁLOGO COM KIERKEGAARD _____ Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN) Myriam Moreira Protasio (IFEN)	37
2.5	A ESCUTA NA CLÍNICA EXISTENCIAL E OS MODOS DE CUIDAR DA ESPIRITUALIDADE NOS CONTEXTOS DE SAÚDE _____ Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)	39
2.6	A ESCUTA NO TRABALHO COM COLETIVOS E GRUPOS PELA PERSPECTIVA DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO _____ Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM)	40
2.7	A FENOMENOLOGIA CRÍTICA COMO EPISTEMOLOGIA PARA UMA ESCUTA LOCALIZADA _____ Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)	41
2.8	A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: PROJETOS, DILEMAS E APROPRIAÇÕES _____ Adriano Furtado Holanda (UFPR)	42
2.9	A PSICOLOGIA HOSPITALAR E A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA: NAVEGAR PELA "TERCEIRA MARGEM DO RIO" _____ Juliana Vendruscolo (UNAERP)	43
2.10	A TRAIÇÃO E O RESSENTIMENTO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA ÔNTICA E EXISTENCIAL _____ Amanda Fernandes Rodrigues Alves (EERP/USP) Fabio Scorsolini-Comin (EERP/USP)	44

2.11	ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO: REFLEXÕES ACERCA DA ESCUTA CLÍNICA EM UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA	46
	Samira Goulart (UERJ)	
2.12	APONTAMENTOS SOBRE A NOÇÃO DE EVIDÊNCIA A PARTIR DA PSICANÁLISE EXISTENCIAL DE SARTRE	48
	Jameson Thiago Farias Silva (UFS)	
2.13	AS PSICOTERAPIAS HUMANISTAS E EXISTENCIAIS E O PAGAMENTO EM DINHEIRO: QUAL É O PREÇO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA?	49
	Guilherme da Silva Sant'Anna (UNIFASE/IFEN)	
2.14	CONSIDERAÇÕES HERMENÊUTICAS SOBRE A LINGUAGEM, A ESCUTA E O SILÊNCIO	50
	Luiz José Veríssimo (UVA)	
2.15	CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE À PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	51
	Roberto S. Kahlmeyer-Mertens (UNIOESTE)	
2.16	CONTRIBUIÇÕES DE LIMA BARRETO PARA O DEBATE SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS	52
	Ana Lúcia Trindade de Souza (UERJ)	
2.17	DA MONOGAMIA À RELAÇÃO ABERTA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS EM DIÁLOGO COM A CLÍNICA DE CASAS	53
	Amanda Fernandes Rodrigues Alves (EERP/USP)	
	Leandra Rossi (NUCAFE)	
2.18	HÁ POSSIBILIDADES DO CINEMA, COMO ARTE, AUXILIAR NO APERFEIÇOAMENTO DA ESCUTA CLÍNICA PSICOLÓGICA?	55
	Telma Regina Lago Costa (IESB-DF)	
2.19	“NA RUA, NA CIDADE, NO MEIO DA MULTIDÃO”: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE SARTRE PARA UMA CLÍNICA NÃO PRIVATIVA.	56
	Carolina Freire de Araújo Dhein (IFEN)	
2.20	NOTAS SOBRE UMA CARICATURA DO EXISTENCIALISMO	58
	Jameson Thiago Farias Silva (UFS)	
2.21	O FIM DO OCIDENTE E A CLÍNICA EXISTENCIAL: O SOFRIMENTO PSÍQUICO EM UM MUNDO SOB ESCOMBROS	60
	Paulo Victor Rodrigues da Costa (UNESA)	
2.22	O SOFRIMENTO PSÍQUICO EM SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO E SEUS DESDOBRAMENTOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE E SEGURANÇA	61
	Elina Eunice Montechiari Pietrani (UERJ)	
2.23	OS SEGURANÇAS EM ATUAÇÃO NOS EVENTOS DE TENTATIVA DE SUICÍDIO: UMA ABORDAGEM HUMANIZADA	62
	Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)	
	Kelli Cristina Santos Bastos (UERJ)	
2.24	PLANTÃO PSICOLÓGICO EM ESCOLAS PÚBLICAS EM MANAUS: ACOLHIMENTO, ESCUTA E CUIDADO COM ADOLESCENTES	63
	Ewerton Helder Bentes de Castro (UFAM)	
	Janderson Costa Meira (ESBAM)	

Elcilene Lima de Macêdo (LABFEN)

Ruy Siqueira de Lima (UNINORTE)

- 2.25 PODE A CLÍNICA SER NÃO-MARCADA? REFLEXÕES EM DIÁLOGO O
PENSAMENTO DE JEAN-PAUL SARTRE _____ 65
Rodolfo Rodrigues de Souza (UERJ)
- 2.26 POR UMA CLÍNICA ÁUDIODESCRITIVA: EXPLORANDO O CONCEITO DE
“OUVER” _____ 67
Heloisa Santos (UERJ)
- 2.27 PRÁTICAS MEDITATIVAS NO MANEJO DA ANSIEDADE: UMA LEITURA
FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA _____ 68
Joelson Tavares Rodrigues (UFRJ)
- 2.28 REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE QUAIS ORIENTAÇÕES HERMENÊUTICAS
A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL ADOTA EM SUAS
PRÁTICAS PSICOTERÁPICAS _____ 69
Flávio Breno Cruz Formigosa (UERJ)

3 MESAS REDONDAS INSTITUCIONAIS _____ 71

- 3.1 A ESCUTA ENGAJADA DA CLÍNICA SARTRIANA _____ 72
Carolina Mendes Campos (IPA-RJ)
- 3.2 ARE - ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIÁRIA COMO CLÍNICA
HERMENÊUTICA _____ 73
Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)
- 3.3 DASEINSANALYSE E A ESCUTA CLÍNICA EM DIVERSOS CONTEXTOS _ 74
Ida Elizabeth Cardinalli (PUC-SP/ABD)
- 3.4 DESTINO E LIBERDADE EM SIMONE DE BEAUVOIR _____ 75
Marcelo S. Norberto (PUCRS/CCE/PUC-Rio)
- 3.5 FENOMENOLOGIA CLÍNICA DA RECUPERAÇÃO NOS TRANSTORNOS
ALIMENTARES _____ 77
Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR/APHETO)
- 3.6 LA METAMODERNIDAD, UNA PORPUESTA DESDE LA TERAPIA
EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA _____ 78
Juan Manuel Castellanos (ALPE México)
- 3.7 O LUGAR DA INFÂNCIA NA CLÍNICA EXISTENCIALISTA _____ 79
Camila Gadelha (Rede Existências)
- 3.8 PLANTÃO PSICOLÓGICO E AÇÃO CARTOGRÁFICA PELOS “CAMINHOS
DE FLORESTA”: ACONTECER CLÍNICO? _____ 80
Henriette T. P. Morato (IPUSP/LEFE)
- 3.9 PSICOPATOLOGIA À LUZ DO PRINCÍPIO DO PARADOXO NA
ABORDAGEM EXISTENCIAL-HUMANISTA _____ 82
Carlos Campelo da Silva (LAFEPE-UERJ/IFEN/UNIMEP/UNASP)
- 3.10 REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICO – HERMENÊUTICA NA ATUALIDADE _____ 83
Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/Rede Existências)

3.11	RITMANÁLISE: A OCASIÃO COMO TEMPO PROPÍCIO E A PRÁTICA CLÍNICA _____	84
	Paulo Roberto Reimão Machado (Instituto Dasein)	
3.12	SENSIBILIDADE EXISTENCIAL COMO PARADIGMA DA PSICOPATOLOGIA E DA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA _____	85
	André Sendra de Assis (Instituto Dasein)	
3.13	UM OLHAR SARTRIANO SOBRE AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM CASO CLÍNICO _____	86
	Daniela Ribeiro Schneider (PPGP/UFSC/PSICLIN)	
	Amanda Macário, Gabriela Rodrigues (PPGP/UFSC)	
	Charlene Fernanda Thurow (PPGP/UFSC)	
4	SESSÕES COORDENADAS _____	88
4.1	A BRANQUITUDE COMO ORIENTAÇÃO: A EXPERIÊNCIA VIVIDA DO SER BRANCO NA CIDADE DE CURITIBA _____	89
	Carolina dos Santos Garbelotti (UFPR)	
	Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)	
4.2	A ESCUTA FENOMENOLÓGICA NA CLÍNICA INFANTOJUVENIL ENQUANTO ESTRATÉGIA DE DESPATOLOGIZAÇÃO DA VIDA _____	91
	Marcos Vinicius Lourenço Nunes (IFEN)	
4.3	A FENOMENOLOGIA DE SIMONE DE BEAUVOIR: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM PSICOLOGIA CLÍNICA _____	92
	Luana de Matos Guimarães (UFF)	
4.4	A VIVÊNCIA DO DIAGNÓSTICO DE CÂNCER INFANTIL: A COMPREENSÃO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA. _____	93
	Elcilene Lima de Macêdo (IFEN)	
4.5	ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONJUGAL SOB OLHAR DE GÊNERO E LOGOTERAPIA _____	94
	Ana Cláudia Bernardes Guimarães	
4.6	ACOMPANHAR O TEXTO É COMPREENDER SEU SENTIDO: INTERLOCUÇÕES ENTRE LITERATURA E ESCUTA CLÍNICA _____	96
	Glaucia da Silva Silos (UFF)	
4.7	ADOLESCENTES COM CÂNCER: UMA REVISÃO DE LITERATURA BASEADA NO FENOMENOLOGIA – HERMENÊUTICA _____	97
	Emanuelle Fonseca dos Santos (UNINASSAU)	
	Flávia Meireles Maron de Freitas (UNINASSAU)	
	Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/Rede Existências)	
	Rocío Andrea Cornejo Quintana (UNEB)	
4.8	ALÉM DAS EXPLICAÇÕES CAUSAIS: A COMPREENSÃO DO SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL _____	99
	Amanda Kelly Charato Sales (UTP)	
	Andressa Bretas Bernardes (UTP)	
	Danielle Miyuki Momose (UTP)	
	Loivo José Mallmann (UTP)	
	Mariana Andrade Silva (UTP)	
	Roberta da Rocha Rosa (UTP)	

	Viviane Taís Coriolano (UTP)	
4.9	BIPOLARIDADE E FENOMENOLOGIA, OSCILAÇÃO ENTRE MELANCOLIA E MANIA, SOFRIMENTO COM ALTERNÂNCIA DESTES DOIS POLOS _ 101 Francesca da Rocha Rosa Martins (UNICESUMAR) Roberta da Rocha Rosa (UTP)	
4.10	CONCEPÇÕES DE DEFICIÊNCIA EM UNIVERSITÁRIOS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA _____ 103 Ana Luiza Quevedo (UNOESTE) Ana Paula Gasparotto Paleari (UNESP) Caroline Garpelli Barbosa (UNIP) Lucia Pereira Leite (UNESP)	
4.11	CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO PROGRESSIVO-REGRESSIVO NA COMPREENSÃO DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES _____ 105 João Felipe Leite Costa (UNIFOR) José Waldo Saraiva Neto (UNIFOR) Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR/APHETO)	
4.12	CORPOS VIOLENTADOS: A ESCUTA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO DE PESSOAS LGBTQIA+ _____ 107 Andreia da Fonseca Araujo (UMESP) Blanches de Paula (UMESP) Marcos Roberto Corse (UMESP) Maria do Carmo Fernandes (UMESP) Rosa Frugoli (UMESP)	
4.13	DA EXPERIÊNCIA DA LINGUAGEM NO ÂMBITO PSICOTERAPÊUTICO: A ESCUTA A PARTIR DA SERENIDADE HEIDEGGERIANA _____ 109 Crisóstomo Lima Do Nascimento (UFF) Daniel Fonseca Ferreira (UFF)	
4.14	DA NECESSIDADE DE CONEXÃO HUMANA _____ 111 Claudia de Loureiro Carvalho (LAFEPE/UERJ)	
4.15	DISSIDÊNCIAS SEXUAIS: ALGUMAS PROPOSIÇÕES CLÍNICAS A PARTIR DE MEDARD BOSS _____ 112 Geise Campêlo Ferreira (UnB) Ileno Izídio da Costa (UnB)	
4.16	ENLUTAMENTO PARENTAL POR VIOLÊNCIA POLICIAL E O ENLACE DA ESCUTA FENOMENOLÓGICA _____ 114 Camila Marina Nery Pellizer (UFPR) Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR) Larissa Léia da Costa (UFPR)	
4.17	ESCUTA PSICOLÓGICA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS PARA O ADOECIMENTO E MORTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA _____ 116 Beatriz Coppi Durante (Instituto Dasein)	
4.18	ESTUDO DE CASO DE DOIS CLIENTES EM SESSÃO DE PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL REALIZADO EM CLÍNICA-ESCOLA _ 117 Guilherme Natan Spatti (UNIP) Natan da Cruz Lemes (UNIP) Vitória Cristina Ferreira dos Santos (UNIP) Luiz Roberto Maquezi Ferro (UNIP)	

4.19	ESTUPRO E ABUSO SEXUAL MASCULINO: VERACIDADE E FALTA DE ENTENDIMENTO SOBRE A VITIMIZAÇÃO MASCULINA DE HOMENS ADULTOS _____	119
	Francesca da Rocha Rosa Martins (UNICESUMAR) Roberta da Rocha Rosa (UTP)	
4.20	FAZER A MATRÍCULA APENAS, NÃO SIGNIFICA INCLUIR: TEA E SUAS POSSIBILIDADES EM AMBIENTE ESCOLAR. _____	120
	Jane da Silva Paes (UFAM) Ruy Siqueira de Lima (UNINORTE)	
4.21	FINITUDE DA VIDA EM UM ESTADO NECROPOLÍTICO: ANÁLISE DECOLONIAL DA PANDEMIA DA COVID-19 _____	122
	Loivo José Mallmann (UFPR)	
4.22	GÊNERO E CUIDADO NA PANDEMIA DE COVID-19 _____	123
	Camila de Barros Dutra (UFPR) Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)	
4.23	LUTO MATERNO NÃO RECONHECIDO POR MORTE VIOLENTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA _____	125
	Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida Hessel (UFBA) Flávia Meireles Maron de Freitas (UNINASSAU) Isabelle Lorena Fernandes Siqueira (UNINASSAU) Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/Rede Existências)	
4.24	MATERNIDADE, DECISÃO AUTÊNTICA OU IMPESSOAL? COMO PENSAR A PARTIR DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL? _____	127
	Valéria Rangel Monteiro (IFEN)	
4.25	MEU FILHO TEM LAUDO! A ESCUTA FENOMENOLÓGICA PARA ALÉM DOS PROCESSOS DE MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO _____	128
	Klênio Antônio Sousa (UNIOESTE/UFU)	
4.26	MORENO, LEITOR DE BERGSON: A NOÇÃO DE MOMENTO E A INTUIÇÃO COMO MÉTODO _____	129
	Jameson Thiago Farias Silva (UFS)	
4.27	O FENÔMENO DA SEXUALIDADE EM MULHERES IDOSAS: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA _____	131
	Amanda Karênina Galvão de França (UFRN) Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)	
4.28	O MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO COMO FUNDAMENTO À ESCUTA CLÍNICA _____	133
	João Felipe Leite Costa (APHETO/UNIFOR) José Waldo Saraiva Neto (APHETO/UNIFOR) Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)	
4.29	O PAPEL DA ESCUTA NA PROMOÇÃO DA CULTURA ESCOLAR POSITIVA _____	135
	Vitor Almeida Nascimento (UNISAL)	
4.30	O QUE FICA APÓS A MORTE? REFLEXÕES SOBRE LUTO ATRAVÉS DE UM CASO CLÍNICO. _____	137
	Ana Emilia Muniz (UFBA) Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/Rede Existências)	

4.31	OCASIONAR (ANLASS) COMO MANEJO CLÍNICO DASEINSANALÍTICO _____	138
	Rafael Monho Ribeiro (PUC-SP)	
4.32	OS FENÔMENOS DA DOR E DO SOFRIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE E A CLÍNICA PSICOLÓGICA _____	139
	Fabiano Neves Hoelz (IFEN)	
4.33	PLANTÃO PSICOLÓGICO E IDENTIDADE DE GÊNERO: CORPO QUE É MEU MAS NÃO SOU EU! _____	140
	Ewerton Helder Bentes de Castro (UFAM)	
4.34	PLANTÃO PSICOLÓGICO EM CLÍNICA-ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO DE TRANSTORNO ALIMENTAR NA INFÂNCIA _____	141
	Adriane Caroline Gasparetto (UNIP)	
	Luiz Roberto Marquezi Ferro (UNIP)	
	Mariane Rodrigues Ramalho (UNIP)	
	Tania Regina Aguilera Capel (UNIP)	
4.35	PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA ENLUTADOS: A ESCUTA CLÍNICA EM FORMAÇÃO _____	143
	Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)	
	Jullye Gabrielly Oliveira (UFPR)	
	Lívia Mendes Miyasato (UFPR)	
	Rodrigo Kenji Kawano (UFPR)	
4.36	PODE A RELAÇÃO TERAPÊUTICA ADOECER? UMA DISCUSSÃO SOBRE O CESSAR DA ESCUTA NA PSICOTERAPIA. _____	145
	Matheus de Siqueira Talão (IPCEM)	
4.37	PRÁTICA DA AUTOLESÃO NA ADOLESCÊNCIA E SUAS IMBRICAÇÕES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA CLÍNICA. _____	146
	Elcilene Lima de Macêdo (IFEN)	
4.38	PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES A UMA ESCUTA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA _____	147
	Kely Prata Silva (Espaço Ser)	
	Tainara Gomes Ribeiro (DOCTUM/ES)	
4.39	PSICOLOGIA COM CRIANÇAS: UMA EPISTEMOLOGIA ENTRE O QUIASMA MERLEAU-PONTIANO E UM GESTO DECOLONIAL _____	149
	Franciane Indianara Nolasco (UFPR)	
	Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)	
4.40	PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: UMA PRÁTICA INÚTIL _____	151
	Glênio Carneiro Maciel Júnior (UERJ/IFEN)	
4.41	QUANDO A FENOMENOLOGIA DO BRINCAR NOS REVELA O BRINCAR COMO FIO CONDUTOR DE ESPIRITUALIDADE _____	152
	Ana Karyne Loureiro Furley (GRUFEI/PPGE/UFES/CAPES)	
	Hiran Pinel (GRUFEI/PPGE/UFES)	
	José Raimundo Rodrigues (PPGE/UFES)	
4.42	RE-EXISTÊNCIAS: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL _____	153
	Giovanna Berriel Matsumoto (IFEN)	

- 4.43 REFLEXÕES SOBRE LUTOS NO RELACIONAMENTO: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA NA TERAPIA DE CASAL _____ 154
Amanda Fernandes Rodrigues Alves (EERP/USP)
Fabio Scorsolini-Comin (EERP/USP)
- 4.44 RESISTIR PARA EK-SISTIR: (SOBRE) VIVÊNCIAS DE CORPOS SILENCIADOS, NA ASSISTÊNCIA INTEGRAL À POPULAÇÃO TRANS. 156
Gilmar Araújo Teles (Centro Universitário do Norte – UNINORTE)
Miguel Rebelo dos Santos (Centro Universitário do Norte – UNINORTE)
Ruy Siqueira de Lima (Centro Universitário do Norte – UNINORTE)
- 4.45 UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A REDUÇÃO DE DANOS NAS POLÍTICA PÚBLICA NA SAÚDE _____ 158
Breno Lacerda de Oliveira (UNIT)
João Phellipe Santana de Oliveira (UNIT)
Julienne Arrais de Oliveira (UNIT)
- 4.46 UM OLHAR INTERSECCIONAL SOBRE AS MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES SÓCIO-REFLEXIVAS__ 160
Vitor Almeida Nascimento (UNISAL)
- 4.47 VESTÍGIO DE UMA CLÍNICA DO FIM DO MUNDO – PLANTÃO PSICOLÓGICO ONLINE PARA PERDAS, MORTE E LUTO _____ 162
Carine Sawtschenko (UNISAL)
Miria Benincasa (UMESP)

1 CONFERÊNCIAS

1.1 A POLIFONIA DAS VOZES DO MUNDO – POR UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O ANTROPOLÓGICO E O AMBIENTAL

Josemar de Campos Maciel (UCDB/IDEA USACH)

Nesta apresentação, peço desculpas pela aridez, que pretendo compensar pela qualidade das referências que entendo poder disponibilizar para todas e todos os participantes. Pretendo oferecer uma apresentação das principais ou, pelo menos, as primeiras tarefas para uma tarefa com a qual me ocupo há alguns anos, uma espécie de antropologia da hospitalidade – este nome pode variar, como pretendo esclarecer. Trata-se de um exercício de escritura, ou seja, de escrita reflexiva, mas com pretensões a algum nível de socialização, mas sem ambições de universalidade. Um tal exercício de escritura equivale a inscrever a hospitalidade, que é uma experiência, por mais documentada que seja nas ciências de matriz histórica, psi, antropológica ou social, no ambiente da ontologia, que é um campo de pensamento formal, não circunscrito nem adjudicado ao campo disciplinar da filosofia, mas sendo reivindicado, ao menos aqui, como ocupando o espaço da gênese conceitual dos campos de racionalidade. Para inscrever a hospitalidade na ontologia é preciso definir o campo da escritura e os principais desafios ou tarefas metodológicas de grande monta, como os que seguem. O campo de escritura, entendido aqui como sendo uma evolução, em sentido da socialização conceitual, da ideia de “locus locutionis” ou “lugar de fala”, é o campo da criação conceitual, atravessado pela desconstrução derridiana e pelas decorrentes implicações da aceitação da relação entre a ambição de definitividade dos conceitos e a condição de provisoriedade das relações de poder, de comunicação e de direito à fala. Os desafios ou tarefas metodológicas, são, em primeiro lugar, inscrever a relação no conceito mesmo do que seja o humano. Ou seja, expandir a noção de homo sapiens para homines viatores. Em segundo lugar, desentulhar o humano do patriarcal, entendendo definitivamente o conceito atravessado pelas peles, gêneros, e estes, pelas redes de possibilidades de socialização e subjetivação. Em terceiro lugar, inscrever o ambiente no conceito mesmo do que seja o humano, entendendo o deslocamento do antropocentrismo para um ecocentrismo polifônico como sendo algo definitivo, e como uma conquista do pensamento, que redireciona para a produção de diversidade aquilo que tem sido, historicamente, um imperativo de aceleração. Em quarto lugar, operar uma crítica da ideia do ambiente a partir da dualidade sujeito-objeto e do recursismo colonialista. Estas tarefas devem ocupar bem mais que apenas uma instituição ou mesmo, uma geração, dada a sua magnitude. Este é um registro delas, para facilitar possíveis ajustes no campo epistêmico vai se abrindo, como resistência aos movimentos de destruição e como esperança, diante de muitos percalços e diante do desafio de diversas crises e erosões dos sistemas de vida e de pensamento.

Palavras-chave: Hospitalidade, Antropologia psicológica, Decolonização.

Josemar de Campos Maciel

Doutor em Psicologia (PUC-Campinas, 2004). Docente do PPG em Desenvolvimento Local na UCDB (Campo Grande, MS). Coordenador do GT Estudos Críticos do Desenvolvimento (CNPQ) e vice-coordenador do GT de Psicologia e Fenomenologia (ANPEPP). Estágio pós-doutoral em Estudos Culturais (USP-EACH, 2019). Pesquisador visitante sênior do Instituto de Altos Estudios da Universidade de Santiago de Chile (USACH). Pesquisa o pós-desenvolvimento a partir do pensamento ancestral e encantado e do imperativo da hospitalidade. E-mail: maciel50334@yahoo.com.br.

1.2 RELEMBRANDO A MEMÓRIA

Yan Sousa de Almeida (UERJ)

A nossa relação com a escuta é atravessada também pela nossa relação de sentido. Por sua vez, a nossa relação de sentido se articula com as nossas possibilidades de verdadeiro. De tal forma que, de início e na maior parte das vezes, escutamos aquilo que no nosso horizonte de sentido se articula como possível. Dito de outra forma, o possível mais acessível muitas vezes acaba se constituindo como verdadeiro. No nosso contexto atual, usualmente pautado pelo cálculo e pelo desafio, aquilo que é determinado *a priori*, aquilo que corresponde ao que se é previamente suposto, o enquadrável e enquadrado, são considerados o verdadeiro. Desse modo, outras formas de possibilidade que acabam se distanciando um pouco dessas possibilidades hegemônicas são em certa medida desconsideradas ou quando consideradas são apontadas como menores, irrelevantes ou, muitas vezes, esquecidas. Tendo isso em pauta, realizando um gesto hermenêutico, o meu direcionamento é o de relembrar aquilo que pode ter sido esquecido. Não apenas um esquecimento de informações, mas de possibilidades e de relações de sentido. Ou seja, minha busca não é por relembrar qualquer coisa, mas a memória. Contudo, não busco relembrar qualquer memória, mas a figura mitológica de *Mnemosyne* e suas filhas, as musas. Estas figuras mitológicas responsáveis pela linguagem, lembrança, memória, ciência e artes, que, ironicamente, no nosso contexto moderno tendem a ser esquecidas. Nesse sentido, esta apresentação tem como intenção apontar diferentes formas de ouvir e como elas podem aparecer no contexto da clínica psicológica. Para, assim, pontuar como o escutar não é meramente ouvir palavras e sons, mas é pautado também pela nossa relação com as coisas. Busco a partir disso também relembrar a importância não só da escuta, mas de formas de ouvir que rumaram o caminho do esquecimento. Uma vez que, escutar de maneira atenta também pode ser se aproximar de formas de interpretação que atravessam o nosso tempo. Escutar é perceber, encontrar e, além disso, construir sentidos. Portanto, inspirado e contando com a ajuda das musas e de sua mãe, busco retomar aquilo que pode ser esquecido pelos humanos e apontar tais possibilidades aos profissionais da psicologia, principalmente aqueles que articulam a sua tarefa com os fundamentos da fenomenologia-existencial e também da hermenêutica, que muitas vezes pode ser esquecida entre hifens.

Palavras-chave: Clínica, Escuta, Hermenêutica, Memória.

Yan Sousa de Almeida

Psicólogo. Doutorando do Programa de pós-graduação em Psicologia Social (PPGPS) na UERJ e mestre pela mesma instituição. Pesquisador do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE). Sócio colaborador e professor do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Nas horas vagas fala sobre literatura e quando não sobra tempo faz hora escrevendo literatura. E-mail: yan.psicologo@gmail.com.

2 MESAS REDONDAS

2.1 A ARTE DE RECORDAR: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA NA VELHICE À LUZ DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Ana Lúcia Azeredo Couto (IFEN)

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)

Myriam Moreira Protasio (IFEN)

Este trabalho consiste em uma análise teórica sobre a memória na velhice a partir de fundamentos da psicologia fenomenológico-existencial. A metodologia utilizada é a fenomenológico-hermenêutica organizada em três etapas: reconstrução, destruição e construção. Na reconstrução, identificamos como o fenômeno da memória na velhice é predominantemente tematizado pelo enfoque neurocientífico. Na destruição, suspendemos os posicionamentos que indicam diagnóstico, julgamento e moralização do tema abordado. Na construção, inauguramos outro modo de compreensão, recorrendo à ideia de recordação proposta por Kierkegaard e à noção de esquecimento, de Nietzsche. Pelo enquadramento neurocientífico, memória é concebida como um processo cognitivo materializado em circuitos cerebrais e associado à capacidade de armazenar e recuperar informações. Em geral, os estudos no campo das neurociências assinalam uma correlação negativa entre o avanço da idade e o desempenho da memória, enfatizando o declínio cognitivo e funcional na velhice. Diante da tendência hegemônica dos saberes científicos em se articularem com a questão da memória pelas perspectivas neuro-físicas, nós buscamos sustentar outros modos de compreensão e de ação junto àqueles que estão envelhecendo, para além de uma perspectiva norteadora de intervenções que submetem apressadamente o fenômeno da memória na velhice aos crivos da normalidade e da funcionalidade. À luz da psicologia fenomenológico-existencial, propomos pensar a memória como recordação, a recordação como artesanaria e o velho recordador como seu artesão. Enquanto recordação, a memória se articula à vivência singular. Enquanto artesanaria, a recordação é ato criador que abre possibilidades de articular sentidos no instante da reaparição do vivido. Enquanto artesão, o velho recordador fabrica suas memórias pelo entrelaçamento do que se lembra e do que se esquece. Com esse olhar, lembrar e esquecer não se antagonizam, nem se sobrepõem em valor. São possibilidades de lida com aquilo que nos vem ao encontro pela via da memória. Assim, compreendemos a memória na velhice como um fenômeno de apreensão de nossa temporalidade, irreduzível a gráficos e escalas. Concluímos que é possível encontrar formas de compreensão da memória no envelhecer que ancorem uma ação clínica que prescindir de dispositivos de antecipação e controle. Cabe ao psicólogo, no encontro com aquele que recorda, resguardar a memória como via privilegiada de criação de sentidos do vivido e do vir a ser.

Palavras-chave: Memória; Envelhecimento; Psicologia; Fenomenologia existencial.

Ana Lúcia Azeredo Couto

Especialista em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: nalumac@gmail.com.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Professora titular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto.

Myriam Moreira Protasio

Professora, Pesquisadora e Sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto.

2.2 A CLÍNICA-ESCOLA COMO PROPICIADORA DE INTERLOCUÇÕES FENOMENOLÓGICAS

Vera Engler Cury (PUC-Campinas)

A atenção psicológica de inspiração fenomenológica e humanista, desenvolvida em instituições brasileiras na atualidade, busca responder às demandas sociais emergentes a partir de uma perspectiva radicalmente clínica no sentido de acolher modos de sofrimento humano sem desconsiderar os contextos. Pauta-se por um processo de apropriação pelo cliente dos significados de suas demandas emocionais mediado por uma relação dialógica desenvolvida pelo psicólogo por meio de um conjunto de atitudes. Assim, transforma-se na contemporaneidade a clínica psicológica numa atenção ao sofrimento humano vivido cotidianamente sob inúmeras formas de desigualdades e preconceitos. Emerge uma atenção psicológica como instauradora de auto (e hetero) conhecimento, crescimento e reintegração que possibilitam às pessoas reinventar-se sob novas bases num processo criativo de superação das limitações a partir da atribuição de novos sentidos a sua própria existência. Estagiários de Psicologia Clínica da PUC-Campinas encontram seus primeiros clientes no contexto de um Serviço de Psicologia vinculado ao SUS do município de Campinas, na condição de equipamento de saúde mental, nível secundário. Em atendimentos pautados por uma postura respeitosa às diferenças, os estagiários corajosamente buscam escutar seus clientes autenticamente com atitudes de compreensão empática e aceitação incondicional ao modo de ser de cada um deles em suas singularidades. Despem-se das crenças e das teorias para serem capazes de encontrar modos de reduzir a distância que os separa das experiências vividas por pessoas a quem tão pouco foi disponibilizado em termos de oportunidades, direitos, formação; a quem não foi concedido legitimar demandas e encontrar seu lugar na sociedade. O exercício da psicologia é um eterno vir a ser, inexorável e exigente, ainda assim estimulante e criativo. Assumir determinado posicionamento face a essa escuta refinada ao se praticar psicologia clínica é, em última análise, um ato de comprometimento com a alteridade e uma manifestação contrária a permanência de tantas desigualdades e descasos. Indignar-se em relação à violência, à fome, ou à miséria social e cultural adquire relevância apenas quando promove atitudes coerentes no cotidiano do ser e do fazer. A verdadeira cidadania é construída no compromisso de uma tomada de decisão.

Palavras-chave: intervenção psicológica; clínica-escola de Psicologia; pesquisa fenomenológica; abordagem centrada na pessoa.

Profa. Dra. Vera Engler Cury

Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pelo IP- USP-São Paulo, Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP, Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUC-Campinas. Exerceu o cargo de Pró Reitora de Pesquisa e Pós Graduação por dois mandatos sucessivos de quatro anos e de Pró Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários por oito anos na PUC-Campinas. É líder do Grupo de Pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: prevenção e intervenção”. Atualmente coordena o GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP. E-mail: vency2985@gmail.com.

2.3 A ESCUTA EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Jimena de Garay Hernández (UERJ)

O presente trabalho pretende colocar em análise o processo de escuta de pessoas em privação de liberdade, tanto adolescentes no sistema socioeducativo, quanto adultos/as no sistema prisional. Ambos sistemas têm suas diferenças, as quais são fundamentais, mas se caracterizam por contar com regimes de privação de liberdade. A partir de projetos de pesquisa, extensão e implementação de serviços realizados desde 2014, o exercício da escuta tem sido mobilizado em entrevistas individuais, cursos, atividades em grupo, acolhimentos psicossociais, dentre outras experiências. Primeiramente, irei discutir de que forma o ato de produzir um espaço-tempo em que a pessoa consiga enunciar angústias e expressar desejos sem ser julgada pela acusação através da qual está em privação de liberdade tem se mostrado extremamente potente, mas também um desafio, especialmente considerando que esse espaço-tempo não é isolado, mas inserido em instituições pautadas pelo punitivismo e permeadas por violência e tortura, nas quais somos etiquetadas como “defensoras de bandidos” e nas quais nosso trabalho é visto como menor ou contrário ao tratamento que essas pessoas deveriam receber. Essa escuta, que exprime sofrimentos individuais atrelados intimamente a tragédias coletivas, nos permite perceber a profundidade da desigualdade racial, sexual, de território e de classe que vivemos no Brasil, na América Latina e no mundo. Em momentos de escuta coletiva, é também possível abrir espaço para a heterogeneidade de percursos de vida e opiniões se manifestar, contradizendo discursos que universalizam e homogeneizam a população encarcerada. Em um segundo momento, vou discorrer sobre como possibilitar essa escuta também tem se mostrado importante na reflexão sobre o que é possível, enquanto psicólogas, colocar em suspensão, no sentido do que nos mobiliza enquanto seres não neutros. De que forma podemos acionar nossos posicionamentos frente, por exemplo, a violência doméstica, na direção da elaboração com a pessoa que está sendo escutada, tendo ela sido acusada por essa prática? A importância da não monstificação das pessoas, mesmo elas tendo cometido atos que reprovamos, possibilita complexificar nosso pensamento e nossa ação frente, inclusive, a esses atos. Nesse ponto, tem sido muito importante exercitar uma outra escuta: as dos nossos pares, em grupos de pesquisa, extensão ou estágio, cuja heterogeneidade nos interpela, nos enriquece, nos dá suporte e esperança.

Palavras-chave: sistema prisional; sistema socioeducativo; privação de liberdade

Jimena de Garay Hernández

Psicóloga (Universidad Nacional Autónoma de México), Mestra e Doutora em Psicologia Social (UERJ). Professora adjunta no Instituto de Psicologia da UERJ. Professora colaboradora no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Subjetividades e Instituições em Dobras (GEPSID). Sócia colaboradora e professora convidada do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) E-mail: jime.degaray@gmail.com.

2.4 A ESCUTA À SAÚDE MENTAL EM SEU CARÁTER UNIVERSAL E SINGULAR: UM DIÁLOGO COM KIERKEGAARD

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)

Myriam Moreira Protasio (IFEN)

Søren Kierkegaard, que nasceu e viveu na primeira metade do século XIX, período em que a Ciência Natural se separava da Filosofia, assistiu à revolução provocada pelas teorias da evolução e da seleção natural no campo da Biologia; o surgimento da primeira versão da tabela periódica, na Química; no campo da Física, novos impulsos a partir da termodinâmica e do eletromagnetismo que possibilitaram o surgimento da energia elétrica, assim como de novas tecnologias, tais como o microscópio. Ao mesmo tempo em que ele se entusiasmava com as grandes conquistas, desconfiava do excesso de dados recolhidos da realidade e da pretensão de que, com estes infinitos detalhes, seria possível prever, dissecar e controlar as diferentes dimensões da realidade e da existência do homem. Embora acompanhasse com interesse a emersão das ciências naturais em seus pressupostos generalizantes e universais, Kierkegaard insistiu na importância de que não se perdesse o singular, o homem mesmo em sua existência, tanto na figura do observador quanto do observado. Este mesmo alerta ele dirigiu à Psicologia que, como as demais ciências, saía do solo da Filosofia e galgava o solo próprio como ciência autônoma e se via seduzida pelo conhecimento de cunho geral, perdendo de vista o singular. Em meio à investigação de fenômenos como angústia, desespero, fé, salto, disponibilidades estéticas, éticas e religiosas, Kierkegaard realiza experimentos psicológicos cujo propósito é, a nosso ver, dar vida aos fenômenos, ou seja, mostrar que os fenômenos não são apenas objeto para o sujeito pensante e especulativo (universal), mas são principalmente questões existenciais (singulares) que clamam por soluções no solo mesmo em que emergem. O objetivo deste trabalho é, primeiramente, apresentar o debate de Kierkegaard com a emergente ciência natural de seu tempo, colocando em discussão as categorizações universais dos modos de expressão do homem, onde ocorre um abandono das diferenças humanas decorrentes das suas singularidades. Pretende-se, ainda, por meio de um experimento psicológico, ressaltar o singular em meio ao universal. Para cumprir nosso objetivo de refletir sobre os limites entre a ciência natural e o saber da vida é que vamos ao encontro de algumas figuras presentes no texto, assinado pelo pseudônimo Constantin Constantius, intitulado A repetição. Tomaremos como método, ou caminho de apropriação do fenômeno, reflexões que materializam os problemas do conhecimento universal e do conhecimento singular no solo de um exercício de análise existencial do acontecimento. Nosso esforço está a serviço de enriquecer um pensamento clínico e, para isso, retomaremos o que foi discutido até aqui articulando reflexões que nos podem fortalecer e sensibilizar para uma escuta que não perca de vista o singular, ou melhor, que consiga ver na escuta com o singular a totalidade do que está em questão, protegendo-se de uma lida indiferente com a existência.

Palavras-chave: Singularidade; Universalidade; Filosofia existencial; Pensamento clínico; Psicoterapia existencial.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Psicóloga. Pro-cientista, Professora Titular do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É sócia fundadora e benemérita do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto, Presidente da Asociación Latino-americana de Psicoterapia Existencial (ALPE), no Brasil.

Coordena na UERJ o projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE e o projeto UERJ PELA VIDA.

Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e com Pós-Doutorado em Psicologia na mesma universidade. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto. Vice-presidente da Asociación Latino-americana de Psicoterapia Existencial (ALPE), no Brasil. Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial LAFEPE/UERJ e membro do grupo Margem Kierkegaardiana.

2.5 A ESCUTA NA CLÍNICA EXISTENCIAL E OS MODOS DE CUIDAR DA ESPIRITUALIDADE NOS CONTEXTOS DE SAÚDE

Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)

A literatura nacional e internacional anuncia que a presença de crenças religiosas e espirituais tem sido suporte em tratamentos de saúde e enfrentamento de enfermidades. As evidências científicas biomédicas também anunciam que a formação dos profissionais da equipe de saúde em carência de constructos e experiências para o cuidado existencial durante a emergência de vivências religiosas/espirituais de pacientes e familiares. A Psicologia enquanto ciência já aponta o acolhimento e a escuta ativa das vivências dos pacientes em contextos e práticas psicológicas em saúde. Pretende-se explicar os constructos teóricos e narrar um estudo de caso, atravessando os possíveis manejos clínicos que se mostram nos encontros com os pacientes e a construção de cada situação clínica em abertura ou restrição de possibilidades de cuidado na presença das vivências de espiritualidade. A fenomenologia enquanto fundamento intenciona neste trabalho contribuir na construção de um cuidar em relação com o mundo habitado pelo paciente e sua família, as relações de cuidado ofertadas pelas equipes de saúde e seus contextos interventivos pelas práticas de saúde. A promoção de uma postura clínica aberta ao diálogo se compromete com a integração do paciente e sua totalidade. Ao trabalhar na possibilidade de abrir escuta ao outro colonizado, dotado de sedimentações de seu tempo e cultura, e da capacidade de narrar a própria vida em espaço terapêutico, substitui a postura clínica que coloca o profissional colonizador como guia de referência em cuidados, assim legitimando o itinerário terapêutico de pro-cura de seu cuidado enquanto pertencimento ético, histórico e existencial das pessoas.

Palavras-chave: clínica existencial, espiritualidade e cuidados em saúde.

Lilian Cláudia Ulian Junqueira

Psicóloga. Mestre e Doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP). Psico-oncologista. Especialista Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo IFEN. Docente permanente do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista (UNIP) e da graduação em Psicologia. Linha de pesquisa: envelhecimento, morte e luto no ciclo vital. Experiência clínica e institucional com psicoterapia individual, casal, adolescentes, adultos, idosos e grupos. E-mail: lilian.junqueira@docente.unip.br.

2.6 A ESCUTA NO TRABALHO COM COLETIVOS E GRUPOS PELA PERSPECTIVA DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO

Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM)

O trabalho realizado com coletivos e grupos, pela perspectiva do existencialismo de J-P. Sartre, visa compreender o sentido das ações das pessoas que integram respectivos conjuntos práticos, partindo do entendimento que elas, enquanto uma unidade, têm um objetivo comum a alcançar. A escuta se dirige às experiências dessas pessoas no percurso que realizam em direção a um objetivo. Contudo, nem sempre o desígnio é estabelecido por elas próprias. As circunstâncias sociomateriais e históricas definidas, como, por exemplo, a cultura, a religião, o partido político, e todos os produtos humanos, por mais simples que sejam, quando socializados, ditam um futuro a se realizar. Isso ocorre, porque essas totalizações humanas contêm em si, de maneira inerte, o projeto de seus produtores. Dessa maneira, o campo da materialidade, ao “exigir” que os indivíduos ajam conforme sua finalidade, os unificam pela ação ordinária que determinam. Sartre denomina esse conjunto prático de serialidade. Nele se somam pessoas que agem de forma homogênea, por submeterem suas práxis ao cumprimento de projetos de terceiros. Essa estrutura é o fundamento da sociedade, mas o ajuntamento ordenado também pode ocorrer quando a demanda de se trabalhar coletivamente parte de terceiros. Já os grupos insurgem desses coletivos seriais e com eles se relacionam; e cada grupo irá se estruturar conforme seus propósitos. Importante ressaltar que, em nenhuma dessas estruturas sociais e comunitárias, as ações individuais se diluem no todo – o que nos indica que a liberdade individual é uma ameaça permanente à vida desses conjuntos práticos. Como a relação entre indivíduo, conjunto prático e campo material ocorre dialeticamente, não é somente a permanência do coletivo ou grupo que é ameaçada pela autonomia dos indivíduos. A construção e superação do campo material dependerá das totalizações parciais realizadas por eles, sejam isoladas ou conjuntamente. Como o produzem situados em condições específicas e dadas, esse campo indicará os limites e possibilidades de suas ações, exigindo que, a cada ato, escolham como lidar com as contradições. Sendo assim, cada indivíduo constrói a si e o mundo por esse movimento de totalização em curso. À vista disso, a complexidade das relações sociais é terreno fértil para os conflitos, sendo alguns produtores de sofrimento. Essa realidade nos informa a importância de uma escuta crítica, que apreenda tanto a experiência dos membros de um coletivo ou grupo na relação dialética com o campo sociomaterial, quanto a experiência vivida pelo(a) próprio profissional na sua relação com o conjunto prático que trabalha. No tocante ao método, o progressivo-regressivo possibilita conhecer a biografia do coletivo ou grupo, isto é, como nasceram; o que unifica as relações de seus integrantes; como são definidos seus objetivos, quais são e quem os define; qual reciprocidade estabelecem; como lidam com as contradições e se totalizam em curso, tendo em conta suas particularidades. Por fim, considerando que ser-com-outros não significa estar-engajado-com-outros, a escuta deve desvelar, a partir das experiências, como acontece o tecimento das relações nas condições dadas, com vistas a um fim comum.

Palavras-chave: Escuta; Existencialismo; Sociabilidade; Conjuntos práticos.

Sylvia Mara Pires de Freitas

Graduada em Psicologia (UCL/RJ). Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUC/RS). Doutora em Psicologia (UEM/PR). Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). E-mail: sylviamara@gmail.com.

2.7 A FENOMENOLOGIA CRÍTICA COMO EPISTEMOLOGIA PARA UMA ESCUTA LOCALIZADA

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

Embora a fenomenologia seja reconhecida como uma virada crítica desde seu início frente à ciência europeia, nos últimos anos, tem sofrido uma nova virada crítica em relação à sua própria posição epistemológica e metodológica, que desafia os cânones tradicionais do campo e nos convoca para o engajamento na mudança das realidades existenciais invisibilizadas, oprimidas e em sofrimento. Ao voltar-se para as coisas mesmas, a fenomenologia evoca o corpo do filósofo diante do mundo para compreender como o fluxo da consciência permite a percepção e a apreensão dos diferentes fenômenos, mas não se pergunta sobre o que (ou quem) sustenta o lugar e a posição deste filósofo e de um filosofar que mostra certos fenômenos, mas oculta outros. Ora, se há um campo espacial e temporal-histórico que sustenta e permite o aparecer dos fenômenos, a perspectiva da fenomenologia crítica está em busca de evidenciar este campo impensado e silenciado pela própria fenomenologia, seu fundo histórico, temporal e espacial que a sustenta como tal. Este é um problema que se torna ainda mais desafiador para ser enfrentado quando da apropriação do pensamento fenomenológico pela psicologia, em especial pelas psicologias clínica e da saúde. Nesses campos, a escuta das alteridades é central para um trabalho ético e afinado às necessidades das diversas populações atendidas. A escuta localizada se faz imperativa na lida com diferentes povos, com suas especificidades próprias, para que não se incorra no ocultamento das diferentes existências e dos diferentes mundos, espacialidades e temporalidades, em favor de uma descrição que ilumina certos aspectos dos fenômenos, a partir de uma luz que é externa aos fenômenos, ou seja, de uma racionalidade localizada no ocidente europeizado e colonizador. O gesto crítico proposto está justamente em permitir aparecer o que se oculta, o que tem estado nas nossas costas (ou que a fenomenologia tem tradicionalmente dado as costas). Seguindo a pista de Sara Ahmed, que ao olhar para o fundo da filosofia fenomenológica nos permite fenomenalizar o que está em suas costas, em seu fundo, o que desaparece como fenômeno evidenciável para que a própria fenomenologia se evidencie, a escuta localizada é aquela que não apenas evoca, mas reorienta os nossos corpos em direção ao fundo que sustenta e figura os fenômenos tal como se mostram em sua habitualidade histórica. No nosso caso latino-americano, nossa habitualidade é a colonialidade. A colonialidade impõe um fazer ver iluminado pelas luzes europeias às mais diversas comunidades e às realidades mais distintas, não permitindo que o brilho das diferentes existências se mostre, tal como estrelas que não são percebidas no centro de uma cidade grande. Especificamente no Brasil, vivemos uma história de entrecruzamentos de ser-entre-mundos, de diversidades de origens e povos. A escuta localizada no fazer da psicologia é aquela que permite que esse fundo que é a nossa história, plural e entrecruzada, emergja e seja considerada na lida com o sofrimento em detrimento das imposições de uma história única da ocidentalização colonialista, permitindo-nos libertar a compreensão de sofrimento da perspectiva individualista e estigmatizante.

Palavras-chave: Fenomenologia crítica, escuta localizada, decolonialidade

Joanneliese de Lucas Freitas

Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi pesquisadora visitante (visiting research scholar) do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA); Membro do GT ANPPEP Psicologia e Fenomenologia. E-mail: joanne@ufpr.br

2.8 A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: PROJETOS, DILEMAS E APROPRIAÇÕES

Adriano Furtado Holanda (UFPR)

A relação entre Psicologia e Fenomenologia aparece de uma forma intensa e recorrente em torno de toda a tradição fenomenológica – desde seus antecedentes, com Dilthey e Brentano, até sua sedimentação, com Husserl, Stein, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre e outros –, e transcende a simplificação decorrente da interpretação de que esta relação se dá apenas a partir dos estudos sobre o caráter empírico da consciência. O que se observa são vários sentidos para o conceito de Psicologia Fenomenológica. A compreensão desse conceito possui diversas consequências teóricas e práticas. Pretende-se, aqui, realizar uma discussão em torno dos dilemas decorrentes do não reconhecimento do projeto original de Psicologia Fenomenológica de Husserl, bem como tentar discriminar os principais caminhos que a Psicologia empírica pode ter, a partir de suas diversas interpretações. Tradicionalmente apontada como um “método descritivo”, a Psicologia Fenomenológica vem sendo ainda apreendida como uma perspectiva epistemológica contrastante aos modelos dominantes da psicanálise e do behaviorismo – a despeito das influências e interlocuções históricas com a primeira; e a despeito das possibilidades analíticas com a segunda – e, ainda, como um modelo clínico independente. A Fenomenologia – que nasce concomitante, em paralelo, à Psicologia dita Científica, ou experimental – acaba sendo apropriada a partir de três modulações: como um conjunto de práticas derivadas (sob a alcunha do “fenomenológico-existencial”), como uma psicologia empírica (notadamente a partir de sua vertente metodológica) e como uma psicologia pura (em geral, essa última sendo identificada com o projeto husserliano). Neste trabalho, pretendemos defender a ideia de que a Fenomenologia é uma Propedêutica para a construção de qualquer Psicologia Empírica ou técnica; ou seja, uma Psicologia Científica deve se constituir como necessariamente fenomenológica, o que não significa a alienação de outros olhares para esta construção. Diante disto, é relevante assinalar que a posição de uma propedêutica – ou seja, de um conjunto de posições introdutórias ou básicas – coloca a Fenomenologia como uma ciência preliminar, antecedente à posição empírica; e, ainda, assinala para caminhos que precisam ser retomados do Projeto Husserliano, tais como uma Antropologia, e uma Psicologia propriamente dita. Neste sentido, e em diálogo com as demais ciências, compreende-se a Fenomenologia como o caminho necessário para a descrição de uma ciência da consciência que, por sua vez, se desdobra em uma ciência da subjetividade e, por conseguinte, numa ciência da intersubjetividade (da cultura, da história e das relações sociais).

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológica, Husserl, Psicologia Empírica, Epistemologia, Propedêutica.

Adriano Furtado Holanda

Professor Associado do Departamento de Psicologia, e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Editor Chefe das revistas “Phenomenology, Humanities and Sciences” e “Revista da Abordagem Gestáltica”; Editor Associado da revista “Interação em Psicologia (UFPR)”. Coordenador do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno-UFPR). Vice-Coordenador do GT “Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos” (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia - ANPEPP) e membro do GT “Fenomenologia” (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia - ANPOF). E-mail: aholanda@yahoo.com / Instagram: @afholanda / www.labfeno.com.br.

2.9 A PSICOLOGIA HOSPITALAR E A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA: NAVEGAR PELA "TERCEIRA MARGEM DO RIO"

Juliana Vendruscolo (UNAERP)

O cenário hospitalar é prioritariamente um ambiente médico e de enfermagem, o que é caracterizado com a aplicação de um saber extremamente técnico. O objetivo desse trabalho, pautado no método fenomenológico-hermenêutico é partir da reconstrução da literatura secundária sobre a interface da psicologia e do hospital, seguir pela destruição com a literatura primária, não referenciada nos constructos teóricos, mas literário e construir outra compreensão acerca da possibilidade de cuidado. Partindo do universo das ciências naturais é possível identificar que o saber técnico separa a equipe de saúde e suas intervenções em uma margem e, no lado oposto, aloja o paciente e seus familiares, que devem receber e aceitar os cuidados que lhe são propostos ou impostos. A doença, então, é considerada uma invasora do corpo, que tomado como objeto deve ser manipulado. Nessa perspectiva, o hospital pode ser considerado a oficina em que essa operação irá ocorrer, ou seja, um cuidado totalmente substitutivo. A psicologia moderna, inserida nesse mesmo horizonte histórico busca técnicas para favorecer o “conserto” do paciente e procura, muitas vezes, silenciá-lo e direcioná-lo para adesão ao tratamento. Quando tal situação não se efetiva, considera-se que o paciente está resistente, ou seja, tem um duplo “defeito” – físico e psicológico. Ao longo da história o cuidado com a saúde é identificado de maneiras mais integradoras, como por exemplo, com o culto a Esculápio na Grécia antiga. Os doentes, buscando sua ajuda, deveriam dormir no templo para serem inspirados em sonhos e, dessa forma, procederem à busca da condição de saúde. Não havia a solução imediata para o adoecimento, o que difere radicalmente do que se espera de um cuidado médico na atualidade. No mundo contemporâneo há uma inabilidade em lidar com a dor, o que está refletido na forma como se dá a atenção à saúde. Cuidar, de maneira libertadora exige que profissionais da saúde rompam com a dicotomia em que se colocam paciente e equipe, abrindo a possibilidade de navegarem na “terceira margem do rio”. Inspirados no conto de Guimarães Rosa, o paciente hospitalizado é aquele que habita um novo lugar, que vem com o mundo de fora e ao mesmo tempo está suspenso, sem ele. Cuidar nesses espaços de rio pede a lida para além do corpo material, da lógica do consertar. Busca a compreensão do corpo, do corporar ou da corporeidade como uma dimensão humana e não como um objeto da natureza. Ele suporta contradições e procura desvelar o sentido que se dá no processo de adoecimento, naquele que cuida de si mesmo e mostra como quer ser cuidado e daquele que cuida. Sendo assim, a psicologia hospitalar pautada na fenomenologia hermenêutica parte da premissa de que é sempre uma existência humana quem sofre e não apenas um corpo simplesmente dado.

Palavras-chave: psicologia hospitalar; psicologia da saúde; fenomenologia hermenêutica,

Juliana Vendruscolo

Pós-doutora, doutora e mestre pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP; Especialista em Psicologia clínica Fenomenológico-existencial; Especialista em Psicologia Hospitalar; Docente da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP); Coordenadora do Ambulatório de Luto (UNAERP); Sócia colaboradora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Morte e Luto do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN); Psicóloga clínica. jvendruscolo@unaerp.br.

2.10 A TRAIÇÃO E O RESENTIMENTO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA ÔNTICA E EXISTENCIAL

Amanda Fernandes Rodrigues Alves (EERP/USP)

Fabio Scorsolini-Comin (EERP/USP)

A temporalidade heideggeriana enfatiza que o ser humano é sempre lançado no tempo, sendo seu passado um elemento constitutivo do seu presente. Para Heidegger a angústia é considerada como disposição fundamental porque além do caráter de singularização da existência do homem, ela abre para ele a possibilidade de sair da decadência e de se apropriar de seu ser. Este estudo de caráter teórico-reflexivo, partindo da perspectiva fenomenológica-existencial heideggeriana, toma como *corpus* analítico a canção *Resentment*, buscando explorar como a experiência humana e a temporalidade são retratadas diante da traição. Ela foi escrita em sua primeira versão em 2003 por Walter Millsap III, Candice Nelson e Curtis Lee Mayfield e três anos depois reescrita e interpretada pela cantora norte-americana Beyoncé. Percebe-se o ressentimento como uma resposta emocional ao rompimento de confiança e aos questionamentos que essa traição suscita sobre a identidade e os valores do eu lírico feminino – uma mulher que se apresenta a partir da traição pelo companheiro. Na canção, a traição quebra um contrato/acordo do casal - o que traz uma ruptura, um “acontecimento” que descontinua a cotidianidade do ser-no-mundo vivida pelo eu lírico. Essa ruptura é um convite para um confronto com seu próprio ser autêntico. As lembranças do passado, os momentos compartilhados com o parceiro e a dor da traição são experiências que surgem no horizonte do presente. A angústia emergente a partir da traição descerra o mundo para o eu lírico da canção e, assim, traz um duplo aspecto: desentender-se pela própria vida pelo projeto anteriormente estabelecido e desentender-se com o parceiro. Heidegger argumenta que é através do confronto com nossa própria finitude que podemos buscar uma existência autêntica e encontrar um significado genuíno para a vida. Podemos apontar essa busca pela autenticidade quando, na canção, o eu lírico aventa a possibilidade de um percurso diferente e que conduzisse a outro desfecho. Na perspectiva heideggeriana, a autenticidade também está relacionada à noção de cuidado, que implica em uma responsabilidade pela própria existência e pelas escolhas que fazemos. Esse cuidado está presente no itinerário do eu lírico, que parece avançar em sua jornada de autoconhecimento e autenticidade, expressando a necessidade de se libertar do ressentimento e seguir em frente. Esse processo representa a busca humana por um sentido existencial genuíno. A partir desse panorama, podemos concluir que a música em tela nos permitiu refletir que, por meio da angústia e do confronto com o passado, o eu lírico torna-se capaz de buscar sua autenticidade e o sentido de sua existência. Para além disso, a análise fenomenológica, aqui empreendida tomando como ancoragem a canção, revela como a música pode ser uma forma rica e expressiva de explorar questões filosóficas e existenciais profundas que ressoam nas pessoas, podendo ser usada como recurso acessível para reflexão em análise individual ou na clínica de casal.

Palavras-chave: traição, ressentimento; temporalidade; fenomenologia existencial.

Amanda Fernandes Rodrigues Alves (EERP/USP)

Psicóloga. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - Programa Interunidades. Bolsista de Doutorado da CAPES. E-mail: amanda.fr.alves@usp.br.

Fabio Scorsolini-Comin (EERP/USP)

Psicólogo, Mestre, Doutor e Livre Docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP) e do Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem da USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br.

2.11 ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO: REFLEXÕES ACERCA DA ESCUTA CLÍNICA EM UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA

Samira Goulart (UERJ)

Desde a pandemia, o serviço-escola da UERJ oferece acolhimento psicológico à população, configurando-se como atividade de estágio responsável pela porta de entrada do serviço. A partir da experiência de escuta dos usuários e estagiários em meio à construção dessa prática, o presente trabalho tem como objetivo refletir acerca das possibilidades e desafios do acolhimento no âmbito do serviço-escola e da psicologia, visando refletir e compreender o lugar da escuta nesta modalidade de atendimento. Questões como: O que é o acolhimento e como pode ser caracterizado? Qual o lugar dessa escuta na clínica psicológica? - levaram a uma Revisão Narrativa da literatura. Partiu-se da busca de textos e artigos que versavam sobre como o acolhimento vem sendo compreendido no campo da saúde e da psicologia, para adiante refletir como a escuta clínica se dá nesse atendimento e suas especificidades; destacando alguns elementos importantes que a caracterizam e diferenciam, a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial. Através desse estudo chegou-se, então, a uma compreensão do acolhimento como uma postura ética cuja prática emerge em correspondência às diretrizes da Política Nacional de Humanização do SUS, na tentativa de melhor receber, escutar, acompanhar e encaminhar os usuários nos serviços. Na psicologia, entretanto, tal prática vem sendo considerada como uma modalidade de atendimento, breve e focal, muitas vezes comparada ao atendimento de emergência e/ou plantão psicológico. Nas experiências dos serviços-escola, algumas anteriores à pandemia, o acolhimento aparece como alternativa à triagem, configurando-se como estratégia mais humanizada e organizadora da porta de entrada do serviço, que oferece prontamente uma escuta a quem o procura. Destaca-se, deste modo, certa especificidade da escuta que, para além de avaliar, interpretar e classificar, é definida como sensível, cuidadosa e integral. A experiência de supervisão no acolhimento realizado pelo serviço-escola permite então uma reflexão sobre a escuta clínica nesse tipo de atendimento, no qual se destaca a necessidade de suspensão das teorias e abordagens previamente aprendidas pelos estagiários para que possam escutar o outro em seu lugar de fala, ou seja, ter uma escuta calcada na experiência. O acolhimento revela-se, assim, como um espaço e tempo de abertura ao outro, permitindo que algo se mostre para além das queixas e diagnósticos e das interpretações vigentes. Através dele o estagiário aprende a aguçar sua escuta e a estar presente enquanto abertura sensível e empática ao outro, compartilhando a responsabilidade de suas falas, intervenções, registros e encaminhamentos, aproximando-se da postura ética que preconiza a PNH. Em uma perspectiva fenomenológico-existencial, o acolhimento é pensado ainda como cuidado, enquanto relação na qual o estagiário se (pre)ocupa do outro, sustentando a responsabilidade de ambos no processo e a relação co-originária de homem-mundo na lida com a dor e o sofrimento. Por fim, é possível observar diferenças e afinidades entre o acolhimento e a psicoterapia tradicional, que, para além do número de encontros, está na relevância e refinamento da escuta e na urgência de afinação ao outro requeridos pelo acolhimento, que desafia o estagiário ao contato com uma grande diversidade de pessoas e experiências.

Palavras-chave: Acolhimento; Escuta Psicológica; Psicologia Clínica; Serviço-Escola

Samira M. S. Goulart

Psicóloga do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Psicologia Social pela UERJ; Especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN;

Especialista em Psicologia Médica pela FCM/UERJ. Atua como psicóloga e supervisora de estágios clínicos no Serviço de Psicologia Aplicada; é coordenadora dos Projetos de Extensão e PROTEC “Recepção e Acolhimento Psicológicos SPA/IP/UERJ”. Sócia colaboradora e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e autora do livro “Modos de vida no Contemporâneo”. E-mail: samira.goulart.sg@gmail.com.

2.12 APONTAMENTOS SOBRE A NOÇÃO DE EVIDÊNCIA A PARTIR DA PSICANÁLISE EXISTENCIAL DE SARTRE

Jameson Thiago Farias Silva (UFS)

A psicologia, sendo uma ciência empírica, deve pautar suas discussões pela experiência. O que Jean-Paul Sartre fará em seus trabalhos psicológicos, porém, é pôr em questão a própria noção de experiência mobilizada pela psicologia, sustentando que as ciências da natureza não se propõem a conhecer seus objetos, mas a reunir sobre eles um grande conjunto de fatos e generalizações. Proporá, a contrapelo, a psicologia como uma ciência eidética, uma ciência que, considerando a intencionalidade dos atos da consciência, os estudará enquanto sentido, significado. Com o conceito de intencionalidade, a fenomenologia recusará o predicamento egocêntrico, isto é, certa concepção da consciência entendida como uma caixa fechada, e que, a partir de crenças e representações, estabelece a relação adequada entre seu dentro (a mente) e o fora (o mundo). Esta noção de sujeito e de conhecimento está alinhada tanto com filosofias clássicas, como o cartesianismo, quanto com discussões contemporâneas sobre a consciência, como o cognitivismo e as ciências neurológicas. Para esta psicologia clássica, o ato de perceber é entendido como a soma de sensações, de dados visuais, táteis ou auditivos reconstruídos a partir da minha inteligência e da minha memória. Deslocando tal elementarismo, Sartre nos convida a pensar a emoção não como um processo psíquico, mas como uma variação de nossas relações com o outro e com o mundo. Assim considerada, a emoção não é uma realidade interna mas um fato objetivo legível em nossa atitude corporal situada. É ao redor destas considerações gerais sobre as emoções que o objetivo desta apresentação se centra: a saber, explorar os princípios de uma psicanálise existencial nos termos propostos por Sartre em sua tese de 1943, *O Ser e o Nada*, em quatro movimentos: i. explicitar a estrutura argumentativa do texto sartreano, apontando certa relação entre forma e conteúdo da escrita de Sartre e extraíndo desta estrutura uma relação entre intencionalidade, desejo e relação problemática com o mundo, ii. extrair do problema fundamental de sua tese - isto é, a constituição de uma ontologia fenomenológica - uma noção de sujeito e de objeto, iii. organizar um ponto-a-ponto das comparações feitas por Sartre entre a psicologia freudiana e o que chamará de psicanálise existencial, e iv. concluir propondo uma noção de experiência e de evidência a que a psicologia, na condição de ciência humana, ciência deste considerado particular que é o humano, deveria recorrer. A busca de evidências que explicitem variáveis ambientais ou representações mentais, tomadas em si mesmas, são insignificantes, isto é, não consideram o caráter significativo, significativo da consciência de sempre apontar para outra coisa que não ela mesma. Trata-se não de ignorar o procedimento, o protocolo, o formulaico, o científico, mas de submetê-los a um novo projeto: o de explicitar a experiência e deixá-la falar ao invés de encobri-la com quantidades puras ou expressões metafísicas.

Palavras-chave: Psicologia; Epistemologia; Psicanálise; Existencialismo.

Jameson Thiago Farias Silva

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI-UFS) e Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFS). Faz parte do Coletivo de Estudos da Subjetividade e Políticas para a Vida (UFS) na condição de pesquisador, e do Grupo de Pesquisas em Argumentação e Retórica Aplicadas (UFS), na condição de estudante. É atualmente membro do colegiado de Psicologia da Universidade Tiradentes. E-mail: jamesontfsilva@gmail.com.

2.13 AS PSICOTERAPIAS HUMANISTAS E EXISTENCIAIS E O PAGAMENTO EM DINHEIRO: QUAL É O PREÇO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA?

Guilherme da Silva Sant'Anna (UNIFASE/IFEN)

Esta apresentação tem por objetivo problematizar as possíveis repercussões da relação de pagamento em dinheiro na relação psicoterapêutica. Para tanto, o percurso da pesquisa se dá em uma revisão bibliográfica dividida em duas partes: primeiro, abordando a psicoterapia e a relação psicoterapêutica; depois, acerca dos pagamentos em dinheiro e do capitalismo contemporâneo. Tendo em consideração a constituição histórica da psicoterapia no ocidente e suas principais ramificações teóricas, são apresentadas as noções de relação terapêutica tais como Carl Rogers, Rollo May e Irvin Yalom, três autores da terceira força da Psicologia, as desenvolvem em suas obras escritas. Para esses autores, a relação depende de certas disposições por parte dos psicoterapeutas, como a consideração positiva incondicional, a presença autêntica e a preocupação genuína. Em seguida, aborda-se as relações de pagamento, salientando-se sua constituição histórica e as especificidades que essas relações e o dinheiro assumem no contemporâneo. Por fim, uma reflexão crítica sobre a interação entre relação terapêutica e pagamento em dinheiro é empreendida. Analisando-se tal interação à luz dos elementos expostos na revisão anterior, pode-se notar incongruências entre os pressupostos quanto à relação terapêutica e a características do pagamento em dinheiro das sessões de psicoterapia, como, por exemplo, a condicionalidade do pagamento articulada à noção de consideração positiva incondicional; a genuinidade de uma preocupação que se remunera. Também, analisou-se possíveis prejuízos e benefícios à relação terapêutica advindos da existência e configuração do pagamento, como a possibilidade de que o pagamento sirva como evidenciador de modos de relação do paciente em sua existência, ou que promova a objetificação da relação terapêutica ao quantificá-la e condicioná-la.

Palavras-chave: Psicoterapia. Relação terapêutica. Pagamento. Dinheiro.

Guilherme da Silva Sant'Anna

É psicólogo e mestre em psicologia social formado pela UERJ. Atua como psicoterapeuta em atendimentos presenciais e online. É autor e faz parte da comissão editorial de livros no IFEN. Sócio colaborador e professor do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). É professor de psicologia e supervisor de estágio em psicologia clínica na abordagem fenomenológico-existencial na UNIFASE, em Petrópolis, RJ. E-mail: guilhermesantpsi@gmail.com.

2.14 CONSIDERAÇÕES HERMENÊUTICAS SOBRE A LINGUAGEM, A ESCUTA E O SILÊNCIO

Luiz José Veríssimo (UVA)

Nosso estudo pretende alcançar o campo da hermenêutica, especialmente no que concerne à natureza mais própria da linguagem, do falar, da escuta, inclusive, do silêncio. Podemos assinalar que parte da atual tarefa foi buscar inspiração em algumas considerações de Heidegger sobre a linguagem que aparecem nas obras *Ensaaios e conferências* e *A caminho da linguagem*. Em nossos estudos na Filosofia e na Psicologia aprendemos a entender hermenêutica de várias formas. Nesse momento, interessa-nos trabalhá-la como o campo de estudo que toma como problema o sentido, a compreensão, a interpretação. O solo que dá sustento ao labor hermenêutico, o seu fundamento, é a linguagem. Só conseguiremos aceitar o convite que a linguagem nos faz para abrigarmos no campo hermenêutico não só o dizer, mas também a escuta e o silêncio, se nos dispusermos a nos perguntar sobre o caráter genuíno da linguagem. Nesse momento, somos convidados a entrar numa via que nos apresenta o problema referente ao escutar o *logos*. O que é escutar o *logos*? O falar, a escuta, o silêncio implicam um escutar o *logos*. Ele envolve um colher e recolher aquilo que advém e que se ex-põe, o aceno do mundo ao ser-no-mundo, constituinte de seu próprio habitar. Desse ponto, passamos para uma pergunta dirigida à prática psicoterápica. Que *logos* é esse, que nos dispomos a escutar, no caso da pessoa atendida? Nesse tipo de encontro, não se acha apenas uma subjetividade, uma narrativa acerca de si mesmo como um exercício, por assim dizer, da sua subjetividade. Em uma narrativa de alguém acerca de si mesmo, falam também a sociedade, a história, a cultura, o *mundo*, enfim. Numa escuta psicoterápica põe-se o mundo e o escolher-se no mundo. Em cada fala singular o mundo ex-põe-se, expõe-se a situação humana no mundo, fala, inclusive o silêncio naquilo que se fala. A escuta psicoterápica, escuta de si mesmo, enquanto um si que se faz no mundo, a confissão num cenário religioso, a escuta cuidadosa da natureza, a conversa numa perspectiva dialógica, a abertura ao silêncio e ao mistério são possibilidades de escuta do *logos*. Na obra de arte, não fala apenas a “visão” do artista, o espelho de parte de sua biografia, mas algo que se põe ao artista. Por sua vez, ele deseja dar cores, sons, letras, formas, movimento, deseja ex-por na linguagem o que se apresenta pela linguagem e como a própria linguagem. Ele responde afirmativamente ao apelo da linguagem. Num estudo científico não se deve dar atenção apenas à lógica empírico conceitual, mas deve-se escutar a *physis*. Numa conversa, não se fala apenas aquilo que se imagina estar dizendo ou ocultando. Dessa forma, o *falar* inerente à linguagem silencia toda tentativa de pôr um fim antecipado à escuta e ao falar ou aprisionar a linguagem numa circunscrição lógica, teológica, metafísica, científica ou moral.

Palavras-chave: Hermenêutica; Psicologia Fenomenológico-existencial; Heidegger.

Luiz José Veríssimo

Psicólogo clínico (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ), graduado, mestre, doutor e pós-doutor em Filosofia (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ). Professor adjunto e supervisor clínico na Universidade Veiga de Almeida (UVA) na linha existencial. Leciona nos seguintes cursos: especialização em Psicoterapia Existencial Vivencial e Dialógica na PUC-RJ; curso de Extensão O amor, a paixão o olhar e as Relações Humana pelo CCE PUC-RJ; Curso de Especialização em Psicologia Clínica Existencialista Sartriana no Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial (NUCAFE); Curso de Psicologia Fenomenológico-Existencial na Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: verissimofilos@gmail.com.

2.15 CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE À PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens (UNIOESTE)

A conferência se ocupa da Hermenêutica da facticidade, do filósofo alemão contemporâneo Martin Heidegger (1889-1976). Nosso propósito inicial é apresentar, sumariamente, os termos do referido projeto filosófico e como este pretende uma abordagem do fenômeno humano enfocado como “vida fática” (faktische Leben). Neste modo de visar, importa para Heidegger a determinação dessa vida, a qual ele denomina de “facticidade” (Faktizität), conceito que, ao longo de sua investigação, vai, progressivamente, ganhando importância e centralidade. Tratado no seio de Ontologia: Hermenêutica da Facticidade (preleção do semestre de verão ministrada na Universidade de Friburgo em 1923), o conceito de facticidade tem lugar no tentame de elaboração de um modo de tornar nosso ser mais claro a nossa própria compreensão. Justamente por isso, uma tal hermenêutica de nós mesmos não constitui uma metodologia de interpretação de um objeto que pretensamente seríamos. Assim, hermenêutica seria, antes, o procedimento que, contando com a compreensão que temos de nosso próprio ser, pode tomar o sentido de nosso factum, de nosso fato de ser. No ano em que se comemoram os 100 anos do proferimento daquele curso friburguense (1923-2023), aproveitamos para evidenciar o quanto a hermenêutica da facticidade é tão hermenêutica quanto também fenomenológica e que, a ideia de “tomar o nosso próprio ser nas mãos”, como diz o filósofo em seu texto, é um modo sui generis de compreender o slogan fenomenológico de ir “de volta às coisas mesmas”. Nosso trabalho ainda se empenhará por deixar claro o quanto a facticidade não é um traço natural, substancial ou essencial do ente que somos, em sua caracterização fenomenológica, tal figura constitui, para Heidegger, uma dinâmica de “fazer-se”, o que nos leva a pensar no caráter em aberto e continuamente criador da vida em seu “dar-se”. Ao fim, ensaiamos, como nosso título anuncia, uma indicação do quanto a hermenêutica da facticidade teria a contribuir para o modo de compreender e comportar-se de uma psicologia fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Hermenêutica da facticidade; Psicologia fenomenológico-existencial; Heidegger; Facticidade

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Doutor em Filosofia pela UERJ, Professor dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Maringá – UEM e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Membro de instituições nacionais e internacionais relacionadas ao estudo da fenomenologia e da hermenêutica, entre elas a Sociedade Nórdica de Fenomenologia e a Sociedade Ibero Americana de Estudos Heideggerianos. Autor de livros como Heidegger & a Educação (Ed. Autêntica, 2008) e 10 Lições sobre Heidegger (Ed. Vozes, 2015). Editor chefe de Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics. Sócio colaborador e professor convidado do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN).

2.16 CONTRIBUIÇÕES DE LIMA BARRETO PARA O DEBATE SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS

Ana Lúcia Trindade de Souza (UERJ)

Este estudo busca analisar como as denúncias tecidas por Afonso Henriques de Lima Barreto (1881- 1922) podem contribuir para potencializar o debate acerca da implementação de Políticas Públicas no Brasil. Sob a lente do colonizado, Lima Barreto lança luz sobre questões importantes para compreender as diversas formas de preconceitos que se apoiam mutuamente privando grande parte da população de direitos fundamentais. As narrativas barretianas desvelam os problemas de uma sociedade orientada por uma cultura eurocêntrica, auxiliando-nos a refletir sobre os paradigmas de pensamentos científicos do período de transição do Império para a República e pós- abolição. Nesse contexto a obra desse escritor carioca torna-se imprescindível para as discussões em torno de questões sociais, políticas, culturais e raciais do Brasil, levando-nos a refletir sobre como questões como a raça, classe e gênero posicionam as pessoas de forma diferente no mundo. A obra Lima Barreto contribui para intensificarmos o debate acerca de modelos hegemônicos de pensamentos ancorados em uma cosmovisão eurocêntrica, a fim de pensarmos em novas estratégias de desconstrução de práticas cristalizadas de normas sociais opressoras, excludentes e hierarquizantes. Além da grande importância de Lima Barreto para o cenário cultural do país, sua obra torna-se também de grande importância nos estudos do campo da saúde mental e das políticas públicas, visto que, além de ser um observador crítico dos costumes de sua época, esteve internado duas vezes no hospital de alienados do Rio de Janeiro deixando-nos um rico material de pesquisa no campo da saúde mental. Sua obra alerta-nos para a necessidade de desnaturalizar metodologias construídas ao longo do tempo que subjuguem e hierarquizam povos colonizados e aqueles considerados “párias sociais”. As reflexões de Lima Barreto auxiliam-nos a pensar na necessidade de olharmos para um Brasil mais próximo da sua realidade, com toda a sua diversidade. O escritor salientou em seus textos a imprescindibilidade de um novo olhar sobre os modelos impostos, a fim de romper com a memória de submissão colonial e desconstruir a visão etnocentrista da cultura europeia, ressaltando a importância de um olhar mais atento e sensível sobre a existência humana, de modo que seja possível construir políticas de bem-estar social que possam garantir a todos o direito de viver com dignidade, respeitando os modos plurais da existência.

Palavras-chave: Lima Barreto, Políticas Públicas, povos colonizados, exclusão, modos plurais da existência.

Ana Lúcia Trindade de Souza

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-existencial (IFEN/RJ). Mestranda em Psicologia Social (UERJ). Sócia colaboradora e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Graduada em Psicologia (UGF). Graduada em Letras (UERJ), Mestre em Linguística (UFRJ). Professora de Língua Portuguesa e Literatura. Atualmente exercendo a função de Articuladora Pedagógica (SEEDUC-RJ). E-mail: anadirj@uol.com.br.

2.17 DA MONOGAMIA À RELAÇÃO ABERTA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS EM DIÁLOGO COM A CLÍNICA DE CASAIS

Amanda Fernandes Rodrigues Alves (EERP/USP)

Leandra Rossi (NUCAFE)

Na contemporaneidade, tem ganhado expressão a composição de parcerias amorosas que optam por recusar os modelos tradicionais de relacionamento, historicamente marcados pelo amor romântico, heteronormativo e de monogamia compulsória. Diante das transformações das normas sociais e dos valores culturais, a relação aberta tem sido concebida como via de ampliação das possibilidades da relação, tendo em vista a liberdade sexual contraposta à monogamia, bem como novos contornos para a responsabilidade afetiva entre os envolvidos, pautados no diálogo e na transparência. Considerando que a decisão de abrir a relação se constitui como uma demanda de nosso tempo endereçada ao analista, este estudo teórico-reflexivo se propõe a compreender essa possibilidade relacional à luz da analítica existencial heideggeriana, em diálogo com a clínica de casais. Na situação específica de um casal monogâmico que decide abrir a relação, motivado, no plano ôntico, por justificativas diversas, este estudo se propõe a discutir alguns aspectos: Em que medida o novo acordo estabelecido amplia a condição existencial de ser-com-o-outro de cada envolvido considerando a relação “matriz” que estabeleceram outrora e seu renovado “contrato”? Como o casal confrontar-se-á com o desdobramento da temporalidade e da finitude da relação que agora se transforma? Como os envolvidos temporalizam a relação amorosa, desde sempre em trânsito, considerando o enfeixamento entre o passado já vivido e o futuro agora almejado, com o anúncio de um devir desconhecido? Apoiando-nos na tônica heideggeriana sobre a abertura do Dasein, entendemos que o horizonte histórico atravessa a renovação contratual das relações amorosas, no sentido de ampliação do campo de possibilidades, porém desafia a familiaridade e a ordem previamente instituídas, cujas bases sustentavam a relação em um determinado *modus operandi*. Essa decisão implica revisitar os acordos sustentados pelo casal, para uma projeção futura afinada com o cenário epocal de relações amorosas líquidas e de consumo, atravessadas pela pós-modernidade e pelo caráter efêmero das experiências afetivas e sexuais. Remetendo-se ao passado da relação, o casal pode ser confrontado com desejos e projetos de vida ainda cristalizados e/ou não consumados, o que pode representar desafios às bordas de uma relação aberta. Em contrapartida, pode-se notar que nem sempre a decisão pela abertura da relação se apresenta - em seu caráter experimental e inédito para um casal anteriormente monogâmico - como um horizonte comum e sustentável para os envolvidos, devido ao confronto com os novos acordos, cujas consequências não são avistadas e asseguradas de antemão. Dilemas éticos podem ser inaugurados, como o risco e a ameaça de construção de novos vínculos com os terceiros envolvidos. Ciúmes e inseguranças podem emergir e serem compreendidos como a expressão do descompasso entre a força estrutural do modo monogâmico de se relacionar (formalmente renunciado) com o projeto almejado de uma relação aberta, mais flexível e livre, mas com consequências complexas. Concluímos compreendendo as contribuições do legado heideggeriano para fundamentarmos a escuta clínica a casais, por esta se constituir como um espaço favorecedor da lida com as condições existenciais em face dos novos e epocais horizontes assumidos no âmbito das relações amorosas.

Palavras-chave: Relação aberta; Analítica existencial; Terapia de casal; Escuta clínica.

Amanda Fernandes Rodrigues Alves

Psicóloga. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - Programa Interunidades. E-mail: amanda.fr.alves@usp.br.

Leandra Rossi

Psicóloga, Mestre e Doutora pela USP de Ribeirão Preto. Atuou como psicóloga hospitalar no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP e foi professora titular dos cursos de Psicologia da UNIARA, UNIP-RP e Centro Universitário Barão de Mauá. Tem Formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-existencial pelo IFEN-RJ e é especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto NUCAFE. Atua como psicóloga clínica desde 2006. E-mail: leandrarossi78@gmail.com.

2.18 HÁ POSSIBILIDADES DO CINEMA, COMO ARTE, AUXILIAR NO APERFEIÇOAMENTO DA ESCUTA CLÍNICA PSICOLÓGICA?

Telma Regina Lago Costa (IESB-DF)

A escuta clínica psicológica requer do psicoterapeuta uma abertura, uma escuta contemplativa com o objetivo de se aproximar da vizinhança daquilo que o paciente expressa na linguagem: o seu próprio existir. *“A fala e a ação do cliente serão não só a fonte reveladora do movimento do seu existir como também a expressão do modo que ele lida com sua liberdade”* (Feijoo, 2010). O objetivo do diretor de uma película, ao imaginar a sua obra, procura mostrar o jeito como percebe aquilo que o cerca, aquilo que o aflige ou aquilo que gosta. O que se pretende nesta palestra é utilizar trechos do filme *“Nunca deixe de lembrar”* (Werk ohne Autor, 2018), do diretor e roteirista alemão Florian von Donnersmack para pensar a importância da arte na ampliação de uma escuta clínica psicológica. Será que uma imersão, um debruçar-se em uma película pode ampliar a escuta clínica psicológica do profissional de Psicologia? Para que serve a arte? Para que servem os encontros clínicos? A psicologia clínica fenomenológica-existencial tem como foco auxiliar, no cuidado, o desvelamento de impedimentos manifestados pelo paciente, lembrando a este que ele é um ser de possibilidades infinitas e estas ocorrem em situações que podem ser vistas de outra maneira, podendo deixar de ser impedimentos que o paralisem. A arte pode lançar à psicologia clínica na fenomenológica-existencial a reflexão sobre o quanto o afeto, a linguagem sensível necessita considerar os passos do paciente quando busca a clínica psicológica. A psicoterapia é uma oportunidade do paciente de se reinventar e do psicoterapeuta de ampliar a sua sensibilidade, serenidade e paciência para percorrer os caminhos do paciente sem colocá-lo na posição de confissão e julgamento. *Parece ser fundamental o mergulho na experiência singular para descortinar o sentido único que se revela a partir da própria experiência para aquele que a vivência* (Ferreira, 2016). É um desafio e um caminho de encontro entre psicologia e a sétima arte que pensa e costura entre histórias reais, artes plásticas, sensibilidade do diretor, do ator, espectador, do cliente e do psicoterapeuta. Cada um destes personagens pode ser afetado pelo outro, seja na arte ou na clínica psicológica, e esta afetação pode contribuir com a ampliação da escuta na clínica.

Palavras-chave: abertura; cinema; compreensão; escuta clínica; verdade.

Telma Regina Lago Costa

Psicóloga clínica CRP 01/2437 (desde 1984); docente e supervisora clínica (IESB desde 2014); Graduação em Psicologia (Uni-Ceub, 1984); Licenciatura em Psicologia (Uni-Ceub, 1983); Especialização em Psicologia Clínica (CRP/DF, 1990); Especialização em Filosofia (UnB, 2005); Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Saúde (UnB, 2013); Formação em Psicologia Fenomenológica-Existencial (IFEN RJ, 01.2023). Sócia colaboradora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: telmalagocosta@gmail.com.

2.19 “NA RUA, NA CIDADE, NO MEIO DA MULTIDÃO”: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE SARTRE PARA UMA CLÍNICA NÃO PRIVATIVA.

Carolina Freire de Araújo Dhein (IFEN)

Segundo o *SensoPsi*, realizado pelo Conselho Federal de Psicologia em 2022, a Psicologia Clínica, em especial a modalidade da psicoterapia, continua sendo a área de atuação profissional mais predominante entre os psicólogos brasileiros. Apesar da ainda expressiva predominância, não são poucas as críticas que circunscrevem essa práxis profissional, dentre elas os argumentos de que se trata de uma prática individualista, privativa e, principalmente, desvinculada dos compromissos sociais. Expressivos autores como Michel Foucault, Luiz Cláudio Figueiredo, Luiz Antônio Baptista e Cecília Coimbra, por exemplo, já teceram críticas veementes ao caráter psicologizante e intimista da Psicologia Clínica, que apoiada numa concepção de sujeito interior e autônomo, atuava, inclusive, à serviço de práticas de controle higienistas e corretivas. Ao longo das últimas décadas, a Psicologia como ciência e profissão, vem cada vez mais voltando-se para a importância de sua atuação no campo social e comunitário, compreendendo as urgências do cenário político, econômico e social que contorna a realidade brasileira. Levando em consideração a pertinência dos apontamentos destacados acima, quais sejam, de que a psicologia clínica é uma prática individualista, privativa e desconectada das questões sociais, encontramos no pensamento filosófico, político e literário de Jean-Paul Sartre argumentos a favor de uma clínica não privativa. Por privativo compreendemos aquilo que se caracteriza por um caráter intimista, exclusivista e restritivo. O pensamento de Sartre, no entanto, parte da compreensão de todo e qualquer fenômeno humano como singular-universal, o que significa dizer que a dimensão singular da existência, é a um só tempo, social e histórica. De modo transversal, Sartre defende que a existência humana se constitui concreta e irremediavelmente *no mundo, para fora, para os outros*, como um grande *estouro*, que a impede de conservar qualquer resquício de interioridade. Isso significa dizer que existir e agir são co-originários. Essas prerrogativas conduzem o filósofo no caminho de um pensamento comprometido com as condições históricas de seu tempo. No presente trabalho, nos valem dessas contribuições para refletir acerca da possibilidade de defender a psicologia clínica, aqui tomada como sinônimo de psicoterapia, como uma práxis de acolhimento e escuta que traz como fundamento a compreensão dos sentidos presentes nos sofrimentos existenciais como diretamente articulados ao contexto histórico no qual emergem. Considerar a existência humana como singular-universal nos possibilita pensar um exercício de suspensão de dicotomias como interior/exterior, público/privado e indivíduo/sociedade, fortemente presentes nas críticas endereçadas à Psicologia Clínica. Tais reflexões se oportunizam como um convite para perfazermos um caminho alternativo, permitindo que uma práxis clínica comprometida com as urgências de seu tempo possa emergir.

Palavras-chave: Clínica; Privativa; singular-universal; Sartre

Carolina Freire de Araújo Dhein

Psicóloga, graduada em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em psicologia social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e doutora em psicologia social pela mesma universidade. Especialista em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro. Atua como psicóloga clínica, além de exercer atividades de ensino e pesquisa acerca da articulação do pensamento de Sartre e a psicologia clínica. Atualmente coordena grupos de estudos, supervisão clínica e o curso de Especialização em Psicologia Clínica Existencialista Sartriana do Instituto NUCAFE. É autora

do livro: A Clínica Psicológica em Diálogo com Sartre, pelas Edições IFEN. Sócia colaboradora e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN).

2.20 NOTAS SOBRE UMA CARICATURA DO EXISTENCIALISMO

Jameson Thiago Farias Silva (UFS)

O episódio é conhecido: um aluno de Sartre compartilha com o mestre sua dúvida - vingará o irmão ingressando nas forças francesas livres contra a ofensiva alemã (estamos em 1940) ou ficará em casa para cuidar de sua mãe? Este caso serve de ponto de partida para definições parciais dos conceitos centrais da conferência “O existencialismo é um humanismo”, de 1945, em especial a noção de escolha e as duas atitudes fundamentais em relação a ela: a angústia e a má-fé. Tomado em isolamento, no entanto, este caso identifica escolha à tomada voluntária de uma decisão. Constantemente atrelada à filosofia sartreana, a noção de escolha nem sempre é alvo de uma definição precisa por parte dos trabalhos que a invocam. Na mesma esteira, noções como liberdade, angústia, responsabilidade, humanidade, sujeito etc. Mal definidos os termos do existencialismo, o existencialismo pode se tornar outra coisa e mesmo o seu contrário, ao sabor das discussões e das vontades de seus locutores - justamente aquilo que a conferência de 1945 quer combater. Escolha é termo polissêmico, seja em nosso cotidiano, seja na língua francesa, em especial em sua filosofia. H. Bergson falará que a consciência escolhe por ser coextensiva à vida, esta duração imprevisível, não-necessária, criadora - escolher é diferenciar; G. Canguilhem, ao afirmar que a vida, normativa, cria novos modos de operar, de funcionar, afirmar também que ela escolhe seus caminhos - mas logo nos instrui a evitar figurar, personificar a vida. Ora, por que não usar um termo menos ambíguo? Poderíamos dizer que a melhor solução para a discussão sartreana seria o termo engajamento, termo que, inclusive, utiliza na conferência; engajamento, por sua vez, ainda mantém certa ambiguidade: é atuar por uma pauta? É concordar intelectualmente com ela? É verbalizá-la publicamente? - esta ambiguidade não se dá por falta de rigor, contudo: há uma relação precisa, técnica, entre fenomenologia e ambiguidade. A ambiguidade terminológica - não só em Sartre, não só nos fenomenólogos e existencialistas, mas mesmo em psicólogos e psicoterapeutas que se apropriam direta e indiretamente da atitude fenomenológica, como Köhler, Lewin, Perls etc. - é um modo de resguardar o caráter de terceira via da fenomenologia e a duplicidade da própria noção de fenômeno, tanto consciência situada no mundo quando mundo desdobrado numa experiência de sentido para uma consciência. Pretendemos, assim, oferecer uma definição do conceito sartreano de escolha a partir dos seguintes procedimentos: uma análise categorial das situações e exemplos apresentadas por Sartre em sua conferência de 1945 para ilustrar a noção de escolha e seus conceitos correlatos, e uma articulação de tal análise com a ideia de uma elite dos medíocres e da figura do antissemita moderado, apresentada pelo filósofo em seu “A questão judaica”. Concluiremos ampliando a noção de polifonia, restrita ao romance (Bakhtin) ou o enunciado (Ducrot), à própria subjetividade, entendida não mais como individualidade, mas como projeto. Filosofar, para o existencialista, equivalerá então à tematização dos muitos projetos de existência que nos engajam.

Palavras-chave: Sartre; Escolha; Psicanálise; Existencialismo.

Jameson Thiago Farias Silva

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGSI-UFS) e Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFS). Faz parte do Coletivo de Estudos da Subjetividade e Políticas para a Vida (UFS) na condição de pesquisador, e do Grupo de Pesquisas em Argumentação e Retórica Aplicadas (UFS), na condição de

estudante. É atualmente membro do colegiado de Psicologia da Universidade Tiradentes. E-mail: jamesontfsilva@gmail.com.

2.21 O FIM DO OCIDENTE E A CLÍNICA EXISTENCIAL: O SOFRIMENTO PSÍQUICO EM UM MUNDO SOB ESCOMBROS

Paulo Victor Rodrigues da Costa (UNESA)

Pensar a clínica existencial e toda a sorte de sofrimentos psíquicos presentes no exercício fático da profissão de psicólogo, necessariamente exige a remissão de tais assuntos ao horizonte hermenêutico em meio o qual eles ganham vida. É sempre infrutífero e reducionista lidar com temas como psicopatologia e sofrimento psíquico sem que se faça uma relação mais detida ao campo histórico no qual se estabelecem. Vez por outra a psicologia – e em especial a psicologia clínica – reduz a compreensão do sofrimento psíquico ao modo como determinado indivíduo lida, pessoalmente, com “seus” problemas. Ao proceder dessa forma, a clínica reproduz a compreensão de que o campo da individualidade é a origem inequívoca de onde emana – de maneira exclusiva – a totalidade de qualquer sofrimento, o que fomenta soluções e explicações que fogem do âmbito de um mundo compartilhado e fixam no sujeito, e em sua habilidade estritamente individual, todo o manancial de soluções para “seus” dilemas. Nesse sentido, há a perda de perspectiva de que dramas e questões “particulares” sempre, de algum modo, se dão desde uma conjuntura que as possibilitam. Este é, exatamente, o foco da presente apresentação. Como se deve pensar o exercício da clínica e a interpretação do sofrimento psíquico e das psicopatologias sem que se alimente o foro individualista onde tradicionalmente tais temas estão posicionados. Desta feita, a presente apresentação busca interpretar a noção heideggeriana de fim da filosofia como fim do Ocidente e, a partir daí, delimitar o modo como toda a miríade de sofrimentos contemporâneos precisa minimamente dialogar com expressões ônticas desse esgotamento ocidental. Noções como produtivismo, positividade tóxica, uberização do trabalho, superação sistêmica de problemas, imperativo à inovação, imposição da dinâmica econômica neoliberal etc. precisam fazer parte do rol de interesse da psicologia clínica e no modo como ela, rigorosamente, precisa acessar seu campo de estudo para além de um reducionismo individualista. Se o sofrimento psíquico se instala desde uma conexão com um fundo hermenêutico e ontológico que lhe permite, o caminho clínico de lida não pode nivelar o entendimento de que autenticidade é individualismo, depositando grosseiramente no indivíduo a capacidade de “solucionar-se” apenas por si mesmo. Isso seria, justamente, recair no modo operante do esgotamento ocidental, sem lhe abrir uma dissonância meditativa libertadora.

Palavras-chave: Daseinsanálise; Martin Heidegger; Autenticidade; Individualismo; Ocidente.

Paulo Victor Rodrigues da Costa

Psicólogo clínico e professor, graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em Psicologia Fenomenológico-existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-existencial do Rio de Janeiro (IFEN), mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ), doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF-UFRJ), professor do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá (Unesa). Sócio colaborador e professor do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Email: pvrcoستا@gmail.com.

2.22 O SOFRIMENTO PSÍQUICO EM SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO E SEUS DESDOBRAMENTOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE E SEGURANÇA

Elina Eunice Montechiari Pietrani (UERJ)

O campo do trabalho, que já é tema de análise pela psicologia desde meados do século XX, tem sido alvo ainda mais vigoroso na atualidade quando estudiosos de várias regiões do mundo vêm se deparando com um aumento de expressões do sofrimento psíquico em sua relação com esse contexto, visto como consequência das contradições nele presentes. Nesse sentido, há uma clara orientação nas políticas públicas baseada em referências de órgãos internacionais de trabalho e de saúde voltadas à promoção e manutenção de um contexto de trabalho “saudável” e “seguro”. Por saúde, há uma prevalência do conceito definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que a defende como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social” (Ministério da Saúde, 2020). Por segurança, as Normas Regulamentadoras brasileiras que se ocupam com a saúde e segurança ocupacional (SSO) compreendem esta última pelo controle e prevenção dos riscos a que o homem estaria sujeito no exercício do trabalho. Tais instituições defendem uma ampla força tarefa por meio da interdição de determinantes que passam pelo campo social-econômico mas também pelo ambiente organizacional e pelos aspectos considerados individuais, que impactariam negativamente no bem-estar do trabalhador. Entretanto, a despeito dessa força-tarefa multidisciplinar, o sofrimento psíquico associado ao campo laboral permanece em crescimento. Desse modo, o objetivo deste estudo é refletir sobre as questões que envolvem o sofrimento do homem em sua relação com o trabalho e as políticas públicas voltadas para esse campo. Requer notar que tais políticas com esse propósito, embora louváveis, mantêm a força da produtividade em seu cerne, reconhecendo o homem estritamente pelo seu caráter produtivista. Mas, principalmente, enfatiza-se a relação de causalidade, baseada nos princípios científicos, ao sugerir a interdição das causas que estariam gerando o sofrimento do homem na relação com o trabalho, acreditando que, assim, sua saúde e segurança estariam sob controle. Acreditamos que, ao defender meramente um amplo combate às forças que incidem sobre o sofrimento do homem e ainda com vistas ao seu desempenho profissional, as políticas públicas ignoram a condição originária da existência que se constitui pelo paradoxo, pelo risco e pela angústia existencial. Nesse sentido, no avesso de pensar tais políticas pela determinação prévia de medidas e procedimentos, possamos pensar como agentes que facilitem a escuta das possibilidades mais próprias presentes na coletividade organizacional e na pessoa do trabalhador.

Palavras-chave: Trabalho; sofrimento psíquico; políticas públicas.

Elina Eunice Montechiari Pietrani

Doutoranda em Psicologia Social (UERJ), mestra em Psicologia Social (UERJ), especialista em Psicologia clínica na perspectiva fenomenológico-existencial (IFEN-RJ), pós-graduada em Gestão Empresarial (UFRJ), graduada em Psicologia (PUC-Goiás). Docente na Universidade Veiga de Almeida no curso de Psicologia e coordenadora do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) no campus Cabo Frio, RJ. Sócia colaboradora e Coordenadora da Pesquisa Suicídio, literatura e psicologia existencial do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: elinapietrani@gmail.com.

2.23 OS SEGURANÇAS EM ATUAÇÃO NOS EVENTOS DE TENTATIVA DE SUICÍDIO: UMA ABORDAGEM HUMANIZADA

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)

Kelli Cristina Santos Bastos (UERJ)

Em toda evolução histórica da humanidade, a morte se constitui como um fato inevitável. O morrer é, e sempre foi, obrigatório. Em algum momento do decurso da existência, morre-se! Teoricamente, a morte tratar-se-ia de um fenômeno simples e banal, já que não se exige qualquer empenho humano para que se efetive. Bastaria aguardar o momento exato do encerramento de seu tempo vital, para que a morte executasse sua missão soberana do “fazer morrer”. Contudo, o homem hodierno, ávido pelo controle das coisas, se empenha ao máximo para prolongar sua existência, a qual Martin Heidegger definiu como “ser-aí”. Nesse sentido, a morte representa o encerramento existencial ou o fim do “ser-no-mundo” e o fato de negar sua natureza finita (ser-para-a-morte) demonstra um falso esquivar-se da certeza de não-ser um dia. Em articulação com esse pensamento contemporâneo, a morte voluntária não é uma opção aceitável, pertencendo ao Estado o direito de zelar pela integridade física dos cidadãos sob sua jurisdição. Com esse propósito de manutenção da existência, o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo (CBPMSP), na figura do Major Diógenes Martins Munhoz, criou uma abordagem humanizada para os eventos de tentativa de suicídios, a qual está sendo disseminada para os seguranças da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – localidade que possui um histórico de ocorrências dessa natureza. Portanto, o foco deste trabalho é apresentar a técnica utilizada por esses profissionais, a qual se destaca por promover uma escuta sensível, pautada em uma interlocução atenta com o “tentante”, com o objetivo de dissuadi-lo do cometimento do ato suicida. A prática se fundamenta no reforço dos fatores de proteção (positivos) inerentes à vida do “tentante” e a inibição dos fatores de risco (ameaças). Além do tratamento digno ao sujeito que pretende romper com a vida, os benefícios principais dessa abordagem é promover, em um breve espaço temporal, uma reflexão sobre alguns aspectos de sua existência, viabilizando a abertura para outras possibilidades existenciais, com interesse de retirá-lo do cenário ameaçador. A relevância social desse trabalho engloba a qualidade do atendimento prestado ao tentante, a promoção de um aporte reflexivo sobre as razões inerentes ao desejo de morrer e impacta sensivelmente na redução de casos consumados de suicídio.

Palavras -chave: abordagem humanizada; seguranças; suicídio.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Doutora e Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto. <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>.

Kelli Cristina Santos Bastos

Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Tenente-Coronel do Quadro de Psicólogos do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro. <http://lattes.cnpq.br/0114401530043802>. E-mail: drakelli.bastos@gmail.com.

2.24 PLANTÃO PSICOLÓGICO EM ESCOLAS PÚBLICAS EM MANAUS: ACOLHIMENTO, ESCUTA E CUIDADO COM ADOLESCENTES

Ewerton Helder Bentes de Castro (UFAM)

Janderson Costa Meira (ESBAM)

Elcilene Lima de Macêdo (LABFEN)

Ruy Siqueira de Lima (UNINORTE)

A processualidade do existir adolescente é permeada por inúmeros fatores, gênese de transformações contínuas e grandiosas. Nessa fase da vida têm-se observado experiências desgastantes, fomentadoras de quadros ansiogênicos, repletas de situações significativas e, muitas das vezes, causadoras de sérios desconfortos em vários âmbitos nos quais o adolescente transita cotidianamente. No sentido de compreender essas várias dimensões existenciais, o Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus foi proposto no sentido de realizar, nas instituições escolares, o aconselhamento psicológico de inspiração fenomenológica, através de três aspectos fundamentais: o acolher, o escutar e o cuidar. Têm sido trazidas demandas diversificadas no desenvolvimento da atividade. De seu início em fevereiro de 2022 até o presente momento, mais de 1600 aconselhamentos foram realizados. E, dentre estes, quatro serão apresentados: a cruel experiência do abuso sexual, a concepção de alunos do ensino fundamental sobre suicídio, a vivência do luto e sexualidade e questões relacionadas a orientação sexual. O abuso sexual sofrido por adolescentes do gênero feminino quando na fase infantil, impetrou dor e sofrimento existenciais amplos e resultou em questões como corporeidades silenciadas, em distanciamento de si mesmas e do outro, ensimesmamento e atitudes autoagressivas. O comportamento autodestrutivo e autolesivo tem sido observado e experienciado por adolescentes em crescimento exponencial em nossos dias e possibilitar que os alunos do ensino fundamental reflitam sobre a pluridimensionalidade aí presente, toma um caráter de extrema significação quando buscamos trabalhar a prevenção. Outro aspecto trazido como demanda é o que tange às perdas significativas presentes na vida dos adolescentes de escolas públicas em Manaus e lançar um olhar para essas situações, propondo uma perspectiva descritiva, exploratória e reflexiva, promove reflexão necessária à compreensão das estratégias de enfrentamento presentes em cada adolescente. A vivência da sexualidade é outra questão presente nos discursos dos adolescentes, mostrando a abrangência da temática sob o viés da variabilidade, tendo em vista que, são trazidos aspectos relativos à orientação sexual e os desdobramentos e consequências nas configurações familiares, reverberando sob o viés da dor e do sofrimento no adolescente. Perscrutar as vivências sob o olhar da Fenomenologia, propiciou que se compreendesse a relação experienciada na atividade como encontro em que ambos, plantonista e adolescente, se configuram em aprendizes do movimento do existir, tendo em vista a pluridimensionalidade existencial presente em cada história acolhida, escutada, cuidada. Considera-se, dessa forma, que desenvolver o plantão psicológico em escolas da rede pública possibilita compreender as dimensões das situações que catapultam o adolescente a vivências plenas em dor e sofrimento com as quais não estão sabendo lidar e, nesse ínterim, proporcionar que reflitam sobre as estratégias de enfrentamento que os propiciará olhar-se como seres-possíveis, seres de devir.

Palavras-chave: Plantão psicológico em escolas; Abuso sexual; Comportamentos autodestrutivos e autolesivos; Luto; Sexualidade.

Ewerton Helder Bentes de Castro

Psicólogo; PhD em Psicologia; Docente do curso de graduação e da Pós-graduação em Psicologia/UFAM; Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LABFEN/UFAM; Coordenador do Projeto Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br.

Janderson Costa Meira

Discente do Curso de graduação em Psicologia da Escola Superior Batista do Amazonas; membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LABFEN/UFAM; Plantonista do Projeto Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus; Diretor da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LABFEN/UFAM. E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com.

Elcilene Lima de Macêdo

Psicóloga graduada pela Universidade Paulista (UNIP/Manaus); membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LABFEN/UFAM; Plantonista do Projeto Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus; Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LABFEN/UFAM. Sócia colaboradora e aluna do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: elcilenemacedo01@gmail.com.

Ruy Siqueira de Lima

Discente do curso de graduação em Psicologia da UNINORTE; membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LABFEN/UFAM; Plantonista do Projeto Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus; Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LABFEN/UFAM. E-mail: ruylima@gmail.com.

2.25 PODE A CLÍNICA SER NÃO-MARCADA? REFLEXÕES EM DIÁLOGO O PENSAMENTO DE JEAN-PAUL SARTRE

Rodolfo Rodrigues de Souza (UERJ)

O último Censo da Psicologia evidencia o quanto somos uma profissão marcadamente composta por pessoas cisgêneras, heterossexuais, brancas e que 49% das pessoas psicólogas trabalham com psicoterapia. Partindo dessa ideia, reflete-se o quanto a clínica fenomenológico-existencial coloca em cena a possibilidade de que as pessoas profissionais assumam suas marcas em seu fazer ou de que encenem uma versão de clínica sustentada pela leitura da ontologia que se esquece da situação vivida, sempre marcada. Um dos elementos no caminho dessa investigação é o levantamento bibliográfico na plataforma Scielo. Dos 79 artigos encontrados com as palavras-chave clínica e/ou psicoterapia combinadas com os termos classe, gênero, interseccionalidade, LGBT, negro, raça e racismo, apenas dezessete guardavam relação direta com o campo da clínica, nenhum sendo afinado com o campo fenomenológico-existencial. Diante destes dados, analisa-se alguns argumentos comuns para negar a relevância da consideração de raça, gênero e classe no saber e fazer fenomenológico-existencial: que mais originariamente estes elementos seriam apenas identidades que escondem o vir-a-ser mais originário; que a clínica feita por pessoas bem preparadas sabe o lugar dessas marcas e que a discussão da questão levaria a uma perda do lugar da clínica – como se esta fosse um a priori e só existisse uma versão possível da mesma; que a questão em debate leva aos especialismos da clínica; que aqueles que solicitam serem atendidos por semelhantes têm um problema na abertura para a relação com a diferença. Tais argumentos são compreendidos como pacto da branquitude cis-heteronormativa, que busca sustentar o fazer em um pretensu lugar mais originário, supostamente sem perceber que esse lugar tem marcas: é branco, hétero, cisgênero e classe média. Tal pacto é compreendido, nas palavras de Beauvoir, como o último recurso do opressor, que, diante da perda de seus privilégios e questionado sobre suas práticas, afirma que agora está sendo oprimido. É preciso meditar sobre como construir uma clínica que sustenta a ambiguidade do existir, assumindo que isso se dá entre liberdade e situação. O bem atender passa pela compreensão de que a existência é sempre situada e que a situação é originariamente singular-universal. O que temos estudado sobre o universal de nossa época? O levantamento realizado evidencia que o campo fenomenológico-existencial não tem refletido sobre racismo, sexismo, LGBTQIAPN+fobia dentre outros fenômenos epocais. Temos estudado sobre esses temas antes ou durante o atendimento de pessoas pretas, LGBT, mulheres etc.? Reforça-se que estudar não significa renunciar ao esforço que a atitude fenomenológica requer: sempre será preciso uma escuta atenta para como se articulam singular-universalmente. Mas esse estudo permite não reforçar ou reencenar no espaço da clínica violências cotidianamente sofridas por pessoas que trazem consigo algumas marcas. Por fim, lembra-se que a clínica não existe como substância. Ela é verbo. Como tal, como agregamos a esse ato outras realidades que antes não habitavam os espaços em que realizamos a clínica? Fora da compreensão de uma clínica movente, que dialoga com sua época, estaremos no campo de uma clínica apriorística, substancializando um fazer e buscando engessá-lo em uma versão única da clínica.

Palavras-chave: Clínica; fenomenologia-existencial; racismo; sexismo; LGTB.

Rodolfo Rodrigues de Souza

Professor do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ). Doutor e Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UERJ (PPGPS/UERJ). Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva

Fenomenológico-Existencial. Pesquisa clínica psicológica na perspectiva fenomenológico-existencial, existencialismo francês, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e a recepção do pensamento existencialista no Brasil. Sócio colaborador e professor convidado do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: rodolforsouza@gmail.com.

2.26 POR UMA CLÍNICA ÁUDIODESCRITIVA: EXPLORANDO O CONCEITO DE “OUVER”

Heloisa Santos (UERJ)

A acessibilidade vem sendo um tema cada vez mais estudado e discutido em diferentes campos científicos. Em sua abrangência identificamos os seguintes diferentes tipos, tais como: atitudinal, arquitetônica, metodológica, instrumental, programática, nas comunicações e natural. Nesse sentido, em se tratando da formação em psicologia esse ainda é um tema a ser explorado. Falo isso pois, em minha trajetória, na tessitura de minha monografia que, através da narração do meu percurso como estudante, pessoa com deficiência visual no curso de graduação em Psicologia da UERJ, teve como objetivo cartografar caminhos, encontros, fronteiras e afetos que me implicaram para a permanência nesse espaço. Para isso, tracei um breve panorama histórico e social da pessoa com deficiência e seus encontros com os outros corpos. Fui entrelaçando esse panorama com histórias experienciadas por mim, pontuando a potência dos encontros que contribuíram para compor ou decompor entre afetos e afecções, destacando também como ocorreu o processo de acessibilidade dentro do IP da UERJ, como a diversidade de corpos se mostrou potente na construção das relações, o quanto esse movimento contribuiu para o desmonte de olhares estereotipados sobre as pessoas com deficiência e para a formação acadêmica profissional e social, tanto das pessoas ditas normais, como das pessoas com deficiência, trabalhando a noção de corporeidade com um olhar mais voltado à inclusão e bem-viver, propondo o diálogo como caminho, compondo um mundo em comum, fui contando as histórias tecidas com outras histórias, que assim como rizoma, estão conectadas. Nesse entrelace, relato como fui sendo afetada e afetava os outros corpos em situações de ensino e em projetos de pesquisa, extensão e estágio ao longo da minha formação. Discuti como se deram essas experimentações e como foi se encontrar entre fronteiras e compor diálogos. Nessa escrita, fiz algumas considerações, respondi algumas perguntas e abri novas reflexões sobre cultura, sociedade e normalidade e foi na experiência como estagiária, nos atendimentos na clínica psicológica que a acessibilidade nas comunicações se mostrou tão natural, no sentido de voltar às coisas mesmas, pois a cada encontro reverberavam em nós (em mim e no paciente), diferentes modos de estar na vida, na clínica. O que em mim reverberava o modo de “ouvir” (ouvidos de ver), e no paciente um modo audiodescritivo de se expressar, isto é, de fazer a descrição verbal de si, de fotos, de imagens, sonhos, gestos... Finalmente, fui identificando que o psicólogo vai acompanhando o paciente em seu processo de subjetivação, reflexão, elaboração das queixas e questões que aparecem na clínica, e que o fato de ser uma estagiária de psicologia, com deficiência visual, precisaria agir de forma criativa para acolher, atender e “ouvir” as palavras dos pacientes pois: “[...] sendo uma espécie de escutador de histórias profissional, cabe ao psicólogo saber a diferença entre escutar e ouvir (Feijoo, 2000) para poder ser interprete, intermediário, aquele que está no entre e interpreta a história que lhe está sendo contada” (ALMEIDA, 2021, p. 28).

Palavras-chave: Acessibilidade, audiodescrição, clínica, ouvir, afetos

Heloisa Helena Alves dos Santos

Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-graduada em Contação de Histórias no Imaginário Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Graduada em Administração pela uniABEU. Email: heloisapax@gmail.com.

2.27 PRÁTICAS MEDITATIVAS NO MANEJO DA ANSIEDADE: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA

Joelson Tavares Rodrigues (UFRJ)

Os quadros de ansiedade são cada vez mais prevalentes, estando o Brasil, segundo dados da OMS, na liderança mundial. Diversas estratégias têm sido apontadas como potencialmente úteis, entre elas a meditação, trazida, sobretudo através da psicologia americana, como práticas de atenção plena ou mindfulness. Importadas de tradições orientais, especialmente do budismo mahayana, as práticas meditativas são encaradas dentro de uma perspectiva técnica e incorporadas como mais uma estratégia de terapias de base cognitivo comportamental. Nesse trabalho, buscamos aproximar alguns conceitos caros ao budismo mahayana, como a impermanência e a vacuidade do eu, de reflexões trazidas por Heidegger, de modo a pensar as práticas de meditação para além de um território meramente técnico, abrindo um espaço para ampliar as suas contribuições no manejo da ansiedade.

Palavras-chave: Ansiedade, mindfulness, meditação, fenomenologia-hermenêutica

Joelson Tavares Rodrigues

Médico psiquiatra, Mestre e Doutor em Psicologia. Diretor Geral do Instituto de Ciências Médicas do Centro Multidisciplinar UFRJ Macaé. Professor Adjunto de Psiquiatria e Psicologia Médica da UFRJ. Coordenador do projeto de pesquisa "Medicina, Psiquiatria e Sofrimento Psíquico na Era da Técnica". Coordenador do projeto de extensão "Mentes em Ação: Saúde Mental e Cinema". Sócio colaborador e professor do Curso de Especialização em Psicologia clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: joelsonrodrigues@hotmail.com.

2.28 REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE QUAIS ORIENTAÇÕES HERMENÊUTICAS A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL ADOTA EM SUAS PRÁTICAS PSICOTERÁPICAS

Flávio Breno Cruz Formigosa (UERJ)

A psicologia clínica que se inspira no método fenomenológico e no pensamento existencial, por vezes nomeada de Daseinsanálise, ou simplesmente Psicologia fenomenológico-existencial, parte da compreensão que o ente que somos, nomeado de ser-aí por Martin Heidegger, é marcado pela indeterminação ontológica, isto é, não possui essências ou qualquer atributo naturalmente dado em seus modos de ser. Assim sendo, as práticas psicoterápicas inspiradas nesta perspectiva buscam trabalhar com a abertura de possibilidades que cada um possui para que modos outros de relação consigo mesmo e com o mundo se mostrem. Um elemento fundamental nesta abordagem é entender que a os modos de ser daqueles que buscam psicoterapia precisam ser analisados através de um olhar hermenêutico, ou seja, entender que o sentido que cada um apresenta não se dá por determinações *a priori*, mas sim a partir de possibilidades interpretativas. Dito de outro modo, significa afirmar que compreender alguém que se encontra em psicoterapia não corresponde a buscar respostas definitivas, mas sim interpretar o que se mostra a partir de nexos de sentidos existenciais, os quais inescapavelmente dizem respeito a maneira de relação que cada um estabelece. Tal gesto de interpretação precisa levar em consideração as particularidades de cada um, e outros fatores como o contexto histórico, valores de uma época, localidade geográfica, modos de relação interpessoal e costumes, questões políticas, revisão dos saberes vigentes, etc. Todavia, a psicologia como campo do saber e profissão consolidada não está imune de eventualmente reproduzir preceitos de sua época que por vezes ora reafirmam formas de preconceito e recriminação, ora desconsideram e invisibilizam certas questões no intuito de se estabelecer como neutra, universal, atemporal, objetiva e mais originária. Diante disso, este trabalho pretende propor algumas reflexões sobre a maneira como a hermenêutica na fenomenologia tematiza a condição humana. Em especial, recorrendo as críticas de Judith Butler e Frantz Fanon ao modo como as ontologias negligenciam assuntos relacionados e gênero e raça na construção dos saberes e prática, em especial as que apresentam relação com a psicologia. Ainda que Butler e Fanon não sejam figuras pertencentes diretamente ao campo da fenomenologia-existencial, ambos apresentam valiosas contribuições para o campo na medida em que tematizam problemáticas necessárias para toda psicoterapia que minimamente se comprometa em estar abertas as diversas experiências de sofrimento humano. Fanon alerta que num contexto histórico de colonização e racismo ocorrem apagamentos de certas formas de existir. Por não condizerem com o padrão dominante são rebaixadas a terem sua condição ontológica desqualificada e eliminada. Butler entende que a metafísica moderna ocidental consolidou construções epistemológicas e ontológicas que fixaram identidades as quais compulsoriamente orientam padrões hierárquicos de gênero e sexualidade, de tal modo que aquilo que desvia deste padrão é rechaçado e recriminado para atender aos regimes de categorias ontológicas fixas e eternas. Na medida em que o gesto hermenêutico consiste em interpretar, talvez se faça necessário avaliar o que se considerar nas interpretações e o que se negligência na acolhida que a psicoterapia se propõe a dispor em seu fazer.

Palavras-chave: Daseinsanálise; Fenomenologia-hermenêutica; Psicologia Fenomenológico-existencial; Fanon; Butler.

Flávio Breno Cruz Formigosa

Psicoterapeuta, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ), pesquisador do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE), professor assistente II na graduação de psicologia da Univassouras de Maricá, Rio de Janeiro. Sócio colaborador e professor do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: brenocruz.uerj@outlook.com.

3 MESAS REDONDAS INSTITUCIONAIS

3.1 A ESCUTA ENGAJADA DA CLÍNICA SARTRIANA

Carolina Mendes Campos (IPA-RJ)

A clínica de inspiração sartriana é pautada num ato criativo de adaptação dos postulados filosóficos de Sartre para o campo da Psicologia. No entanto, acredito que nosso fazer clínico caminha em direção a unificação, naquilo que representa o cerne da crítica sartriana à Psicologia Clássica, a saber, sua metodologia de Psicanálise Existencial. Irei, aqui, recuperar este itinerário sartriano que redundará em sua proposta de uma psicanálise e apresentar os caminhos deixados por essa proposta, principalmente, no que concerne a atitude clínica do psicólogo existencial de inspiração sartriana. Como diz Sartre, em *O Ser e o Nada*, a Psicanálise Existencial não encontrou ainda o seu Freud, o que significa, a meu ver, o mesmo que dizer que ela ainda não encontrou a sua prática clínica. Apesar de Sartre ter deixado sua psicanálise sem um Freud, ele dá importantes pistas a respeito do lugar do analista. Seguirei essas pistas a fim de promover uma reflexão a respeito do sentido da escuta nesta prática clínica. O analista de inspiração sartriana deve ter, a meu ver, uma postura engajada, isto é, comprometida e dedicada a compreender aquele que escuta. Uma escuta engajada com a experiência da pessoa em análise, engajada com o seu ponto de vista, com a sua dor, com o ângulo e a tonalidade da sua dor. Assim sendo, falar de uma escuta engajada na clínica de inspiração sartriana só é possível partindo da premissa fenomenológica de que não é a visão teórica do analista que guiará a reflexão, e sim a delicadeza deste de se colocar ao lado do analisando, para que possa espelhar da forma mais próxima possível a experiência da pessoa em questão. Por fim, abordarei a questão da fala em análise, também, como uma fala engajada. Mas a fala engajada só é possível a partir de uma boa escuta, será sempre uma colaboração, um passo para uma reflexão em conjunto com o analisando, que por sua vez dará o próximo passo. Longe do olhar de Medusa, o terapeuta deve manter o engajamento com delicadeza e responsabilidade, pois como sugere Sartre, ele sabe que cada gesto seu diante de seu analisando deve ser um compromisso com sua existência e com os caminhos de sua liberdade.

Palavras-chave: clínica sartriana; escuta; fala; engajamento.

Carolina Mendes Campos

Possui graduação em Psicologia pela PUC Rio. É Mestre e Doutora em Psicologia Clínica também pela PUC Rio. Psicóloga clínica desde 2002 e supervisora na abordagem existencial. Possui artigos e capítulos de livro a respeito da Psicologia existencial sartriana. É professora do CCE PUC Rio. É diretora e fundadora do IPA, onde coordena e ministra cursos de Formação e de curta duração. Sócia colaboradora e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: carolinamendescampos@gmail.com.

3.2 ARE - ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIÁRIA COMO CLÍNICA HERMENÊUTICA

Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)

A partir da experiência clínica, entendi que era necessário, elaborar paradigma para uma clínica focada diretamente na existência cotidiana. Desenvolvi a Análise da Relação Existenciária fundamentada na Fenomenologia de Edmund Husserl, na Analítica Existencial e Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger. As investigações, compreensões e intervenções clínicas de analistas do existir que seguem tal paradigma. À título de exemplo, cito quatro itens que este trabalho contém: - explicitação de conceitos metodológicos da Fenomenologia husserliana ('ir à coisa mesma', 'reduções fenomenológica e eidética' e alcance de evidências), da Analítica do Dasein e hermenêutica heideggerianas; 2) Aspectos relativos a prática como descrição fenomenal das formas de clientes constituírem suas relações "junto de entes" e "com outros Daseins" e mostrações fenomenal hermenêutica de tais formas; 3) descrição de casos clínicos com demonstração de aspectos clínico-fenomenais-hermenêuticos e existenciários presentes na análise; 4) correlação entre guias e modelos diagnósticos da Psiquiatria e Psicopatologia e da Análise da Relação Existenciária. Quanto à Analítica do Dasein, a ARE segue 'indicativos formais' presentes em Ser e Tempo de Heidegger - visão, posição e conceituação prévias do método fenomenal hermenêutico e de outras atitudes que a hermenêutica possibilita para constituir paradigmas de análise da estrutura do 'ocupar-se de' e 'preocupar-se com' da pessoa analisada. Os métodos de investigações e intervenções agem no sentido de 'deixar surgir' a essência do analisado e determinar formas de conceituações, de entendimentos existenciários de sua estruturalmente de ser, de sua saúde ou patologia. As pesquisas e práticas são orientadas pelos 'modos afetivo-compreensivos de respondência ao que interpela o analisado. Com isso, traz rigor e evidências às apreensões, às avaliações e aos conceitos formulados pelo analista sobre a saúde ou doença do analisado e, também, sobre a própria ação clínica. As maneiras como a pessoa constitui suas relações são 'postas em aberto' e analisadas, portanto fenomenal-hermeneuticamente. Dois indicativos formais orientam a análise: 1) somente através das modalidades de configurações cotidianas particulares da abertura originária do Dasein, a saúde, doença e normalidade de sua facticidade podem se tornar presentes, constatáveis, investigáveis e avaliáveis como patológicas ou não, e tratáveis desta ou daquela maneira; 2) as psicopatologias e patologias existenciárias são momentos constitutivos de uma só unidade, a existencialidade. A ARE põe às claras a estrutura das facticidades singulares de cada Dasein, elucida a constituição historial e os campos de sentido integrado nas relações cotidianas e 'deixa' aparecer a unidade: patologias psíquicas e transtornos existenciários. Tem desta forma, construído ações com resultados significativos em revisões de diagnósticos, de questões relativas às origens das psicopatologias e de transtornos existenciais e na clínica relativas à patologias graves.

Palavras Chave: Análise da Relação Existenciária; Fenomenologia; Analítica Existencial; Hermenêutica; Psicopatologia; Transtornos Existenciais.

Profa. Ma. Josefina Daniel Piccino

Mestre em Psicologia e Práticas Clínicas pela PUC/SP. Formada em Filosofia pela PUC/SP e em Psicologia pela UESP/SP. Mentora da Análise da Relação Existenciária – ARE, Analista da Relação Existenciária, Supervisora Clínica, Coordenadora e Professora dos cursos da SOBRAPHE. Email: josefina@sobraphe.org.br.

3.3 DASEINSANALYSE E A ESCUTA CLÍNICA EM DIVERSOS CONTEXTOS

Ida Elizabeth Cardinalli (PUC-SP/ABD)

Pretendemos refletir sobre a escuta clínica em diversos contextos de atendimento na perspectiva da *Daseinsanalyse*, iniciando com a explicitação de Martin Heidegger sobre a linguagem. Em *Ser e Tempo*, o filósofo esclarece que o discurso, que é o fundamento da linguagem, corresponde a uma das três dimensões da abertura, as quais são disposição [*Befindlichkeit*], o compreender [*Verstehen*] e o discurso (Rede). Nesse sentido, a linguagem não é uma capacidade que se agrega a sua existência, mas é constituinte da abertura do ser-aí e o escutar é o estar aberto existencial do ser-aí como ser-com-os-outros. Na cotidianidade, a comunicação, sob o domínio do anônimo agente, se mantém no modo público, limitando-se à reprodução do já compreendido e interpretado. Habitualmente, nós percebemos, falamos de nós mesmos com base na referência pública que se refere a todos e a ninguém em particular, assim como percebemos e escutamos o outro tendo essa mesma referência. Considerando as reflexões heideggerianas sobre a linguagem e a cotidianidade, podemos perceber que não é qualquer escuta do terapeuta que permitirá a compreensão e entendimento do paciente. O terapeuta precisará estar atento para não ficar restrito às referências e interpretações públicas que se referem à decadência do impessoal. Ou seja, precisa desenvolver a capacidade de escutar e compreender o paciente a partir do próprio paciente, procurando não se ater às referências públicas e genéricas, às referências teóricas nem às referências pessoais do próprio terapeuta. Esta maneira de escutar, aproximar e compreender o existir de alguém permite ao psicólogo acompanhar e acolher as pessoas, tanto no contexto psicoterápico mais tradicional, quanto em outros contextos de atendimento como hospitais, instituições públicas como CAPES e UBS, serviço-escola e outros. O daseinsanalista clínico pode trabalhar com as equipes multiprofissionais nestes equipamentos pois a sua escuta possibilita desenvolver uma maneira compreender o paciente e sua família em seu contexto de vida. Neste caso, a escuta do profissional focaliza a existência concreta inserida em seu contexto pessoal, familiar, social e histórico. Desse modo, a atuação clínica está apoiada no entendimento de como se apresenta a experiência de alguém específico em relação aos diversos âmbitos da sua vida. O foco da escuta e da intervenção é a experiência do indivíduo situado nas suas relações e no seu contexto de vida.

Palavras-chave: *Daseinsanalyse*, escuta clínica, instituição pública

Ida Elizabeth Cardinalli

Psicóloga clínica, Professora Curso de Graduação em Psicologia e do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP. Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Membro efetivo e professora da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD). Membro do GT Psicologia e fenomenologia (ANPEPP). Autora dos livros: "Daseinsanalyse e esquizofrenia" e "Transtorno de estresse pós-traumático - uma compreensão fenomenológico-existencial da violência urbana" e vários artigos. E-mail: icardinalli@pucsp.br.

3.4 DESTINO E LIBERDADE EM SIMONE DE BEAUVOIR

Marcelo S. Norberto (PUCRS/CCE/PUC-Rio)

A partir de *O Segundo Sexo*, mais especificamente na primeira parte do primeiro volume da obra, busca-se descrever como Simone de Beauvoir realiza uma discussão, sob uma perspectiva fenomenológica, entre os conceitos de objetivo e subjetivo como forma de definir a atuação da mulher. Natureza, experiência e objetividade são confrontados com a existência, a história e a cultura, possibilitando uma outra compreensão da condição humana, fora de um essencialismo metafísico e em oposição a um parâmetro de normalidade cientificista, sob a égide de uma disposição contemporânea. Para tanto, Simone de Beauvoir irá confrontar a questão da mulher com os pensamentos dominantes de seu tempo: a ciência, a psicanálise e o materialismo histórico. Sem promover uma conversão a um desses pilares e longe de negar a pertinência de cada uma dessas perspectivas modernas, no embate com a biologia, com Freud e com o marxismo, Simone de Beauvoir será capaz de pensar concretamente a realização da mulher em seu tempo. Neste processo, o que estará em discussão para Simone de Beauvoir, graças a esta perspectiva fenomenológica, não será efetivamente discutir a inexistência da natureza da mulher, mas evidenciar o fato de que toda natureza se constrói historicamente. Assim, não é possível discutir a sexualidade apartada da história, onde a subjetividade se constrói e se afirma, bem como também é preciso reconhecer que essa história atua a partir de um suporte, de um traço biológico. Em posse desta realidade, é possível identificar um espraiamento de um mero componente objetivo (destino biológico) para uma realização eminentemente histórica (uma construção em situação). Será neste espectro histórico, em meio a valores culturais ou, no vocabulário beauvoiriano, de um processo de justificação, que será possível descrever a mulher atualmente. Esta abordagem resultará em uma compreensão singular da noção de destino. Quando ultrapassada a causalidade como organização primeira da existência, a partir da incorporação da história da descrição da existência, fazendo com que a idéia de determinação só encontre legitimidade a partir da história em curso, e não mais como imposição essencial à própria história, o destino se apresenta, ao mesmo tempo, como necessário e contingente, como real mas aberto. Ele se desloca do lugar metafísico de um índice do fatalismo para o campo fático em que processos históricos atuam em consonância com o acontecimento humano. O destino, neste contexto existencial, tem menos a ver com uma predestinação e mais com a assunção de um caráter afirmativo na constituição da subjetividade. A necessidade desloca-se de uma regulação essencial para uma atividade inerente ao existir. Com isso, o que a obra de 1949 faz, de forma inovadora, é o de, primeiramente, reclamar uma atenta descrição do nosso tempo através de suas efetividades e, em segundo lugar, o de demonstrar que a necessidade e o destino estão intrinsecamente ligados a uma ação humana, que, situado em um tempo determinado, os afirma ao transpô-los rumo a um porvir indeterminado, ressignificando existencialmente a noção de liberdade.

Palavras-chave: Beauvoir; destino; liberdade; sexualidade; mulher; existencialismo; fenomenologia.

Marcelo S. Norberto

Doutor em Filosofia pela PUC-Rio, com graduação e mestrado em Filosofia (PUC-Rio), além de bacharel em Direito (PUC-Rio), pós-doutorando na PUCRS e professor do CCE/PUC-Rio, possui trabalhos publicados nas áreas de Ética e Filosofia Política. Autor do livro “O drama da ambiguidade: a questão da moral em O Ser e o Nada” (Edições Loyola), um dos organizadores de “Sartre e a política” (2017), “Sartre e a estética” (2021) e “Sartre e a ética” (2022) e da

coleção luso-brasileira “Fenomenologia e Cultura” (NAU Editora/Editora PUC-Rio). Sócio colaborador e professor do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: msnorberto@gmail.com.

3.5 FENOMENOLOGIA CLÍNICA DA RECUPERAÇÃO NOS TRANSTORNOS ALIMENTARES

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR/APHETO)

Considerado um problema de saúde pública, os transtornos alimentares atingem 5% da população em geral e 13% de meninas e mulheres em todo o mundo, o que conduz ao questionamento acerca dos modos de compreensão e intervenção neste tipo de experiência. Nesta apresentação, tem-se o objetivo de discutir a compreensão fenomenológica dos transtornos alimentares e suas implicações no processo de recuperação de pessoas que vivem com transtornos alimentares. Para além de uma perspectiva sintomatológica e nosográfica, eles podem ser compreendidos como um modo de ser e de estar no mundo em que o ato de comer ocupa um lugar central e se torna fonte de sofrimento e angústia diretamente ligados à incapacidade ou mesmo ao excesso de controle sobre comportamentos alimentares. Afeta-se a cotidianidade do comer a partir de uma alteração profunda da experiência corporal e da construção da identidade pessoal, o que resulta em preocupações graves com a forma e com o peso. A noção de recuperação se apresenta como aliada para romper com a ideia de tratamento centrada numa perspectiva biomédica e voltada para concepção de cura, permitindo uma reflexão crítica sobre os diferentes modelos de cuidado. Trata-se de considerar a recuperação como um processo ativo e integrado na busca de sentido e de responsabilidade diante do processo de adoecimento. Foca-se no movimento, ou na sua busca, para que as pessoas que vivem com transtornos alimentares possam agir e se (re)posicionar diante do sofrimento que os aflige. É preciso ultrapassar a concepção de cura, buscando uma via de recuperação que implique o paciente no seu próprio processo e que leve em consideração sua dimensão singular, sua vulnerabilidade e a busca da autonomia. Sob uma lente fenomenológica, podemos entender a recuperação como um resgate, uma (re)abertura daquilo que o sujeito possui como possibilidade. Considera-se que a recuperação nos transtornos alimentares exige a exploração de um outro modo de contato com o próprio corpo, com as condições de possibilidade da experiência de adoecer que envolve o tempo, o corpo, o espaço, a relação com o outro e consigo mesmo. Muito além da retirada de sintomas, a recuperação visa o sujeito para além da doença na busca de reapropriar-se de sua experiência como condição na busca da (re)construção de um outro modo de existir.

Palavras-chave: Recuperação; Fenomenologia; Transtornos Alimentares

Lucas Guimarães Bloc

Psicólogo, psicoterapeuta, Doutor em Psicopatologia (Université Paris Diderot – Paris VII), Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, coordenador do APHETO – Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica. E-mail: bloc Lucas@gmail.com.

3.6 LA METAMODERNIDAD, UNA PORPUESTA DESDE LA TERAPIA EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA

Juan Manuel Castellanos (ALPE México)

Para poder empezar a hablar de la meta modernidad, tenemos que decir que la meta modernidad es el nombre de nuestra época. Sin embargo, para poder llegar a este término tenemos que irnos a definir los dos momentos que la anteceden y así robustecer el concepto al que llegaremos. El primer movimiento de nuestra época se le llamó la modernidad. La modernidad es un periodo histórico caracterizado por un conjunto de ideas y cambios profundos en la sociedad occidental, que se manifestó en los ámbitos de la filosofía, la ciencia, la política y el arte y en los modos de vida en general. En el periodo de la modernidad se producen cambios importantes en relación con la concepción del mundo para el ser humano, podemos destacar que el principal cambio sería la imposición de la razón sobre la religión. Podemos destacar que el arte generalmente, antes de vanguardias, iba del enaltecimiento de la razón o lo humano, a la enalteción de Dios y lo divino. Es el viaje entre el Cristo de Velázquez y el David de Miguel Ángel. El segundo movimiento de nuestra época se le llamó posmodernidad. La posmodernidad o postmodernidad como movimiento artístico, incorpora las corrientes vanguardistas anteriores en una estética actual que refleja el caos generado por la revolución de la información y la tecnología en que vivimos hoy. La posmodernidad o postmodernidad como movimiento artístico, incorpora las corrientes vanguardistas anteriores en una estética actual que refleja el caos generado por la revolución de la información y la tecnología en que vivimos hoy. El problema radica en que en la posición moderna y posmoderna el diálogo es corto, a veces es nulo, ya que en uno las ideas de la verdad no permiten dialogar, mientras que en el otro la duda está tan presente que todas las posibilidades son posibles. En la meta-modernidad se nos recuerda que somos diálogo que nos sostenemos desde nuestra actitud natural en unas ideas de verdad que al final pueden cambiarse en cualquier momento. La metamodernidad es ese proceso de crear verdades, asegurar que las mismas se sostendrán a lo largo del tiempo y que llegue la vida y se ría de nosotros, por lo que tenemos que volver a hacerlo todo de nuevo. Este ensayo intenta hacer una reflexión en los cambios que existen entre la modernidad y la posmodernidad y cómo los mismos nos han llevado a una nueva era que pide que estemos abiertos a transformar nuestra práctica terapéutica.

Palavras-chave: Metamodernidad, terapia existencial, fenomenología, transformaciones culturales, cambio de paradigma, Inter-sujetos, realidades cambiantes, existencial, diálogo.

Juan Manuel Castellanos Hernández

Psicólogo por la universidad Iberoamericana, psicoterapeuta Gestalt por el Instituto Humanista de Psicoterapia Gestalt y analista Existencial por el Círculo de Estudios en Psicoterapia Existencial. Trabaja actualmente como Presidente para México de la Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial y es Fundador de Labso AC en donde intenta sensibilizar a la población de la importancia del trabajo terapéutico como un medio de poder mejorar nuestras relaciones sociales. E-mail: juanpsic1@gmail.com.

3.7 O LUGAR DA INFÂNCIA NA CLÍNICA EXISTENCIALISTA

Camila Gadelha (Rede Existências)

A infância é uma categoria moderna e não se trata de uma situação homogênea. Quando falamos de infância precisamos ter a ideia da pluralidade que significa, pois é marcada por circunstâncias históricas que criam diversas possibilidades existenciais: diferenças de classe, etnia, raça, gênero, território e pelas dinâmicas intergeracionais próprias de cada cultura. Refletir sobre esses atravessamentos é importante, porque eles repercutem e reverberam no contexto do fazer clínico. Compreender que a ideia de um desenvolvimento infantil padronizável e generalizável, que leva a uma justificativa individual é questionável quando levamos em consideração a situação e contexto que cada criança faz parte. Importante também refletir sobre a ideia propagada de que a criança é inferior ao adulto, sendo assim isolada do contexto coletivo da nossa sociedade. E se faz necessário compreender essa realidade da infância para que possamos criar importantes mediações de sujeitos responsáveis existencialmente. Como profissionais da Psicologia temos o compromisso de construir uma prática que sirva de ferramenta para que as crianças tenham suas vozes amplificadas. Numa concepção que leva em consideração o Existencialismo de Jean-Paul Sartre, podemos pensar nesse período do nosso existir como um período inicial de constituição do sujeito, que só se encerrará com sua morte. O ser-criança, para Sartre, é tratado como um momento especial, no qual ocorrem processos de subjetivação/objetivação do mundo e da situação ao redor. A criança vai se apropriado de forma gradual do seu meio e das relações estabelecidas com o outro e de como o outro estabelece relação com a criança. É importante salientar que esse processo não significa fazer da criança um depósito. Estamos falando de sujeitos que, de acordo com o modo que a situação vai se apresentando, vão construindo e reconstruindo essa realidade, nesse movimento dialético da subjetividade e objetividade. A cada movimento e escolha, em meio a situação ao seu redor, a criança vai se comprometendo com o mundo e criando seus possíveis valores existenciais, afetando também o mundo e os outros ao seu redor. E assim, numa clínica existencialista de inspiração sartriana, somos convocados a acompanhar essa dialética inicial. Podemos acompanhar a criança se fazendo junto aos outros a partir do que, desde cedo em sua vida, foi exposta e afetada, e assim se singulariza como ser que se direciona ao encontro dos seus desejos, escolhendo em sua situação.

Palavras-chave: infâncias, Psicoterapia, Existencialismo, Jean-Paul Sartre

Camila Gadelha

Possui Especialização em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo IFEN. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Atua com atendimento on-line de adolescentes, adultos e casais. Atendimento de Adolescentes e Adultos Autistas e Brasileiros Imigrantes. Articula o pensamento de Jean-Paul Sartre com a Clínica Psicológica de crianças, autistas, imigrantes e casais. É professora e Supervisora Clínica na Rede Existências. Sócia-Fundadora da Rede Existências. E-mail: camilagadelha24@hotmail.com.

3.8 PLANTÃO PSICOLÓGICO E AÇÃO CARTOGRÁFICA PELOS “CAMINHOS DE FLORESTA”: ACONTECER CLÍNICO?

Henriette T. P. Morato (IPUSP/LEFE)

Como podemos apresentar o Atendimento em Plantão Psicológico? Somos convocados a atender, responsabilizando-nos por oferecer uma sombra de uma árvore grande para que aquele que pro-cura poder parar por alguns instantes, refletir acerca de emergências para des-ocultar demanda/urgência, e retomar o caminho que deseja trilhar. Somos, nesse sentido, plantas grandes que oferecem alguns minutos de sombra, descanso e possibilidade de reflexão: somos então, cada um de nós, plantões. A palavra plantão não é utilizada de forma aleatória. Ela possui outro sentido neste contexto. Remete à ideia de um profissional que espera, num certo período constante de tempo, por qualquer alguém que sofre sem saber quem vai encontrar nem qual a demanda que o levou-a procurar por um psicólogo. É nessa medida que procede discutir-se a modalidade de prática de Plantão Psicológico como lócus na clínica-escola em instituições formadoras de psicólogos, contribuindo à ação clínica necessária em saúde e educação na realidade brasileira. Trata-se de proposta que, tanto na teoria quanto na prática, demanda desafios a serem enfrentados no âmbito da comunidade acadêmica e científica, podendo implicar em reformas curriculares e diretrizes na formação do psicólogo. O Plantão Psicólogo é uma ação que, originariamente, é clínico-investigativa, pois busca esclarecer, junto àquele que sofre, uma demanda a partir dele mesmo, na tentativa de abrir possibilidades para que ele se responsabilize pelo seu próprio cuidado. Por responsabilizar quer-se dizer responder a, no sentido de conduzir-se por. Nessa medida, é trabalho do plantonista relançar o próprio discurso do cliente aquilo que se apresentou a ele como urgência. Assim, o Plantão Psicológico não é uma causa final, pela qual haveria como que um compromisso entre a sua produção e uma finalidade a que deveria servir. Em sua acontecência, algo se desabriga desvelando-se no seu modo de ser: não se mostra como operação, mas sim como um deixar acontecer para que algo possa aparecer, vir à luz por seu desocultamento. A técnica do Plantão a qual me refiro, não é, de maneira alguma, um meio para fins; a técnica do plantonista aproxima-se ao que Heidegger denomina de modo de desabrigar, amparando o plantonista em sua inclinação para conhecer o outro. E a floresta do Plantão Psicológico, na acontecência de suas veredas, dá a ver possibilidades de ambiência necessária ao existir do “homem em tempos sombrios”. Diz de seguir adiante (meta) por este caminho (*hodos*) para per-seguir o ainda não trilhado insinuante da existência humana, embrenhando-se pela floresta adentro. Ou, uma *tekhne* dramática para seguir a caminho de compreensão de algo “trágico”. Ou, ainda, uma “método logia” clínica encaminhando ação cartográfica como atenção e cuidado, ouvindo o lamento do acontecer humano trágico, seguindo por onde e como o trânsito acontece pelas passagens na errância do homem de pés inchados. Assim não é por uma perspectiva nem filosófica nem teórica que os plantonistas se marcam. Mas, tendo eu me colhendo, es-colhi re-colher atenta e cuidadosamente aqueles que, colhendo-se, es-colheram re-colher atenta e cuidadosamente outros que buscaram colher-se para es-colherem re-colher cuidar de ser para en-caminharem-se ao poder-ser precário pelas veredas da vida. A travessia do ser clínico é assinar em branco a condição humana de estar pronto para ser aquilo que puder ser... com atenção e cuidado... por entre acontecimentos que lhe vem ao encontro... plantonista errante.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Ação Clínica; Urgência e Cuidado

Henriette Tognetti Penha Morato

Profa. Associada Sênior do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, Desenvolvimento e Personalidade do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Coordenadora do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do IPUSP. E-mail: hmorato@usp.br.

3.9 PSICOPATOLOGIA À LUZ DO PRINCÍPIO DO PARADOXO NA ABORDAGEM EXISTENCIAL-HUMANISTA

Carlos Campelo da Silva (LAFEPE-UERJ/IFEN/UNIMEP/UNASP)

Esse trabalho tem como objetivo compreender as disfunções psíquicas (psicopatologia) à luz do princípio do paradoxo na abordagem existencial-humanista. O conceito de princípio do paradoxo foi desenvolvido e apresentado na obra *O eu paradoxal* (1990) do psicólogo norte-americano Kirk Schneider (1956). Ao definir as suposições básicas do princípio do paradoxo, Schneider afirma que a psique é um continuum constritivo/expansivo do qual apenas alguns aspectos são conscientes. Sendo a constrição definida como o recolhimento e a reclusão percebidos dos pensamentos, sentimentos e sensações, enquanto a expansão é compreendida como a explosão e a extensão percebida dos pensamentos, sentimentos e sensações. De acordo com o autor, o elemento que causa as disfunções psíquicas é o medo de um dos polos que constituem a existência humana. Ao analisar algumas síndromes disfuncionais, Schneider irá falar em extremos disfuncionais acrescentando aos aspectos constritivo e expansivo o prefixo hiper, assim, definindo tais síndromes como hiper-constrição e hiper-expansão. Para o autor essa definição é mais útil do que a distinção neurose/psicose. Embora Schneider seja o primeiro a dar os contornos que definem o conceito de princípio do paradoxo, ele se encontra dentro de uma tradição que descobriu a importância do paradoxal para a saúde psíquica, sendo o primeiro deles o filósofo dinamarquês Søren Aaybie Kierkegaard (1813-1855), o qual Schneider presta tributo, além disso, o autor também reconhece a importância de seu mestre e amigo Rollo May (1909-1994) no que tange a importância do paradoxal. Inclusive, cabe a May, a abertura da obra com uma nota introdutória, na qual faz a seguinte afirmação: “O eu paradoxal ajudará particularmente a psicologia a retornar a sua grande vocação”, e, sendo May aquele que lançou as bases da abordagem existencial-humanista, tal afirmação não deve ser ignorada. Desse modo, a questão que norteia essa apresentação é: como o princípio do paradoxo poderá contribuir para uma compreensão existencial da psicopatologia e para um entendimento mais amplo da saúde mental?

Palavras-chave: Princípio do paradoxo; Kirk Schneider; Saúde Mental; Constrição; Expansão.

Carlos Campelo da Silva

Psicólogo, Mestre em Ciências da Religião pela PUC-Campinas. Sócio colaborador e professor do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN), Membro do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE-UERJ), Professor e Supervisor de Estágios Clínicos da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: carloscampelo.psi@gmail.com.

3.10 REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO – HERMENÊUTICA NA ATUALIDADE

Klessyo do Espirito Santo Freire (UFBA/Rede Existências)

Esse estudo teve como objetivo trazer algumas reflexões sobre o sofrimento psíquico a partir da fenomenologia hermenêutica. Desse modo, seguindo a proposta hermenêutica, pensou-se a rede de sentidos e significados da vida universitária e do sofrimento psíquico na atualidade. No que tange à vida universitária, compreendeu-se que nos últimos 30 anos adotou-se uma série de medidas empresariais na gestão das universidades em detrimento das relações humanas. Desse modo, as universidades têm se pautado na produtividade e na mercantilização do conhecimento científico, ocasionando em uma cobrança por publicações e por formar futuras/os profissionais para o mercado de trabalho. Em relação ao sofrimento psíquico (optou-se por esse tempo por ele abranger uma ampla gama de fenômenos que não se referem não somente a transtornos mentais específicos), depreendeu-se a existência de uma perspectiva biomédica e cartesiana que reduz esse fenômeno à patologias e seus sintomas. Nesse sentido, a partir do conceito de medida existencial construída pela professora e pesquisadora Ana Feijoo, apontou-se uma desmedida existencial nos estudantes de acordo com o horizonte histórico de sentidos e significados da atualidade, no qual as exigências trazem uma noção de um eu que pode ser auto determinado. As/os estudantes entram na universidade e encontram uma pressão de se preparar para o mercado de trabalho e realizarem diversas atividades, como participar de cursos e grupos de pesquisa, para performar uma produtividade exigida no meio acadêmico e na sociedade em geral. Trata-se de uma compulsão aflitiva de ter-que-fazer-algo que o horizonte histórico da atualidade apresenta e faz reflexo através do produtivismo na vida universitária. Além disso, a universidade pode trazer uma quebra de ilusões identitárias, questionando algumas premissas pessoais que dão sustentação existencial a determinados modos-de-ser advindas dos diversos contextos que as/os estudantes frequentam além da universidade. Destaca-se também as incertezas sobre o futuro que associam-se com o esgarçamento de vínculos sociais derivada de uma sociedade capitalista voltada para um individualismo exacerbado, no qual perspectivas comunitárias são escassas. Diante disso, aponta-se a necessidade de repensar o produtivismo acadêmico e valorizar mais a experiência (do ponto de vista fenomenológico) e os vínculos na universitária. Portanto, indica-se a necessidade de políticas públicas que levem em consideração a experiência de ser estudante universitário no horizonte de possibilidades do tempo histórico atual.

Palavras-chave: Vida universitária; Sofrimento Psíquico; Fenomenologia-hermenêutica.

Klessyo do Espirito Santo Freire

Psicólogo CRP (03/10639) pela Faculdade Ruy Barbosa. Formação em Psicologia Clínica Fenomenológico Existencial pelo IFEN. Mestre em educação e Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor no Instituto de Psicologia na UFBA. Coordenador e supervisor clínico do Projeto de Acolhimento do grupo de Pesquisa CULTS / UFBA (Investigações em Psicologia Cultural). Co fundador, professor e supervisor clínico da Rede Existências. Atua também como psicólogo clínico e supervisor na clínica Fenomenológica Hermenêutica com inspiração na Daseinsanálise e no paradigma dos fatores comuns em psicoterapia. E-mail: klessyo@gmail.com.

3.11 RITMANÁLISE: A OCASIÃO COMO TEMPO PROPÍCIO E A PRÁTICA CLÍNICA

Paulo Roberto Reimão Machado (Instituto Dasein)

Partindo da reconstrução da noção de temporalidade em Husserl em seus três âmbitos fundamentais (retenção, apresentação e protensão) o texto avança rumo às contribuições heideggerianas ao problema: o tempo afinado. Uma noção que para ser suficientemente apresentada, depende de uma descrição do fenômeno da abertura de mundo, constituída por três instâncias constitutivas (compreensão, afetividade e discurso) e um princípio articulador (interpretação). A partir da descrição ontológica da afetividade, alcançamos a noção de tonalidades afetivas, tanto em sua dimensão cotidiana quanto em seu âmbito mais fundamental. As tonalidades afetivas fundamentais não são responsáveis apenas pelo modo como estamos a cada vez afinado com nosso mundo, mas determinam o campo de iluminação e invisibilização dos entes, presente na própria constituição fenomenológica do real (abertura de mundo). Para o desenvolvimento desse problema foi proposto um modelo triangular de afetos fundamentais (esquecimento, recusa e apropriação), propondo mais uma investigação dos matizes de composição desses afetos do que a fenomenologia dos pontos extremos do triângulo. Se nos afetos do esquecimento de si encontramos o alívio da oneração de ser um existente, nos afetos de recusa e apropriação estamos abertos como ser-aí. A diferença é que nos afetos de recusa o ente da totalidade está fechado para nós e nos de apropriação ele está aberto. A proposta de um modelo triangular das afetividades fundamentais é a de que esses afetos não são excludentes, ao contrário, são matizes que compõe afetividades complexas. Estamos, a cada vez, mobilizados por solicitações que apontam para o desonerar-se do esquecimento, ao mesmo tempo em que tomados por algum grau de estranhamento e ainda chamados a nos apropriarmos de nossa condição em algum grau. São os matrizes formados pelas composição dessas afetividades fundamentais que posicionam afetivamente o campo fenomenológico e nossa afinação com ele. O tempo propício na prática clínica é aquele aberto a partir de afetos fundamentais de apropriação, em que os sentidos que mobilizam o existir não são meras reproduções dos sentidos do mundo, mas oriundos da própria existencialidade. Nesses momentos, os limites fáticos que normalmente limitam nossos modos de ser perdem seu poder prescritivo sobre nós e o projeto de sentido que somos torna-se mais disponível a rearticulação. Nos afetos de esquecimento de si o cuidado clínico tende a dar-se em meio ao debruçar-se sobre os problemas cotidianos e nos afetos de recusa a situação clínica é pré-analítica, sendo o manejo orientado ao acolhimento e escuta.

Palavras-chave: ocasião; fenomenologia; daseinsanálise; clínica.

Paulo Roberto Reimão Machado

Psicólogo e supervisor clínico. Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora (UÉvora/CAPES). Membro fundador do Instituto Dasein de Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica. Autor do livro "Intimidade como método clínico". E-mail: beto@institutodasein.org.

3.12 SENSIBILIDADE EXISTENCIAL COMO PARADIGMA DA PSICOPATOLOGIA E DA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA

André Sendra de Assis (Instituto Dasein)

O trabalho busca desenvolver o conceito de “sensibilidade existencial” como um termo que dá conta de uma experiência gradativa e quantitativa do existir humano entre os polos da propriedade e impropriedade, que foram propostos pelo filósofo Martin Heidegger como os modos fundamentais de habitar o mundo. Esse conceito seria um desdobramento do termo “escuta particularmente aguçada” apresentado por Alice Holzhey-Kunz como uma descrição da experiência paradoxal do existente que não consegue se proteger da sobrecarga da condição humana na absorção no impessoal e que se dirige a ela, porém é ameaçado por essa experiência, na medida em que não consegue suportá-la no modo de uma apropriação. A diferença fundamental entre os dois conceitos é que a “escuta particularmente aguçada”, também descrita pela autora como “clarividência” ou “clariaudiência” se refere a experiências qualitativas que alguém pode ou não fazer, além do fato de serem termos metafóricos para os sentidos corporais humanos. Ao passo que a “sensibilidade existencial”, pelo fato de se referir a uma experiência que remete a um quantum de sensibilidade, possibilita um entendimento mais fluido do existir humano no trânsito entre os conceitos de normalidade e patologia, possibilitando uma compreensão mais livre do sofrimento “psíquico” e da descrição de uma certa “psicopatologia da vida cotidiana”, ao mesmo tempo que abre uma leitura não binária da obra capital de Heidegger, *Ser e tempo*. Esse tipo de leitura parece ser mais frutífera para pensar a Psicologia como ciência ôntica apoiada em bases ontológico existenciais. Para possibilitar essa discussão, o trabalho apresenta as concepções de saúde e doença da Organização Mundial da Saúde e de Martin Heidegger nos Seminários de Zollikon, demonstrando sua proximidade no entendimento da doença como ausência ou déficit de saúde e as contrapõem às descrições de Alice Holzhey-Kunz e Sigmund Freud que buscam uma alternativa a essa leitura médica a partir da busca pelo sentido dos comportamentos sintomáticos, o que acaba por possibilitar a compreensão destes sintomas na chave do sofrimento “psíquico”. Também se recorre a Gilberto Safra, na sua descrição sobre os modos de existência “bidimensional”, “tridimensional” e “abismal” como balizadores teóricos da experiência de transitar gradativamente na proximidade e distanciamento do existente na sua relação com a condição humana.

Palavras-chave: Sensibilidade existencial; Normalidade; Patologia; Alice Holzhey-Kunz; Martin Heidegger

André Sendra de Assis

Psicólogo, supervisor clínico e professor. Possui graduação em Psicologia e mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Sócio-fundador e diretor do Instituto Dasein de Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica. Editor da Revista Científica *Outro Pensar*. Coordenador da Pós-Graduação lato-sensu em Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica (Instituto Dasein/UNISEPE). E-mail: andre.assis@institutodasein.org.

3.13 UM OLHAR SARTRIANO SOBRE AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM CASO CLÍNICO

Daniela Ribeiro Schneider (PPGP/UFSC/PSICLIN)

Amanda Macário, Gabriela Rodrigues (PPGP/UFSC)

Charlene Fernanda Thurow (PPGP/UFSC)

No que tange às pessoas com deficiência os direitos humanos e defesa de valores, tais como a dignidade humana, a igualdade de oportunidades, a participação cidadã, o combate à discriminação, o respeito à diversidade, a não-violência e a construção da paz, são valores fundamentais, que guiam as políticas públicas na área. Destaca-se a necessidade de possibilitar acessibilidade e equidade a essas pessoas, superando barreiras físicas e atitudinais. Da mesma maneira, fundamental combater o capacitismo. Nesta direção, com base no método progressivo-regressivo como proposto por Sartre, será realizado um olhar progressivo para a situação das pessoas com deficiência, destacando seus determinantes sociais e aspectos interseccionais. Por outro lado, será realizado um olhar regressivo para a situação das pessoas com deficiência: tomando a experiência vivida a partir de um estudo de caso clínico, discutindo os impactos no projeto e desejo de ser de uma pessoa que se torna deficiente física. Como lidar com um corpo que se transforma radicalmente repentinamente? É preciso ressignificar a relação com o corpo e de como ele estabelece a mediação com o projeto de ser da pessoa que ficou com alguma deficiência. Corpo e a existência são coextensivos um ao outro, sendo que as (im)possibilidades corporais se colocam como (im)possibilidades existenciais. Desta forma, como lidar com barreiras físicas e atitudinais na retotalização de um projeto de ser da pessoa com deficiência? Como construir um futuro possível com a nova condição existencial vivida pela presença da deficiência? Encerraremos com reflexões sintéticas entre as dimensões universais e as singulares a respeito da condição de ser pessoa com deficiência e de seu campo de possibilidades de ser.

Palavras-chave: Pessoas com Deficiência, Clínica Existencialista, Jean-Paul Sartre

Daniela Ribeiro Schneider

Prof. Titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), orientadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (mestrado e doutorado). Psicóloga, Mestre em Educação, Doutora em Psicologia, com dois Pós-Doutorados em Ciência da Prevenção. Pesquisa no campo da ênfase de Tratamento e Prevenção Psicológica. Especialista na obra do filósofo Jean-Paul Sartre, com vários estudos sobre psicologia e clínica existencialista. E-mail: danischneiderpsi@gmail.com.

Amanda Macário

Psicóloga, fez o curso de Psicologia na UFSC, com estágio em Clínica Existencialista. Atuou com extensão no NED (Núcleo de Estudos da Deficiência) da UFSC.

Gabriela Rodrigues

Doutoranda em Psicologia na área de Saúde e Desenvolvimento Psicológico (PPGP/UFSC). Mestrado em Psicologia pelo (PPGP/UFSC - 2020) e especialização em Psicologia Existencialista Sartreana pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL - 2016). Psicóloga pela UFSC. Integra o Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN) e membro do Grupo de Pesquisa do CNPQ "Clínica da Atenção Psicossocial e Uso

de Álcool e outras Drogas". Tem experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Psicologia Existencialista.

Charlene Fernanda Thurow

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Mestre em Psicologia pela UFSC e Graduação em Psicologia pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPQ "Clínica da Atenção Psicossocial e Uso de Álcool e outras Drogas". Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Existencialista.

4 SESSÕES COORDENADAS

4.1 A BRANQUITUDE COMO ORIENTAÇÃO: A EXPERIÊNCIA VIVIDA DO SER BRANCO NA CIDADE DE CURITIBA

Carolina dos Santos Garbelotti (UFPR)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

Fenomenologicamente, orientação diz respeito a uma forma de interpretar a intencionalidade corporal como situação, que permite descrever o modo pelos quais corpos habitam o mundo, espacializando-o e temporalizando-o. A intimidade que os corpos têm com o lugar onde habitam os situam em um horizonte histórico e de relações sociais, restringindo ou abrindo possibilidades existenciais. A branquitude é, sob esse ponto de vista, situação que orienta diferentemente corpos brancos e negros, oferecendo privilégios simbólicos e materiais a pessoas brancas, tomadas como modelo de humanidade em detrimento de pessoas negras. Sendo situação existencial, estruturada culturalmente e que orienta os diferentes corpos no mundo, a branquitude torna-se o ponto zero da experiência vivida, a partir do qual o mundo vivido se desdobra. Nesse sentido, os corpos brancos não são localizados desde pontos de estresse em sua relação com o mundo, pois transitam de modo a se sentirem em casa e à vontade ao ocupar os espaços, experimentando possibilidades de se expandirem ontologicamente ao espacializarem e socializarem. Nesse sentido, a experiência vivida do branco expressa mobilidade e transcendência, enquanto a experiência vivida dos negro e indígena impõe restrições e limites. O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar como a branquitude orienta a experiência vivida das pessoas brancas em Curitiba. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória e fenomenológica, fundamentada nos conceitos da fenomenologia crítica que compreende ser necessário descrever como as estruturas históricas e sociais condicionam nossas experiências e a nossa forma de refletir sobre elas, como o seu fundo não percebido. Estruturas como o patriarcado, o racismo e a heteronormatividade permeiam o mundo da atitude natural, fazendo com que as diferenças sociais entre grupos privilegiados e oprimidos sejam tratadas de forma naturalizada. Foram realizadas entrevistas semidirigidas com pessoas autodeclaradas brancas, maiores de 18 anos e moradoras da cidade de Curitiba há no mínimo cinco anos. Como resultado e discussões das análises, elencamos três eixos temáticos escolhidos a partir de sentidos que sustentavam o todo das entrevistas, a saber, *Do estranhamento à racionalização: eu sou branco? O conforto do privilégio branco: entre a impotência e a indiferença e A convivência com a alteridade nas relações raciais*. A partir desta pesquisa, pôde-se elucidar que a pessoa de raça branca não é habitualmente objetivada em termos de raça, estando acostumada a tematizar apenas o Outro, a raça negra. Por consequência, a pessoa branca não se desloca da própria existência para compreender existências outras, parâmetros outros que não o branco. Ao não ser objetivado na relação com pessoas que não são brancas, o branco não é situado como Outro, não tendo dimensão a respeito do modo como a própria branquitude atravessa sua relação com o mundo e com os outros. Além disso, percebe-se como o compartilhamento de relações horizontais com pessoas negras torna-se importante para uma relação humana de reciprocidade. Este trabalho apresentou limitações, pois não conseguiu obter uma amostra mais heterogênea, sendo que as pessoas entrevistadas faziam parte de um grupo homogêneo de classe média, com idades entre 18 a 30 anos, todas cisheteronormativas.

Palavras-chave: branquitude; orientação; fenomenologia crítica.

Carolina dos Santos Garbelotti

Mestre em psicologia clínica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutoranda em psicologia clínica pela UFPR, graduada em psicologia pela UEM, especialista em atenção multiprofissional à Urgência e Emergência pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), formação em psicologia fenomenológica-existencial pelo instituto veredas. E-mail: carolsgarbelotti@gmail.com.

Joanneliese de Lucas Freitas

Professora associada do programa de pós-graduação em psicologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: joanneliese@gmail.com.

4.2 A ESCUTA FENOMENOLÓGICA NA CLÍNICA INFANTOJUVENIL ENQUANTO ESTRATÉGIA DE DESPATOLOGIZAÇÃO DA VIDA

Marcos Vinicius Lourenço Nunes (IFEN)

O artigo pretende fomentar temas para reflexão a respeito da maneira pela qual observamos determinados aspectos comportamentais infantojuvenis em nossa sociedade. O foco da presente discussão será a apresentação de alguns tópicos que, direta ou indiretamente, estão presentes no cotidiano dos trabalhos junto às crianças e aos adolescentes dentro da área da Saúde Mental, bem como nas subseqüentes articulações com os diferentes atores da rede de cuidados destes sujeitos em questão, e como estes se colocam no caminho de erguer uma cultura baseada na patologização da existência humana, encontrando como vértice principal de constatação desse prisma o aumento do número de diagnósticos catalogados a cada nova edição dos compêndios de psiquiatria que temos disponíveis nos dias atuais. Utilizaremos, em contraposição ao exposto, as ideias de alguns autores fenomenológicos como Merleau-Ponty, Heidegger e Feijoo, para descortinar uma possibilidade de darmos um passo atrás perante aos atravessamentos mundanos e, através de uma escuta aguçada, abrir passagem para o entendimento das vicissitudes juvenis em seu aspecto mais originário, ou seja, a voz da experiência humana em seu caráter mais sensível, levando-se em conta as bases fenomenológicas de inseparabilidade homem-mundo enquanto quebra dos paradigmas dualistas que edificam a hegemonia científica contemporânea e apresentação de uma prática que vá de encontro ao fenômeno em seu próprio local de mostração, para além das teorizações e compreensões apriorísticas que caracterizam os estudos psicopatológicos vigentes. Vislumbra-se, através do percurso ressaltado, uma consolidação da escuta fenomenológica como estratégia potente de atuação clínica dentro do âmbito infantojuvenil e como alternativa para a configuração de olhar menos patologizante do processo saúde-doença e dos comportamentos humanos, observando-os enquanto condições de possibilidades existenciais e não dentro do âmbito de perturbações as quais precisam ser “consertadas” através das mãos dos ditos especialistas, abrangendo a vida como local no qual os diagnósticos e a patologização de suas vivências são movimentos que visam o encurtamento do pensar, iluminando assim, a possibilidade de sustentação do espaço clínico na qualidade de resistência à tradição de rótulos existenciais como prática da Psicologia e escuta na clínica infantojuvenil tal qual um respiradouro frente ao pensamento calculante técnico-científico ao qual estamos hodiernamente mergulhados.

Palavras-chave: Clínica infantojuvenil; Patologização; Fenomenologia; Psicologia; Saúde Mental.

Marcos Vinicius Lourenço Nunes

Graduação em Psicologia pela UNIFESP. Especialização em Psicopatologia Fenomenológica pela FCMSCSP. Especialização em Saúde Mental da Infância e Adolescência pela UNIFESP. Cursando Especialização em Psicologia Clínica Infantojuvenil na Perspectiva Fenomenológico-Existencial do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Formação em Psicologia Clínica, Psicoterapia Infantojuvenil e Atuação Clínica em Situações de Suicídio na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo IFEN. Psicólogo em CAPS Infantojuvenil de Campinas/SP. E-mail: mvln_01@hotmail.com.

4.3 A FENOMENOLOGIA DE SIMONE DE BEAUVOIR: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Luana de Matos Guimarães (UFF)

Este estudo pretende ressaltar a importância da filosofia de Simone de Beauvoir e suas implicações para o campo da clínica, enfatizando a singularidade de sua apropriação fenomenológica e as articulações que viabiliza. Suas contribuições possibilitam dois caminhos mais explícitos: o primeiro como crítica epistemológica e social sobre a construção do saber sobre ser humano e o segundo a partir de suas compreensões fenomenológico-existenciais sobre corpo, a interrelação entre liberdade e condições sociais e a ética fundamentada na ambiguidade. Algumas influências filosóficas nos ajudam a compreender o pensamento de Beauvoir: as noções husserianas: ‘mundo da vida’, ‘facticidade’ e ‘corpo vivo’ (*Körper e Leib*); a dialética hegeliana, que Beauvoir criticava como insuficiente para pensar a alteridade na situação secundarizada das mulheres e de outros grupos subalternos; o diálogo em vida com Sartre e Merleau-Ponty, dentre outras. Por pensar liberdade e situação como indissociáveis, sua redução fenomenológica encontra a corporeidade, ancoragem e resíduo da consciência, como a abertura que permite que encontremos a nós, os outros e o mundo, ressaltando a liberdade como engajada e a ação como ética. O rigor da fenomenologia de Beauvoir e o compromisso inegociável com o seu tempo foi o pano de fundo para a originalidade de sua noção de situação, nos permitindo pensar a história e como ela incide sobre a existência, contribuindo para uma escuta clínica mais afinada com a experiência vivida na pele marcada por atravessamentos sócio-políticos-culturais, sem desconsiderar a importância da noção metodológica de suspensão fenomenológica, que possibilita o aparecer do fenômeno, e a preocupação em resguardar a liberdade do outro. Deste modo, uma escuta clínica de inspiração beauvoiriana reconhece a importância de pensar uma ética da ambiguidade, de pensar o outro como condição originária da existência e, por isso, que minha liberdade para ser liberdade precisa da liberdade do outro e de pensar o peso da história e do mundo vivido que restringe a liberdade experienciada na situação, impedindo que possibilidades apareçam como possibilidades. Além disso, a compreensão beauvoiriana possibilita articular fenomenologia e perspectivas interseccionais ressaltando a importância de ouvir e dialogar com diferentes vozes, pois na multiplicidade de perspectivas se evidencia a interdependência, sem a qual não é possível ser no mundo.

Palavras-chave: Fenomenologia; Simone de Beauvoir; Ética; Situação; Liberdade.

Luana de Matos Guimarães

Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Estudos da Subjetividade na Universidade Federal Fluminense (UFF); Bolsista CAPES; Integrante do Laboratório de Estudos, Pesquisas e Extensão em Fenomenologia, Hermenêutica e Psicologia (LAPHEPSI); Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Pós-graduada em Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial pela Unyleya (NUCAFE). E-mail: luanaguimaraes@id.uff.br.

4.4 A VIVÊNCIA DO DIAGNÓSTICO DE CÂNCER INFANTIL: A COMPREENSÃO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA.

Elcilene Lima de Macêdo (IFEN)

O diagnóstico do câncer infantil exerce um profundo impacto diante da vivência do indivíduo. A comunicação do diagnóstico é um momento delicado com consequências emocionais para a criança, para os genitores e demais familiares presentes no tratamento e na recuperação do paciente. Segundo o INCA, o câncer é uma doença que se caracteriza por um conjunto de mais de 200 tipos e subtipos, apresentando em comum o crescimento desordenado de células anormais que invadem os tecidos e/ou órgão, com a possibilidade de aparecer em qualquer parte do corpo humano. Receber uma comunicação dessa natureza altera de maneira significativa a configuração familiar. As famílias vivem o diagnóstico de câncer como um despedir-se da vida, como um rompimento de ciclo devido à perspectiva de morte, tornando-se inevitável qualquer ser humano não se abalar emocionalmente. O presente trabalho objetivou compreender as dimensões existenciais na comunicação e pós-comunicação do diagnóstico de câncer infantil, a configuração familiar e o papel da Psicologia nessa processualidade. A metodologia aplicada neste estudo foi a revisão bibliográfica de viés qualitativo alicerçado no método da fenomenologia-existencial. Fizeram parte dos resultados 61 artigos, no entanto, pela forma de inclusão e exclusão somente 12 artigos foram utilizados na discussão apresentada, da qual elucidamos o impacto frente ao recebimento do diagnóstico. Como é vivenciar a comunicação do diagnóstico de câncer infantil? Que dimensões existenciais passam a ser experienciadas a partir daí? Quais interferências causam na configuração familiar? Para tanto, compreendeu-se que mesmo com a possibilidade da finitude na vivência do diagnóstico do câncer infantil, se faz presente a possibilidade de ir além do quadro nosológico diante da individualidade do ser. A partir do câncer diagnosticado em crianças, da experiência da existência da criança, da família e da sociedade, pode-se concluir que, o câncer é sinônimo de lição de vida e aprendizado, cujas recompensas são autoconhecimento, busca de equilíbrio, maior flexibilidade nas relações com o outros, urgência de viver em uma visão otimista da vida dada pelos pais, aqueles que estão com todos os sentimentos possíveis, desde o diagnóstico até o tratamento, considerando que dentre seus maiores objetivos está a luta pela vida do filho. Enquanto psicólogos, é inevitável a necessidade de que sejamos afetados nas relações que estabelecemos com o outro e com o mundo, pois é a partir da subjetivação que atribuímos o sentido do existir, sem esse fator, corremos o risco de nos ausentar do compromisso de imprimir nossas próprias marcas em favor da humanização da ciência. Por tanto, o principal ser dentro da perspectiva fenomenológica segundo Heidegger no que podemos considerar na oncologia infantil, trata-se do ser-de-cuidado, não somente no sentido de zelar, mas também no sentido do amparo, do caminhar junto, do presentificar-se além de quaisquer constructos teóricos.

Palavras-chave: Câncer Infantil; Fenomenologia; Psicologia.

Elcilene Lima de Macêdo

Graduada em Psicologia na Universidade Paulista – UNIP; Cursando Especialização em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial – IFEN; Membro do grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial/UFAM; Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico Existencial (LABFEN/UFAM); Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em Escolas do Sistema Público de Ensino em Manaus; Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: elcilenemacedo@hotmail.com.

4.5 ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONJUGAL SOB OLHAR DE GÊNERO E LOGOTERAPIA

Ana Cláudia Bernardes Guimarães

A violência contra a mulher é uma temática que tem se tornado mais visibilizada na atualidade, muito em função da conscientização da sociedade em relação à necessidade de “desnormalizar” comportamentos violentos contra às mulheres. Diante da importância de se discutir este fenômeno, o presente ensaio teórico objetiva compreender a interrelação entre Logoterapia e estudos sobre gênero sobre a vivência da mulher em situação de violência conjugal. Além disso, visa discorrer sobre como tais abordagens se complementam de modo a contribuir para o acompanhamento psicológico destas mulheres. Adentrou-se na Logoterapia de Viktor Frankl, que preza por considerar o ser humano nas dimensões biológica, psicológica e noológica, bem como compreendê-lo a partir de três pilares: liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido da vida. Além disso, apresentou-se discussões importantes relativos aos estudos sobre gênero e suas relações com o fenômeno da violência contra mulheres. Na sociedade atual brasileira sexista e machista, os estereótipos de gênero sobre os atributos femininos e masculinos se mantêm numa lógica binária e excludente, em que homens e mulheres são ensinados a desempenhar papéis sociais normatizadores, que geram desigualdades. Com estas diferenças/desigualdades cria-se um terreno fértil para surgimento e perpetuação da violência contra as mulheres em vários contextos sociais, seja no campo simbólico, composto por valores, crenças, ideias, ou no campo da vida prática, que revelam na materialidade e na ação conteúdos simbólicos sexistas e machistas, conscientes ou não-conscientes. Quanto aos resultados encontrados do diálogo entre Logoterapia e estudos sobre gênero, apreendeu-se duas categorias de análise, a saber: 1) Gênero, Logoterapia e a vivência feminina na violência conjugal: nesta categoria, apreendeu-se que no relacionamento conjugal saudável, não há espaço para violência e que, culturalmente desde a infância, há um incentivo à menina e posteriormente, à adolescente, jovem, e à mulher para encontrarem o sentido da própria vida na relação com o parceiro e na maternidade, como se não houvesse outras possibilidades de realização pessoal. Assim, a mulher muitas vezes vivencia relações abusivas para não estarem sozinhas. 2) Acompanhamento psicológico de mulheres em situação de violência conjugal – o que e como trabalhar com a mulher: nesta categoria, apreendeu-se as principais formas de condução clínica para auxiliar no: resgate da autoestima; desconstrução e reconstrução de valores e formas de se relacionar; conexão com a busca por sentido existencial; desenvolvimento da dimensão noológica e de formas de contrapor a dimensão psicofísica. Por fim, conclui-se que os estereótipos de gênero, machismo, sexismo e patriarcado encaixotam mulheres e homens, e os achatam existencialmente. Pensar em existências e relações mais saudáveis implica a tomada de consciência acerca dos papéis de gênero aprisionantes na busca de modos de ser mais emancipadores. Além disso, a partir do trabalho contínuo de fortalecimento do ser da mulher, da autoestima, abrem-se caminhos para a energização da dimensão noológica, da capacidade de liberdade juntamente com a responsabilidade pela própria vida, e da coragem para se posicionar.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológico-existencial; violência contra mulheres; Psicoterapia

Ana Cláudia Bernardes Guimarães

Psicóloga clínica e social, mestra em Psicologia Social, pós-graduada em Psicologia clínica: existencial e gestáltica; pós-graduada em Logoterapia e Análise Existencial; Focusing Trainee.
E-mail: anaclaudiabg@gmail.com.

4.6 ACOMPANHAR O TEXTO É COMPREENDER SEU SENTIDO: INTERLOCUÇÕES ENTRE LITERATURA E ESCUTA CLÍNICA

Glaucia da Silva Silos (UFF)

Sob a noção heideggeriana de existência, esta reflexão procura retornar à experiência como algo fundamental ao modo de ser que nos é próprio, como um indeterminado que na medida em que se realiza em-um-mundo, apresenta-se sempre já lançado, exposto a um enredamento de sentido que se dá desde a linguagem. Para discutir tal questão, faz-se necessário um deslocamento de nos conduzir à linguagem enquanto mais do que mera comunicação por símbolos, mas retomada enquanto traço fundamental, como uma marca essencial, constitutiva. Tomamos a linguagem então como o meio, o modo pelo qual existimos, em que se realiza toda possibilidade de compreensão onde algo pode aparecer, como a própria possibilidade de desvelamento. Seguindo este caminho, o presente ensaio coloca em cena a oportunidade de uma interlocução entre a escuta clínica em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica e a literatura como espaços possíveis de pensar deslocando-se de uma apreensão técnica, onde de início e na maioria das vezes envolve-se em um modo de interpretar os fenômenos transfigurando-os em objetos, perdendo de vista a possibilidade do próprio fenômeno se mostrar por si mesmo. Assim, repensamos a palavra texto em sua origem do latim *texere*, que significa construir, tecer, que no particípio passado era o substantivo *textus* e significava maneira de tecer ou coisa tecida para, dessa maneira, estabelecer um modo de conexão com a literatura para além da estruturação de palavras, mas como trama de sentidos onde se mostra o enredamento de uma narrativa. Diante do que é texto, pensar entre literatura e uma base existencial em psicologia se colocará como convite a outro modo de relação frente às práticas clínicas, a fim de evitar, diante da existência, tentativas de objetivar e enquadrar o ser humano, antecipando-o, deslocando-o e perdendo de vista a própria experiência a que ele pertence, apontando uma outra disponibilidade à escuta em que não se procura enquadrar ou circunscrever a fala. Envolvendo-se neste modo de atenção perante o evento imanente da experiência no qual a vida se manifesta, intenta-se retirar o exercício clínico de determinações objetificadas discutindo o modo de compreensão e, portanto, de escuta em meio a abertura originária de sentido em que o Ser-aí se articula, não objetivável, logo, sem determinação atemporal e sem substancialidade espacialmente definida.

Palavras-chave: Literatura; Linguagem; Psicologia Clínica; Experiência.

Glaucia da Silva Silos

Psicóloga clínica (CRP 05/59371) graduada pela UERJ. Mestre em Estudos da Subjetividade pela UFF. E-mail: silos.glaucia@gmail.com.

4.7 ADOLESCENTES COM CÂNCER: UMA REVISÃO DE LITERATURA BASEADA NO FENOMENOLOGIA – HERMENÊUTICA

Emanuelle Fonseca dos Santos (UNINASSAU)

Flávia Meireles Maron de Freitas (UNINASSAU)

Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/Rede Existências)

Rocío Andrea Cornejo Quintana (UNEB)

O câncer é caracterizado pelo crescimento desordenado de células atípicas em área localizada, podendo se disseminar pelo organismo. Essa doença crônica traz diversas questões para o mundo do indivíduo, já que acarreta em perdas do momento da vida, das expectativas, dos vínculos, sonhos, da esperança de um futuro, além de ser uma experiência dolorosa nos âmbitos físico, biológico e emocional. A adolescência por sua vez é um momento de descobertas emocionais, corporais e atitudinais que fazem do adolescente um indivíduo, por muitas vezes, não ajustado ou não localizado socialmente. Essa fase, a adolescência, quando acometida pelo câncer precisa passar tanto pelas dificuldades que a doença acarreta quanto pelas transformações que o próprio momento solicita. Como experiência, a partir de uma perspectiva fenomenológica existencial, considera-se a forma original pela qual os sujeitos concretos vivenciam o seu mundo. Destarte, esse estudo teve como objetivo compreender emoções de adolescentes oncológicos em suas vivências hospitalares a partir da fenomenologia hermenêutica. Como metodologia de pesquisa foi realizada uma revisão integrativa de literatura que tem por finalidade a busca e sintetização de pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direcioná-las à prática fundamentando-se em conhecimento científico. A busca de artigos foi norteada na plataforma CAPES, de produções qualitativas que visassem as experiências de adolescentes com câncer no ambiente hospitalar nos anos entre 2012 e 2022. Como resultados, foram encontradas cinco categorias temáticas relacionadas ao medo; tristeza; aceitação; não aceitação e confiança. Conclui-se então que no adoecimento os adolescentes se veem restritos em muitas áreas da vida, observam o tempo passar e com ele muitas possibilidades que a adolescência carrega sendo de grande importância o acolhimento e a validação dos sentimentos experimentados nesse modo de viver adolescente-com- câncer. Nos momentos desde a recepção do diagnóstico os adolescentes vivenciam o medo, a tristeza, a insegurança, a dor e o isolamento que desvelam a fragilidade da vida. Ao longo do tratamento, continuam sendo encontradas dificuldades originadas no tédio, nas restrições físicas e sociais, na falta de individualidade e na perda da autonomia. Porém, a esperança da cura, a confiança nos tratamentos e a rede de apoio são de grande importância para a sustentação no enfrentamento dos obstáculos advindos dos procedimentos cirúrgicos, dos tratamentos contínuos e das possíveis recidivas. Não tratam apenas de questões voltadas à morte ou à negatividade frente a vida e a doença, são relatos em que se confluem à espera pelo tratamento e a esperança da cura.

Palavras-chave: Adolescente; câncer; hospital; psicologia.

Emanuelle Fonseca dos Santos

Estudante de graduação em Psicologia pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU), voluntária no Programa de Iniciação Científica pela UNINASSAU. E-mail: emanuellefonssecads@gmail.com.

Flávia Meireles Maron de Freitas

Estudante de graduação em psicologia pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU); voluntária no Programa de Iniciação Científica pela UNINASSAU. E-mail: flaviammf@gmail.com.

Klessyo do Espirito Santo Freire

Psicólogo, Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professor Substituto na UFBA; Co fundador da Rede Existências. E-mail: klessyo@gmail.com.

Rocío Andrea Cornejo Quintana

Psicóloga, especialista em Oncologia e mestre em saúde coletiva pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Vinculação institucional: Hospital Aristides Maltez - Liga Bahiana contra o Câncer. E-mail: rocio.quintana@aristidesmaltez.org.br.

4.8 ALÉM DAS EXPLICAÇÕES CAUSAIS: A COMPREENSÃO DO SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Amanda Kelly Charato Sales (UTP)

Andressa Bretas Bernardes (UTP)

Danielle Miyuki Momose (UTP)

Loivo José Mallmann (UTP)

Mariana Andrade Silva (UTP)

Roberta da Rocha Rosa (UTP)

Viviane Taís Coriolano (UTP)

O objetivo geral deste trabalho é discutir a problemática do suicídio na perspectiva da Psicologia Fenomenológica Existencial de inspiração heideggeriana. Os objetivos específicos são: contextualizar o suicídio; compreender as categorias de finitude, morte e autonomia; e analisar a discussão da moralização, culpabilização e patologização do suicídio. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, pela qual se busca descrever o desenvolvimento do tema pela análise da sua produção científica. Partindo-se dos diferentes modos de compreensão do suicídio, procurou-se efetuar uma reflexão mais profunda das questões existenciais referentes a tal fenômeno, percorrendo os sentidos da finitude a partir de algumas ideias, tais como as de angústia, desespero, liberdade e escolha, e passando por aspectos envolvendo questões sobre causa e motivo. Para viver de forma autêntica, o ser humano precisa se conscientizar que haverá a morte, pois a finitude faz parte da existência. Uma das temáticas vinculadas ao tema é a do desespero, tido como um sentimento de angústia frente a situações aversivas, que não deveriam acontecer. O desejo de morrer é uma forma de sair do desespero fugindo das situações angustiantes, pois uma existência na qual é preciso fazer valer a própria vontade não é alcançável. O desespero é vinculado à desesperança, deixando o indivíduo suscetível de cometer suicídio. Fenomenologicamente, a conduta suicida faz parte da liberdade do ser humano. É fruto de escolhas, ou melhor, é a última e pungente escolha. No cristianismo arcaico, invocado na Idade Média, era vista como uma maneira de se alcançar uma vida melhor. Já no campo jurídico, os herdeiros do suicida perdiam os bens da herança para o Estado. Na atualidade, existem posições acerca do suicídio na moral cristã, abarcando pecado, culpa, erro, causa e falta de sentido, e a de que quem se mata não vai para o mundo de Deus. O suicídio não é considerado crime, sendo abordado como patologização. No senso comum, é visto como loucura, sofrimento, coragem, covardia e, até mesmo, como tabu. Por fim, buscou-se aprofundar as interpretações rotuladoras tradicionais que prevalecem sobre os modos de compreensão do ato de colocar fim à própria vida, com destaque para a visão moralizante, de culpabilização e de patologização. A perspectiva fenomenológica existencial não busca as suas causas, mas a compreensão, de forma acolhedora, dos motivos da sua ocorrência. A ausência da capacidade de enfrentar a dor e as adversidades parece predispor a se escolher uma alternativa para a solução dos conflitos pelo perecimento. A análise efetuada revelou também a importância, na contemporaneidade, de se problematizar e questionar visões construídas no universo das ciências da saúde, como a perspectiva moralizante, culpabilizadora e de associação do suicídio como patologia. Espera-se que as discussões realizadas possam favorecer uma visão que contemple a subjetividade e a complexidade de cada existência a respeito do suicídio.

Palavras-chave: Tentativa de Suicídio; Existencialismo; Fenomenologia.

Amanda Kelly Charato Sales

Estudante de psicologia na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), trabalho de conclusão de curso. E-mail: amanda.charato@utp.edu.br.

Andressa Bretas Bernardes

Estudante de psicologia na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), trabalho de conclusão de curso. E-mail: andressabretas@hotmail.com.

Danielle Miyuki Momose

Estudante de psicologia na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), trabalho de conclusão de curso. E-mail: danielle.momose@utp.edu.br.

Loivo José Mallmann

Graduação em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE); Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Graduação em Teologia na FAJE. E-mail: loivo.mallmann@utp.br.

Mariana Andrade Silva

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com mestrado em Teologia Moral pela Pontifícia Universidad Comillas, de Madri, Espanha. Professor da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), orientador de trabalho de conclusão de curso. E-mail: marianaandrade2810@gmail.com.

Roberta da Rocha Rosa

Graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba, com pós-graduação em direito societário, pelo Instituto dos Advogados do Paraná e Junta Comercial do Paraná, Mestrado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e pós-graduação em Psicologia Forense, pela Faculdade Única de Ipatinga, estudante de psicologia, da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Curitiba, Paraná, Brasil, trabalho de conclusão de curso. E-mail: robertarosamartins@hotmail.com.

Viviane Taís Coriolano

Estudante de psicologia na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), trabalho de conclusão de curso. E-mail: vivianse.coriolano@utp.edu.br.

4.9 BIPOLARIDADE E FENOMENOLOGIA, OSCILAÇÃO ENTRE MELANCOLIA E MANIA, SOFRIMENTO COM ALTERNÂNCIA DESTES DOIS POLOS

Francesca da Rocha Rosa Martins (UNICESUMAR)

Roberta da Rocha Rosa (UTP)

O objetivo do presente estudo é compreender a existência subjetiva dos pacientes bipolares mediante a leitura fenomenológica, procurando-se verificar como eles vivenciam a doença e se relacionam com o mundo, sendo parte dele. Conforme a psicopatologia fenomenológica, o paciente bipolar tem o tempo vivido de forma alterada, oscilando entre a mania e a melancolia, sofrendo com a alternância desses dois polos, que são modos de ser que se expressam nessas condições de sofrimento, mania e melancolia na bipolaridade. A temporalidade, enquanto aspecto fenomenológico situado pela alternância de fases extremas, demonstra a vivência do bipolar, podendo tais estados durarem dias ou anos. Mas há que se diferenciar o transtorno unipolar da depressão bipolar, sendo o primeiro equivalente ao diagnóstico de depressão e o segundo ao estado melancólico do bipolar. Na fase de hipotímia existe apatia, cansaço, pessimismo e ideias suicidas. A melancolia é uma perturbação qualitativa com ausência de sintonia com o que está acontecendo, sendo um sofrimento anormal, de não-viver, com alteração do tempo vivido e inibição do devir, além de busca de mudança do passado, com desejo de morte e, ao mesmo tempo, de vida. A felicidade se torna impossível e a vontade e o querer inexistentes, ocorrendo isolamento e choro frequentes. Na mania não há relações com o meio, consumindo-se o ambiente, destruindo-o. O paciente vive apenas o agora, que parece rico, mas é muito pobre, no qual só encontra solidão. O passado e o futuro são esquecidos, havendo muita energia e coragem, além da pouca necessidade de sono. O tempo vivido bipolar representa o sujeito uma hora bom e outra mau, espaço infinito e espaço não atingido, ritmo rápido e lento. Uma fase diz muito sobre a outra, visto que nas duas há tristeza. A oscilação de humor faz com que o paciente bipolar seja um enigma. O diagnóstico desse transtorno é complexo, podendo ser obtido por meio da verificação de crises e episódios de humor, sendo considerado um transtorno incapacitante. Para alcançar o objetivo proposto, foi efetuada uma revisão de produções científicas sobre bipolaridade e fenomenologia. Procurando-se entender como o paciente bipolar lida com tamanha diversidade de humor, apreendeu-se que gradativamente ele passa a agir a tempo de prevenir recaídas, ficando mais equilibrado, sempre com vigilância constante do humor. Ainda, usa estratégias para lidar com as crises, tais como regular o sono, a alimentação e aderir ao tratamento, sendo a última a mais difícil de conseguir. Os resultados revelam também que existe muito estigma sobre a doença, fazendo com que o paciente tenha medo de que a sociedade descubra o seu diagnóstico. Esse transtorno pode não ter cura, mas existe tratamento para que o paciente se mantenha equilibrado, convivendo em sociedade e produzindo como qualquer pessoa, sem ser visto como um estereótipo, o qual faz com que ele tente esconder a sua situação, tornando-se mais vulnerável aos preconceitos sofridos no dia a dia.

Palavras-chave: Transtorno bipolar; Fenomenologia; Alternância de Humor.

Roberta da Rocha Rosa

Graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba, com pós-graduação em direito societário, pelo Instituto dos Advogados do Paraná e Junta Comercial do Paraná, Mestrado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e pós-graduada em Psicologia

Forense, pela Faculdade Única de Ipatinga, estudante de psicologia, da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. Email: robertarosamartins@hotmail.com.

Francesca da Rocha Rosa Martins

Graduanda de medicina pela UNICESUMAR, Maringá, Paraná, Brasil. Email: francescamrtns@gmail.com.

4.10 CONCEPÇÕES DE DEFICIÊNCIA EM UNIVERSITÁRIOS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Ana Luiza Quevedo (UNOESTE)

Ana Paula Gasparotto Paleari (UNESP)

Caroline Garpelli Barbosa (UNIP)

Lucia Pereira Leite (UNESP)

Assim como o Brasil se apresenta em meio à diversidade cultural, social e econômica, as concepções acerca do fenômeno da deficiência também são diversificadas. Diante desse panorama, a universidade se mostra como um ambiente formador de pessoas, de modo a contribuir com a diminuição de ações negativas, como a discriminação e exclusão. Atualmente ainda prevalece uma perspectiva valorativa da condição de deficiente, atrelada ao atual mundo contemporâneo regido pela lógica da produtividade, utilidade e eficiência. A psicologia fenomenológica-hermenêutica adota uma postura antinatural, ou seja, uma postura que suspende os conceitos, crenças e saberes já estabelecidos a fim de que se possa compreender o fenômeno da deficiência no interior de seu próprio campo de sentido e não a partir de concepções generalizantes e abstratas. Na visão da medicina tradicional há predomínio de uma visão organicista acerca do ser humano o que enfatiza, de certo modo, o teor aprisionante dos modos de lidar com o fenômeno da deficiência. O objetivo deste trabalho foi compilar e discutir os resultados de estudos já efetuados na população universitária com relação às concepções de deficiência por meio de uma revisão sistemática da literatura dos últimos dez anos (2013 a 2023), a partir dos Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análise (PRISMA), nas bases de dados CAPES e BVS. Além de contribuir com os estudos já realizados, pretendeu-se promover reflexões, além de produção de conhecimento e subsídios para repensar atitudes e práticas dessa população acerca da deficiência e que acabam refletindo no contexto social. Devido aos diversos tipos de discriminação, nota-se na comunidade universitária um ambiente propício para desenvolver pensamento crítico, análise e reflexão, o que oportuniza a formação de profissionais que são desafiados a examinar diversas perspectivas, incluindo aquelas relacionadas à deficiência. Nos sete artigos encontrados, verificou-se que a compreensão social vai além de considerar apenas as características individuais do sujeito, incorporando também o contexto em que ele está inserido e as interações sociais que experimenta. A concepção biológica/organicista objetiva “superar” a deficiência, sempre pensando em sua funcionalidade, sendo a prevalente no campo médico. Foi possível observar que a concepção de deficiência pode estar relacionada ao horizonte de sentidos a partir dos quais o sujeito interpreta a si mesmo, outros e mundo, o que influencia sua formação pessoal e profissional. Dessa forma, nota-se o quanto é importante discutir a concepção de deficiência por parte dos universitários, uma vez que traz à luz a possibilidade de discussões com futuros profissionais, a fim de que sejam acolhedores às diferenças nos grupos sociais a que fazem parte, tendo o poder de formarem opiniões com uma visão mais ampla, sem preconceitos e estigmas. Fenomenologicamente pensando, o propósito é pensar de forma a desconstruir modos sedimentados de se pensar a deficiência, abrindo espaços para outros sentidos emergirem. Nesse contexto, é crucial compreender a maneira como se enxerga a deficiência, em especial no contexto universitário, uma vez que a universidade é produtora de discursos a partir dos quais se definem problemas e pode-se construir outros caminhos de reflexões.

Palavras-chave: Deficiência; Concepção; Universitários; Fenomenologia.

Ana Luiza Quevedo

Graduanda de Medicina pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESSTE/JAÚ); Graduada em Física pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Mestra e Doutora em Física Aplicada à Medicina e Biologia (USP/Ribeirão Preto); é colaboradora do grupo de pesquisa Bioquímica - Imunologia da UNOESTE/JAÚ e do grupo de pesquisa Física Médica Experimental e Computacional da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Email: anaquevedo@alumni.usp.br.

Ana Paula Gasparotto Paleari

Graduada em Psicologia (USC/Bauru); Mestra em Ciências (USP/Bauru); Pós-graduada em Neuropsicologia Infantil (Unicamp/Campinas); Especialista em Psicologia Clínica na abordagem Fenomenológica Hermenêutica (Instituto Dasein/SP); Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (UNESP/Bauru); Docente da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE/Jaú) e Coordenadora da Liga Acadêmica de Psiquiatria; Psicóloga Clínica desde 2008. Email: paula.paleari@unesp.br.

Caroline Garpelli Barbosa

Doutorado e Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (UNESP/Bauru); Graduação em Psicologia (UNESP/Bauru); Professora adjunta na Unip-Sorocaba (docente e supervisora clínica na abordagem Fenomenológico-Existencial); Membro do Grupo de Trabalho (GT 96) "Psicologia Fenomenológico-hermenêutica e questões contemporâneas, da ANPEPP; Psicóloga clínica e supervisora de orientação fenomenológico-hermenêutica em Sorocaba-SP. Email: psica_ca@yahoo.com.br.

Lucia Pereira Leite

Livre-docente em Psicologia da Educação. Pós-doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em educação Especial (PPGEEs - UFSCar); Graduada em Psicologia (UNESP/Bauru). Mestrado e Doutorado em Educação pela UNESP/ Marília; Professora Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, (UNESP/Bauru); Bolsista Produtividade CNPq. Email: lucia.leite@unesp.br.

4.11 CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO PROGRESSIVO-REGRESSIVO NA COMPREENSÃO DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES

João Felipe Leite Costa (UNIFOR)

José Waldo Saraiva Neto (UNIFOR)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR/APHETO)

Os Transtornos Alimentares (TA) são perturbações persistentes na alimentação e comportamento alimentar, resultando em consumos ou absorções alteradas dos alimentos, comprometendo, significativamente, a saúde das pessoas. Nota-se, na contemporaneidade, um expoente crescimento desses diagnósticos, ao mesmo tempo, cresce uma sociedade que idolatra a magreza, colocando o corpo como categoria central, tanto no seu caráter estético, quanto como ideal de sucesso e felicidade. Torna-se necessário discutir os TA como um fenômeno extremamente interligado com essa cultura de exaltação do corpo, sendo este um fenômeno social, intersubjetivo. Portanto, este trabalho visa trazer contribuições do Método Progressivo-Regressivo sartreano para compreender os Transtornos Alimentares. Trata-se de um trabalho teórico, de caráter narrativo. Sartre dialogava bastante com a psicologia, tendo seus trabalhos biográficos como um exemplo dessa aproximação. O autor francês pouco trabalhou sobre psicopatologia. Todavia, durante a biografia de Flaubert, trouxe um diálogo com a neurose, abrindo possibilidades nesse diálogo. Nestes trabalhos, utilizou o Método Progressivo-Regressivo como meio da compreensão da experiência vivida, levando em consideração o contexto histórico e social concreto, tanto nos aspectos objetivos, quanto subjetivos. Sartre compreende o homem como um singular-universal, não tendo uma subjetividade exclusivamente individualizada, mas que cada fala representa mais do que a si mesmo, trazendo seu contexto histórico, social e político. Dessa forma, a análise parte de um constante vai-e-vem horizontal, considerando sua temporalidade e articulando passado, presente e futuro. Ao mesmo tempo, verticalmente, repercute sua singularidade conectada aos seus grupos familiares, sociais, em determinada sociedade histórica e política, em um movimento de espiral, ligando todos esses aspectos. Portanto, para pensar os transtornos alimentares nessa lente, precisamos entender que esse grupo nosológico possui etiologia multicausal, precisando levar em consideração fatores biológicos, da história individual, da sociedade e cultura. A partir dessa característica, pode-se usar o método progressivo-regressivo como meio de escuta para pensar sobre pessoas que compartilham dessa experiência. Em primeiro momento, precisa-se levar em consideração os fatores individuais e objetivos como os fatores genéticos, que possuem influência para predisposição dos transtornos, também a sintomatologia com suas características universais para a nomeação e classificação. Ao mesmo tempo, a história de vida singular é elemento fundamental e as relações familiares também ocupam forte influência e também serão elemento-chave no cuidado e tratamento. Dessa forma, nesse movimento de vai-e-vem, torna-se necessário pensar o eixo social e cultural que, cada vez mais, valoriza o padrão de beleza estético magro, definido e desenhado, ao mesmo tempo, incentivando o estilo de vida “fitness”. A partir disso, cresce-se a exaltação desses corpos nas redes sociais, mídias, trazendo isso como um ideal a ser alcançado, mobilizando o sujeito em seu projeto. Tal demanda afeta principalmente o público feminino, não à toa que este é o que mais sofre com os TA. Portanto, este trabalho demonstra como os Transtornos Alimentares são atravessados por fatores tanto singulares, históricos, quanto sociais e culturais, sendo o método progressivo-regressivo um meio de compreensão desta experiência, reafirmando uma escuta clínica que vá além do individual.

Palavras-chave: Psicopatologia; Transtornos Alimentares; Método Progressivo-Regressivo; Jean-Paul Sartre; Prática clínica.

João Felipe Leite Costa

Graduando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Iniciação científica pelo laboratório APHETO; E-mail: joaofelipelc@yahoo.com.

José Waldo Saraiva Neto

Graduando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); bolsista de iniciação científica (FEQ – Fundação Edson Queiroz) pelo laboratório APHETO; E-mail: josewaldosaraiva@gmail.com.

Lucas Guimarães Bloc

Doutor pela Université Paris Diderot - Paris VII, professor do curso de psicologia e da pós-graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Professor Orientador no laboratório APHETO. E-mail: blocpsi@unifor.br.

4.12 CORPOS VIOLENTADOS: A ESCUTA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO DE PESSOAS LGBTQIA+

Andreia da Fonseca Araujo (UMESP)

Blanches de Paula (UMESP)

Marcos Roberto Corse (UMESP)

Maria do Carmo Fernandes (UMESP)

Rosa Frugoli (UMESP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e tem como tema Corpos Violentados: A Escuta do Sofrimento Psíquico de Pessoas LGBTQIA+. A violência vinculada à população LGBTQIA+ tem crescido descomedidamente. Segundo o Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil foram denunciadas 273 mortes em 2022: 228 assassinatos, 30 suicídios e 15 outras causas. O objetivo desta comunicação é oferecer a fenomenologia da escuta por meio de dois relatos de pessoas pertencentes a comunidade LGBTQIA+, maiores de 18 anos de idade, no período de janeiro a agosto de 2022, em que o sofrimento psíquico é vivenciado em suas corporeidades. As duas narrativas integram a pesquisa intitulada O Sofrimento dos Homossexuais Vítimas de Violência, aprovada comitê de Ética CAAE: 52943621.6.0000.5508, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Na presente comunicação, o escopo metodológico de natureza qualitativa tem como inspiração e diálogo a fenomenologia merleau-pontyana a partir do seu conceito de corporeidade e historicidade. Destaca-se o sofrimento que se expressa na corporeidade e que é acolhido por meio da escuta, da compreensão e alteridade da pesquisadora. O corpo-sujeito que comunica o sentir como ato do conhecimento narra sua trajetória de vida na vivência intersubjetiva do estar no mundo pela discriminação e preconceito. No caso específico das narrativas, o corpo-sujeito em sofrimento psicossocial é percebido na vivência do visível e invisível nas diferentes dimensões sociais. A invisibilização é marca da ambiguidade vivida no olhar de pessoas que são referências de cuidado na sociedade, mas que diante de pessoas LGBTQIA+ apresentam uma atitude de violência física, verbal e simbólica que toca a identidade, dignidade e a corporeidade. Conclui-se que ao partilharem a exclusão em contextos de saúde, educação, jurídico e religioso, encontraram na escuta da trajetória de pesquisa que participaram, a acolhida e inclusão que lhes permitiram vivenciar a intersubjetividade afetiva e reconhecidamente o corpo existencial. Percebe-se também que a interrelação entre corporeidade e historicidade, explícita o sofrimento vivido e denuncia a exclusão social; corpo violentado é linguagem do mundo vivido em sofrimento pelo olhar e indignidade do outro. O acolhimento na pesquisa tornou-se um lugar de fala e vivência da intersubjetividade, afeto e olhar humano dignificado. Ou seja, a escuta oferecida pela pesquisadora proporcionou uma marca na historicidade das pessoas LGBTQIA+ e contribuiu para desdobramentos como denúncia da violência em certos ambientes na área da saúde, educação, religioso e também jurídico que proliferam a invisibilização, exclusão e descaso. Destaca-se que um desdobramento da pesquisa foi o oferecimento de um espaço de escuta e estímulo para continuidade da luta por direitos humanos das pessoas LGBTQIA+ em instituições de referência e apoio à essa população.

Palavras-chave: Corporeidade; População LGBTQIA+; Exclusão e invisibilidade; Acolhimento; Merleau-Ponty.

Andreia da Fonseca Araujo

Psicóloga e Supervisora Clínica; doutoranda e mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da UMESP; especialista em Psicologia Junguiana; psicossomática e arteterapia pelo Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa; pesquisadora em Saúde; Violência de gênero e adaptação humana do grupo de pesquisa (CNPq) no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Assuntos de Gênero e Saúde; NEPAG-Saúde; bolsista CAPES-PROSUC. E-mail: de_faraujo@yahoo.com.br.

Blanches de Paula

Psicóloga; teóloga; mestre e doutora em Ciências da Religião pela UMESP; com pós-doutorado em teologia pela Candler School of Theology; Emory EUA; especialização em Logoterapia e análise existencial pela Sobral (Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial Frankliana); professora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde e em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Cursando Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: blanchespaula@gmail.com.

Marcos Roberto Corse

Psicólogo clínico; pós-Graduado em psicologia clínica: humanista, fenomenológica e existencial; na Universidade de Araraquara (UNIARA); mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Assuntos de Gênero e Saúde - NEPAG-Saúde na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: marcos.roberto.corse@gmail.com.

Rosa Frugoli

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); mestre em ciências sociais (Antropologia Urbana/PUC/SP); Especialista em Educação e Graduada em Psicologia; experiência na área de Formação Humana; professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde (UMESP); coordenadora do grupo de pesquisa NEPAG-Saúde (CNPq). E-mail: rosa.silva1@metodista.br.

4.13 DA EXPERIÊNCIA DA LINGUAGEM NO ÂMBITO PSICOTERAPÊUTICO: A ESCUTA A PARTIR DA SERENIDADE HEIDEGGERIANA

Crisóstomo Lima Do Nascimento (UFF)

Daniel Fonseca Ferreira (UFF)

O presente trabalho se distancia de um olhar para a linguagem enquanto um aspecto restringido ao campo ôntico e se aproxima de uma abertura para a experiência de diálogo no âmbito psicoterapêutico a partir de uma retomada hermenêutica que situa as condições existenciais como indissociáveis de uma compreensão fenomenológica. O objetivo é compreender como a linguagem em suas condições originárias se articula no atendimento psicoterapêutico, uma vez que é mediante a compreensão originária da linguagem que também pode-se anunciar de maneira desvelada o fundamento epistemológico - sobretudo ontológico - da escuta clínica. Trata-se, portanto, não exclusivamente de investigar a validade de uma teoria do conhecimento ou muito menos de se reduzir à explicitação das certezas e pressupostos que garantem um lugar de saber e poder sobre um suposto objeto - o paciente - a partir da escuta, mas sim da possibilidade de um pensamento mais afrouxado que se situa na região de compreensão do sentido de ser que se desvela nos diálogos pertinentes à partilha que acontece entre psicoterapeuta e a pessoa em psicoterapia. Deste modo, junto a isto e também tendo em vista o aspecto situacional através do qual emergem as condições existenciais que dizem respeito ao modo de ser que se evidencia desde a fala do paciente, entretece-se como a serenidade (*Gelassenheit*) pode permitir que se anuncie aquilo que há de mais originário dentro da intimidade que se desvela dentro do contexto da linguagem no encontro clínico. Assim, a partir do método fenomenológico hermenêutico, a linguagem pode-se anunciar não somente como uma espécie de estrutura sintática ou veículo no qual acontecem as trocas de comunicação no encontro, mas sim como uma correspondência ao próprio modo do ser humano experienciar-se em seus diversos modos de relação com o mundo. Temos como método a hermenêutica fenomenológica, que, à luz da ontologia de Martin Heidegger, pode descomprimir a interpretação do sentido de ser da linguagem ao se sustentar em uma perspectiva mais ampla, conforme tal movimento de interpretação é situado considerando o modo de ser do ente pelo qual a linguagem pode ser experienciada. Nesse contexto, ao se manter enraizado no terreno existencial que anuncia o modo de ser deste ente, os partilhantes do encontro sustentam a possibilidade de retomar de modo mais próprio um âmbito de serviço e cuidado (*therapeutikos*) que acolha e mostre as possibilidades mais originárias de seu campo de abertura.

Palavras-chave: Fenomenologia; Hermenêutica; Linguagem; Serenidade; Psicoterapia.

Crisóstomo Lima Do Nascimento

Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Departamento de Psicologia do Polo Universitário de Campos dos Goytacazes; Professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF0; Pós-Doutor em Ciências da Religião pela PUC-Campinas; Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense; Coordenador das pesquisas do NEPPFFE. E-mail: crisostomoln@gmail.com.

Daniel Fonseca Ferreira

Psicólogo formado pela Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes (UFF/Campos); Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE); Formação em Daseinsanálise pela Rede Existências;

Cursando Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: matcdan@hotmail.com.

4.14 DA NECESSIDADE DE CONEXÃO HUMANA

Claudia de Loureiro Carvalho (LAFEPE/UERJ)

Espaços virtuais de encontro para se conectar com alguém se tornaram parte do cotidiano contemporâneo. Ao falarmos em conexão humana, queremos aproximar e evidenciar a necessidade do vínculo nas relações humanas em nosso cenário hodierno, falamos do sofrimento de expressão singular em sua morada compartilhada, na presença constitutiva e impregnante da comunidade humana. O termo conexão, do latim ligar um ao outro, já nos diz do acontecimento próprio do humano: o seu sentido de ser relação. No uso do termo, vemos: um ao outro — um indivíduo singular que é tocado, afetado, se liga a outro indivíduo singular. O outro, a diferença, a alteridade, e também a igualdade na condição humana compõem a rede de conexões engendrada como coletividade, comunidade, pluralidade de indivíduos. Queremos pensar a necessidade dessas redes de ligações diante do sofrimento singular, diante da igualdade da condição humana e da diferença constitutiva e mobilizadora da existência. O que há de vital e curativo nessa rede de conexões? O que dessa necessidade de conexão se pode tocar e descrever no limiar mais originário na existência humana a partir do acontecimento cotidiano do ser? Sobre um necessário vínculo, união, relação, reverberam os relatos acerca dos sofrimentos na clínica psicológica, onde a mesma clínica já se efetiva para essa necessidade. Kierkegaard em suas obras descreve o ser do humano como uma relação que se relaciona, como também fala da necessária, ou melhor, da devida conexão amorosa com o próximo, com a diferença. Kierkegaard dialoga da dificuldade e do sofrimento constitutivo do ser do humano e por necessária presença, ao discorrer sobre e a partir da doença até a morte já revela, na costura do seu avesso, o que indica a saúde até morte. No toque da relação que conecta, liga um ao outro, esse limiar poderia nos indicar o convalescer do homem que sofre, que se preocupa sobre o que se dá em seus vínculos, em suas afetações? A clínica psicológica fenomenológica e existencial, que se inspira no pensamento de Kierkegaard, vê na desproporção do desespero humano de fixar-se em um isolamento, no hermetismo: o homem que pode desligar-se das relações em comunidade, pode desconectar-se de um sentido comum, coletivo ou por ele pode ser tão absorvido que se desconecta até de si mesmo, da relação que é, do poder-ser e tornar-se si-mesmo. No caminho de uma composição entre a psicologia indicada por Kierkegaard e o fazer clínico junto àquele que sofre em suas relações, este ensaio quer se aproximar do fenômeno que toca a condição humana em sua necessidade de conexão que estiola e convalesce o viver.

Palavras-chave: Amor; Clínica; Hermetismo; Liberdade; Sofrimento.

Claudia de Loureiro Carvalho

Psicóloga (IBMR). Sócia colaboradora e Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Pesquisadora da Margem Kierkegaardiana (LAFEPE/UERJ), Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: claudiacarvalhoamaral@gmail.com.

4.15 DISSIDÊNCIAS SEXUAIS: ALGUMAS PROPOSIÇÕES CLÍNICAS A PARTIR DE MEDARD BOSS

Geise Campêlo Ferreira (UnB)

Ileno Izídio da Costa (UnB)

No livro *Sentido e Conteúdo das Perversões Sexuais*, publicado em 1947, Medard Boss realiza uma daseinsanálise de oito casos clínicos de pessoas classificadas nas categorias: fetichista, coprofílico, cleptomaníaca, voyeur-exibicionista, sadomasoquista e homossexual, destacando como as supostas “perversões” seriam estreitamentos do fenômeno do amor. Boss utiliza-se desses casos para uma apresentação da compreensão daseinsanalítica, em contraposição aos modelos psicanalítico e antropológico, aos quais tece variadas críticas. Este artigo objetivou realizar um exercício de releitura contemporânea desta obra, articulando o livro de Boss com uma discussão sobre a despatologização das sexualidades dissidentes, em consonância com produções contemporâneas e novas produções de sentidos. A partir dessa análise identificamos dois momentos diferentes do pensamento de Boss na escrita do livro. Em um primeiro momento, percebemos que na seção “Três homossexuais” estavam presentes várias leituras patologizantes e ainda muito restritas às convenções sociais de sua época, que acabaram por reforçar estereótipos de gênero e algumas formas de homofobia. Houve uma ênfase nessas expressões enquanto manifestações das distorções do modo de existência amoroso. Contudo, em um segundo momento, na seção dedicada aos fetichistas, encontramos algumas possibilidades de leituras despatologizantes, em especial pela abertura do autor em acolher os sentidos das experiências relatadas. O acolhimento desses sentidos possibilitou rupturas com os modelos até então disponíveis, bem como facilitou outras compreensões do modo de existência amoroso, apreendendo essas expressões de sexualidade também enquanto possíveis “clareiras” que permitiram aos sujeitos o acesso ao fenômeno do amor, da abertura para o mundo e a ruptura com modos existenciais engessados. Concluímos que, embora o livro de Boss não tenha rompido totalmente com as normas sociais da época e fornecido a legitimação das dissidências sexuais conforme se discute na contemporaneidade, foi capaz de fornecer outras possibilidades de compreensão a partir do distanciamento de algumas teorias universalizantes e generalizantes dessas mesmas dissidências, dando certo espaço para a emergência da subjetividade e dos modos de existência. A partir desse trabalho, concluímos com uma reflexão sobre a proposta de uma clínica fenomenológica-existencial que reflita e questione os a priori que permeiam as dissidências sexuais (às quais ainda são atribuídas valorações de imaturidade/incompletude; que carregam heranças psicopatológicas a partir do modelo nosológico; que ainda são consideradas de forma associativa à formas de violações, violências e abusos) e suspendendo-os, dirija-se para a compreensão de seus sentidos, considerando como ponto de partida uma fuga intencional dos modelos patologizantes, normativos e universalizantes.

Palavras-chave: Medard Boss; Fenomenologia; Psicopatologia; Sexualidade; Dissidências.

Geise Campêlo Ferreira

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB); Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (UCB); possui Especialização em Psicologia Clínica Fenomenológica-Existencial pela Afethos – Instituto de

Psicologia; Especialização em Psicologia e Sexualidade pela Universidade de Araraquara (Uniará). E-mail: psicologageisecampelo@gmail.com.

Ileno Izídio da Costa

Graduado em Psicologia Clínica (UnB, 1985); Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (UnB, 1990); Master of Arts em Philosophy and Ethics of Mental Health (University of Warwick, 2000); Doutor em Psicologia Clínica (UnB, 2002); Pós-Doutorados (USP, UFRN, Universidade Católica de Lisboa); atualmente é professor associado e pesquisador de Graduação e Pós-graduação da UnB e Decano (pró-reitor) de Assuntos Comunitários (DAC). E-mail: ilenoc@gmail.com.

4.16 ENLUTAMENTO PARENTAL POR VIOLÊNCIA POLICIAL E O ENLACE DA ESCUTA FENOMENOLÓGICA

Camila Marina Nery Pellizzer (UFPR)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

Larissa Léia da Costa (UFPR)

Segundo dados públicos, cerca de dois jovens são mortos diariamente em decorrência de violência policial, deixando muitas famílias enlutadas. Em meio às discussões concernentes ao luto, estudiosas destacam que em uma perspectiva macrossocial, esse é um processo de enlutamento não reconhecido e silenciado. Em algumas circunstâncias, tal silenciamento ocorre até mesmo por pessoas do convívio diário dos pais e das mães em luto, uma vez que, circundante à invisibilização e ao silenciamento, é recorrente a máxima discursiva de que se seu filho foi morto pela polícia é porque certamente se tratava de um criminoso, afetando a memória e a história familiar partilhadas. Outro aspecto que aprofunda a desumanização das famílias assoladas pela violência policial é que elas são, em sua maioria, famílias negras e em vulnerabilidade socioeconômica. Destaca-se ainda, que o enlutamento por violência policial é atravessado pelo Estado, que além de omitir a violência de seus agentes, negligência e promove situações de revitimização, seja pelo descaso da justiça diante dos tantos casos arquivados, seja por testemunharem cotidianamente outros adolescentes e jovens que continuam a ser assassinados. Além disso, é apontado pela literatura sobre luto que o luto materno, o luto por mortes violentas e de pessoas jovens, são mais difíceis de serem assimilados e ressignificados. Tendo em vista que o enlutamento perpassa a experiência da perda de uma coexistência intercorporal, em que a experiência do nós e de si mesmo se altera, comumente a pessoa enlutada relata que o seu sentido de vida se esvaiu, diante de um outro corporalmente ausente, mas presente em seus hábitos e memórias. Diante do silenciamento vivido no luto por violência do Estado, da relevância da memória e da história para o luto materno e familiar, a escuta fenomenológica se propõe a romper com a dinâmica de silenciamento e re vitimização, a fim de oportunizar e assegurar a possibilidade de que o luto seja experienciado de modo mais livre, com respeito, acolhimento e ética, a partir do que se mostra na situação clínica. Neste sentido, a escuta fenomenológica se coloca como seara para que essa experiência se mostre em suas possibilidades e potências, viabilizando o resgate da memória e da história familiar, a expressão da dor e a ressignificação de um existir permeado pela falta de um filho.

Palavras-chave: Luto Parental; Escuta Fenomenológica; Violência Policial.

Camila Marina Nery Pellizzer

Graduação em Psicologia (UFPR), extensionista voluntária do projeto Luto: Vivências e Possibilidades II - vinculado ao DEPSI, UFPR, Curitiba- Paraná, Brasil. E-mail: capellizzer@gmail.com.

Joanneliese de Lucas Freitas

Graduação em Psicologia, mestre em Psicologia do Desenvolvimento no contexto sociocultural, Doutora em Psicologia (UnB), Professora Associada da UFPR, Coordenadora do projeto Luto: Vivências e Possibilidades II - vinculado ao DEPSI, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: joanneliese@gmail.com.

Larissa Léia da Costa

Graduação em Psicologia (UNIVAG), mestre em Psicologia (UFMT), Doutoranda em Psicologia Clínica pela UFPR, Bolsista CAPES, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: larissa.dtpsi@gmail.com.

4.17 ESCUTA PSICOLÓGICA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS PARA O ADOECIMENTO E MORTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Coppi Durante (Instituto Dasein)

O Dasein se dá desde o início como um ser-para-a-morte, determinando-se essencialmente a partir do futuro. Apesar disso, no cotidiano, a irrefutabilidade da morte em sua maioria das vezes é obscurecida. O homem, diante de um adoecimento e possibilidade de morte, costuma experienciar o mundo marcado por um corpo adoecido e pode ressignificar seu existir. Diante de tal fenômeno e a facticidade da morte, o sujeito pode apresentar angústias, desejos, expectativas, dificuldades e potencialidades, mostrando-se, muitas vezes, importante a ampliação de sua compreensão para que seja possível o respeito à sua autonomia e possibilidades de existir e projetos de futuro. Apesar dos serviços hospitalares serem considerados o lugar para a morte contemporânea, silenciosa e privada, os profissionais que trabalham nesses espaços demonstram, em muitos casos, uma resistência em entrar em contato com a piora clínica e a morte de seus pacientes. O objetivo principal do trabalho foi analisar a compreensão profissional do que foi observado dos sentidos produzidos por pacientes acerca de sua própria finitude e, como objetivo específico, investigar se o atendimento psicológico atuou como possibilitador dessa produção de novos sentidos. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa e teórica, utilizando o relato de experiência do tipo descritivo, a partir do acompanhamento psicológico de dois pacientes, um durante internação em 2020 na Unidade de Terapia Intensiva e outro em 2021 na Unidade de Cuidados Paliativos, de um Hospital Geral localizado na cidade de São Paulo. Observou-se que a escuta oferecida aos pacientes pela Psicologia mostrou-se importante para que ressignificassem e ampliassem sua compreensão da experiência vivida, assim como possibilitou a expressão de seus desejos, angústias e potencialidades diante da finitude. Cada paciente vivenciou a situação de modo único, apresentando a morte com sentidos e expectativas distintas. Além disso, a relação com a família e a busca por prepará-los para a própria finitude do paciente mostrou-se relevante para ambos. Conclui-se que o acesso a isso só foi possível a partir da construção de vínculo e disponibilidade para o encontro com o paciente, ao ampliar sua autonomia e possibilitar a produção de novos sentidos. Assim, na relação terapêutica, o psicólogo busca através da fala facilitar o reconhecimento do paciente no poder-ser, abrindo-lhe às possibilidades existenciais, incluindo reconhecer-se como ser-para-morte, podendo encontrar-se em sua liberdade de fazer-se no mundo.

Palavras-chave: Morte; Psicologia; Atitude frente a morte; Hospitais; Fenomenologia.

Beatriz Coppi Durante

Psicóloga clínica e hospitalar; especialista em Psicologia da Saúde pelo Programa de Residência Multiprofissional em Urgência e Emergência pela UNIFESP; cursando Especialização em Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica pelo Instituto Dasein (SP); graduada em Psicologia pela PUC-SP; supervisora no PROALU/CAISM Vila Mariana (SP); psicóloga hospitalar no Hospital Alemão Oswaldo Cruz (SP). E-mail: biacoppidu@gmail.com.

4.18 ESTUDO DE CASO DE DOIS CLIENTES EM SESSÃO DE PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL REALIZADO EM CLÍNICA-ESCOLA

Guilherme Natan Spatti (UNIP)

Natan da Cruz Lemes (UNIP)

Vitória Cristina Ferreira dos Santos (UNIP)

Luiz Roberto Maquezi Ferro (UNIP)

Este estudo tem por objetivo comprovar a importância da abertura e disponibilidade do psicoterapeuta no contexto clínico, especificamente no psicodiagnóstico infantil pautado na perspectiva fenomenológica, permitindo um atendimento democrático e horizontal, possibilitando ao cliente tornar-se o centro do atendimento e respectivamente de sua vida, mesmo que pela tenra idade, ainda não seja tratado dessa forma na sociedade. Os estagiários psicoterapeutas precisaram lidar com a frustração mediante a quebra de expectativas da sessão que não ocorreu da forma desejada, isto é um exercício fundamental para a prática fenomenológica (suspensão fenomenológica). Para os clientes, a oportunidade de poder mudar e transformar a sessão traz novas possibilidades e senso de pertencimento e responsabilidade, além de fornecer informações importantes para o psicodiagnóstico. Método: Na sessão analisada, investigou-se a participação de dois meninos, de 10 e 9 anos no processo de psicodiagnóstico infantil. A proposta da atividade preparada pelos estagiários psicoterapeutas era de que as crianças desenhassem livremente em uma grande folha comum, utilizando tinta e após terminados os trabalhos, criarem uma história em conjunto envolvendo todos os desenhos, a fim de serem inqueridas informações importantes para o psicodiagnóstico através do desenho e fala, bem como a socialização e a relação com seus pares. Todavia, no decorrer da atividade proposta, as crianças passaram a se preocupar em conversar, disputar, descobrir novas cores com as misturas de tinta e expressar-se livremente, sem o impacto dos estagiários psicoterapeutas. A história foi posta de lado e nenhuma das crianças conseguiu concluir o objetivo de combinar os desenhos em uma só narrativa. Entretanto, a sessão fora de grande valia, pois permitiu que o menino M (10 anos), que estava ali por conta de queixas de comportamentos egoístas e violentos com outras crianças, mostrasse aos estagiários psicoterapeutas essas atitudes, algo não visto até então nas sessões anteriores. A sua necessidade de falar, diminuir os colegas e fazer piadas, combinadas ao seu desenho do triste e solitário Rei Gelado, do desenho A Hora de Aventura, mostram o desejo de ser percebido e de receber a atenção ausente, principalmente na relação materna. Para o menino A (9 anos), cujo encaminhamento se deu através da escola devido a suspeita de dislexia e autoestima baixa frente às atividades que exigissem rigor intelectual, sempre estiveram presentes e tiveram destaque na sessão em questão. O nervosismo diante da atividade proposta deu lugar a uma forte interação com as crianças. As falas repetindo as explicações do desenho de M, corroboram com a queixa da escola de cópia das matérias. Outro ponto importante está no fato de A trocar os nomes de pessoas que ele já conhecia. Inclusive, chamou M de outro nome, o que levanta a hipótese de haver alguma defasagem nos processos mnemônicos que impactam diretamente na aprendizagem. Diante disso, destaca-se a importância do processo proposto pela fenomenologia, que visa colocar em suspensão as expectativas dos terapeutas, bem como suas teorias e técnicas, para conseguir enxergar claramente o paciente e suas demandas.

Palavras-chave: Clínica Infantil; Psicodiagnóstico; Fenomenologia.

Guilherme Natan Spatti

Graduando em Psicologia pela Universidade Paulista, campus de Araraquara-SP, Clínica-Escola de Psicologia, estágio em Psicodiagnóstico, E-mail: gui.spatti.gs@gmail.com.

Natan da Cruz Lemes

Graduando em Psicologia pela Universidade Paulista, campus de Araraquara-SP, Clínica-Escola de Psicologia, estágio em Psicodiagnóstico. E-mail: nacrule12@hotmail.com.

Vitória Cristina Ferreira dos Santos

Graduanda em Psicologia pela Universidade Paulista, campus de Araraquara-SP, Clínica-Escola de Psicologia, estágio em Psicodiagnóstico. E-mail: vitoriasantos.021.09@gmail.com.

Luiz Roberto Marquezi Ferro

Graduado em Psicologia e Filosofia, Especialista em Filosofia e Ensino de Filosofia, Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Psicologia Hospitalar e Neuropsicologia, Mestre em Promoção de Saúde e Doutor em Psicologia da Saúde, professor titular, Programa de Graduação em Psicologia, Clínica-Escola de Psicologia, Universidade Paulista (UNIP - Campus Araraquara, SP). E-mail: luiz.ferro@docente.unip.br.

4.19 ESTUPRO E ABUSO SEXUAL MASCULINO: VERACIDADE E FALTA DE ENTENDIMENTO SOBRE A VITIMIZAÇÃO MASCULINA DE HOMENS ADULTOS

Francesca da Rocha Rosa Martins (UNICESUMAR)

Roberta da Rocha Rosa (UTP)

Fenomenologicamente, vítimas de agressão sexual masculina são colocadas como responsáveis por ela, sendo tidas como menos traumatizadas do que quando ocorre com o sexo feminino. Além disso, não há reparação legal para tais vítimas, desacreditadas ao procurar a polícia, a família, a justiça ou os familiares. O objetivo do presente estudo é contribuir para que as vítimas de estupro masculinas passem a ser entendidas como tal, mesmo que tenham ereção e ejaculação durante o abuso, o que é constatado que fisiologicamente ocorre pela coação ou estimulação do agressor. Comprovadamente, em um enforcamento o homem tem ereção devido a fatores fisiológicos, mesmo já estando morto. Para atingir o objetivo formulado efetuou-se uma revisão de literatura com análise de artigos científicos em inglês, publicados no Reino Unido, Estados Unidos, Índia e Portugal. Os conceitos abordados são os de ereção não voluntária no abuso sexual masculino, havendo estupro, e da falta de recursos e de reparação judicial, culpabilizando o agressor (homem ou mulher), entendendo-se que não existe consentimento do agredido. Verificou-se que a ereção involuntária pode ocorrer por ansiedade, ataques de pânico e momento aterrorizante, além da estimulação anal e penetração. Há o receio de que, se entendendo pela veracidade do abuso sexual masculino, diga-se estupro, mais especificamente, ocorra a diminuição de recursos para tratar o abuso sexual feminino. Nos Estados Unidos, compreende-se o abuso sexual por gênero neutro, ou seja, tanto para homens quanto para mulheres; no entanto, restam três estados no qual ele não é visto da mesma forma. A reparação judicial não ocorre devido à falta de entendimento adequado por parte da polícia, advogados, juízes e, até mesmo, de psicólogos, com base no mito de que homens não podem ser agredidos sexualmente, além do resultado da relação de patriarcado existente na sociedade. O estupro masculino é carregado de homofobia, sexismo e hipermasculinidade, questionando-se o sobrevivente e havendo a sua marginalização. O preconceito advindo do abuso sexual masculino acaba por fazer com que ocorra, inclusive, subnotificação dos estupros em homens adultos, visto que eles são ridicularizados pela própria família, amigos e representantes da justiça, os quais deveriam ampará-los. Em suma, sustenta-se que deve haver reconhecimento e conscientização do fenômeno em pauta.

Palavras-chave: Agressão Sexual; Ereção e Ejaculação Involuntárias; Culpabilização do Agressor; Falta de Consentimento da Vítima; Preconceito.

Roberta da Rocha Rosa

Graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba, com pós-graduação em direito societário, pelo Instituto dos Advogados do Paraná e Junta Comercial do Paraná, Mestrado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e pós-graduada em Psicologia Forense, pela Faculdade Única de Ipatinga, estudante de psicologia, da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: robertarosamartins@hotmail.com.

Francesca da Rocha Rosa Martins

Graduanda de medicina pela UNICESUMAR, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: francescamrtns@gmail.com.

4.20 FAZER A MATRÍCULA APENAS, NÃO SIGNIFICA INCLUIR: TEA E SUAS POSSIBILIDADES EM AMBIENTE ESCOLAR.

Jane da Silva Paes (UFAM)

Ruy Siqueira de Lima (UNINORTE)

A escola pode ser vista como um espaço privilegiado para a construção de relações interpessoais e para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A importância de se conhecer as necessidades individuais do aluno, incluindo preferências de aprendizagem, desafios específicos e comportamentos que podem afetar o desempenho na escola, devem ser levados em consideração no escopo de um plano escolar para a educação inclusiva que tem como pressuposto atender estudantes com deficiência. O perfil funcional dessas pessoas com suas habilidades específicas, quando adequadamente empregadas, segundo Camargos (2018) podem ser mais eficazes que dos “neurotípicos/normais”. A intervenção em sala de aula é uma parte importante do tratamento para crianças com TEA e envolve observações e avaliações regulares, no entanto a escola regular não está pronta para receber em suas salas de aula alunos com estas especificidades, embora o número de alunos TEA em escolas regulares tenha crescido a cada ano. Pretendeu-se a partir desse trabalho, tecer uma análise de natureza crítico-reflexiva com base nos resultados finais do Relatório de Estágio Básico acadêmico com ênfase escolar, dentre o proposto acerca das demandas específicas e próprias do saber e fazer psicologia, também “poder-ser-mediador escolar por alguns dias” de aluno TEA. Posto isso, como se pensar efetivamente em dispositivos para tornar o ambiente escolar inclusivo e a forma como o profissional da Psicologia pode atuar como facilitador deste processo. Inspirado no método fenomenológico com base em Merleau-Ponty é preciso repensar os processos educativos e valorizar a criatividade vivida pelo corpo como sujeito do conhecimento. Pela corporeidade, o ser humano faz do outro um mediador de sua existência, seja na condição de emissor ou receptor de formas expressivas, o corpo insere o ser humano de forma ativa e passiva no espaço social, de modo que, conforme diz Caminha (2009) não somos meras máquinas que manifestam reações físico-químicas. Somos corpos que carecem do outro. Portanto, precisamos ser educados corporalmente do ponto de vista da convivência social. Crianças com TEA podem ser sensíveis a estímulos sensoriais, como barulhos altos, luzes brilhantes e texturas desconfortáveis. Faz-se necessário um ambiente minimamente adequado que se contemple tais necessidades. O trabalho em colaboração com os pais são igualmente uma parte importante da equipe colaborativa do aluno com TEA, mediação esta feita por parte de um profissional da Psicologia, não obstante aos demais profissionais como Pedagogos e Psicopedagogos. De acordo com Lima (2005) a psicologia sempre se fez presente na educação, criando critérios para classificar as crianças que não estavam adaptadas aos padrões ideais estabelecidos pela classe social dominante, nos diferentes períodos históricos. Se num primeiro momento as separou em normais e anormais, num segundo modelo de trabalho, as denominou crianças problema, e diante do modelo que por hora abordamos, marca os deficientes ou os carentes. O Estágio Básico em Processos de Acolhimento e Avaliação Psicológica com ênfase em Psicologia Escolar reverberou alguns elementos que refletem a educação também como intencionalidade, abertura ao ser, ao existente, às múltiplas dimensões do real, ao mundo humano e à liberdade.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; TEA; Inclusão Escolar; Educação Existencial.

Jane da Silva Paes

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica; Especialista em Saúde Coletiva; Bacharela em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Coordenadora Técnica da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM); Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN/UFAM; Supervisora do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em Escolas Públicas de ensino em Manaus. E-mail: janedasilvapaes@gmail.com.

Ruy Siqueira de Lima

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte – UNINORTE; Sócio-voluntário da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz); Membro da Liga Acadêmica de Psicologia da Uninorte (LAPSIUNN); Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM); Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM); Formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. E-mail: ruylima@gmail.com.

4.21 FINITUDE DA VIDA EM UM ESTADO NECROPOLÍTICO: ANÁLISE DECOLONIAL DA PANDEMIA DA COVID-19

Loivo José Mallmann (UFPR)

O ensaio aborda a temática da finitude da vida na pandemia da Covid-19 sob a perspectiva decolonial e do conceito de necropolítica. A questão central que orienta o seu desenvolvimento é: como a finitude e as mortes causadas pela Covid-19 podem ser analisadas à luz da visão decolonial e da necropolítica? Para respondê-la, realizou-se uma revisão narrativa da literatura sobre o tema em foco. No Brasil, até julho de 2023, mais de 700 mil vidas foram perdidas para a doença. Globalmente, o número ultrapassa 6,9 milhões de vítimas, levantando questões profundas sobre a existência, a finitude da vida e o seu significado diante da sua impermanência. A primazia do conhecimento científico eurocêntrico acentua a injustiça epistêmica que domina o cenário acadêmico, afetando a análise e o enfrentamento de desafios contemporâneos, como uma pandemia. O pensamento decolonial emergiu no final dos anos 1990, quando pensadores latino-americanos criticaram a universalização da modernidade eurocêntrica, que moldou a ciência predominante, e buscaram desvendar a colonialidade do poder, do conhecimento e da existência. No contexto pandêmico brasileiro, a demora do Ministério da Saúde em adotar medidas eficazes para lidar com a pandemia, negligenciando orientações científicas e menosprezando medidas sanitárias, aliada ao discurso negacionista e à indiferença em relação ao sofrimento das vítimas, fortaleceu a necropolítica, uma teoria desenvolvida pelo pensador camaronês Achille Mbembe. Essa política da morte afetou, principalmente, a população carcerária, moradores em situação de rua, comunidades LGBTQIA+, indígenas, negros, quilombolas, comunidades periféricas, pessoas com deficiência, portadores de doenças crônicas e idosos. O predomínio do modelo biomédico de saúde desconsiderou os saberes tradicionais, e o neoliberalismo promoveu o desmonte de políticas públicas de assistência social nos países latino-americanos, prejudicando a resposta à crise. As ações governamentais foram influenciadas pelo autoritarismo, promovendo a necropolítica, e evidenciando as contradições do sistema socioeconômico neoliberal em fazer frente aos desafios da pandemia. O medo excessivo de contrair a doença gerou ansiedade e fobia na população, tornando a morte um episódio ainda mais traumático, ao ocorrer de forma silenciosa nas Unidades de Terapia Intensiva e sem rituais de despedida. Por fim, a discussão da interconexão entre desigualdade, precarização da vida e necropolítica destacou a importância do Estado na implantação de políticas públicas eficazes em um contexto de pandemia. Tal situação revelou tanto a fragilidade humana, bem como a resiliência e a capacidade de empatia que podem surgir diante da adversidade.

Palavras-chave: pandemia; morte; decolonialidade; necropolítica.

Loivo José Mallmann

Graduação em Filosofia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Brasil, Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil, Graduação em Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Brasil, Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil, com mestrado em Teologia Moral, pela Pontifícia Universidad Comillas, de Madri, Espanha, professor da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, e aluno do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPR. E-mail: loivojose@hotmail.com.

4.22 GÊNERO E CUIDADO NA PANDEMIA DE COVID-19

Camila de Barros Dutra (UFPR)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

A pandemia de COVID-19 gerou grandes mudanças para todo o mundo, não só no âmbito sanitário, mas também social, econômico e político. O presente trabalho teve como objetivo discutir a feminização do cuidado no contexto da pandemia de COVID-19. Com o objetivo de ouvir a vivência das mulheres durante a pandemia, pesquisamos no YouTube “mulheres e COVID-19”, “mulheres e pandemia” e “mulheres e novo coronavírus”, foram selecionados dez vídeos em que mulheres falavam sobre as suas experiências nesse período. A análise dos vídeos foi realizada por meio do método fenomenológico. Ao suspendermos as pré-concepções sobre a vivência das mulheres nesse período, o fenômeno da feminização do cuidado se desvelou de forma relevante na vivência delas, aparecendo claramente em seis dos dez vídeos selecionados. Para tal discussão utilizamos a fenomenologia crítica e o conceito de situação de Simone de Beauvoir. Pudemos observar que a feminização do cuidado já fazia parte da situação da mulher mesmo no período pré-pandemia. Diante do mundo patriarcal, o ser-cuidadora se desenhava como um papel “natural” da mulher, como se fizesse parte de um destino traçado para elas, limitando as suas possibilidades de ação no mundo. O ser-cuidadora, na lógica da feminização do cuidado, aparece como justificativa para a existência delas e seus projetos existenciais com frequência se desdobram em convergência com essa afirmativa, ou seja, são projetos existenciais que se engendram a partir do ser-cuidadora. O cuidado se apresenta em contextos que são considerados femininos, como o espaço doméstico, a maternidade e trabalhos gendrados como femininos. As práticas profissionais consideradas femininas parecem perder seu aspecto técnico, já que o cuidar é considerado um “dom” feminino. No período da pandemia de COVID-19 o cuidado foi mais necessário por diversos motivos, mantendo as mulheres na linha de frente desses cuidados nos mais diversos contextos, desde o contexto profissional até familiar. Elas são a maioria das trabalhadoras da área da saúde, ou seja, a demanda por cuidado foi um fator marcante na experiência delas. O período pandêmico exigiu do Estado políticas públicas que atendessem as especificidades necessárias para o momento, mas para que as políticas públicas fossem de fato efetivas, seria necessário ouvir a demanda da população. Podemos compreender que quando o Estado é negligente ao cuidar da população, as mulheres desempenham o papel de cuidadoras. A feminização do cuidado, com a percepção de que a mulher é ser-cuidadora “natural” se apresenta como limitadora para a transcendência das mulheres e suas possibilidades de ser. Diante das normas impostas a elas na sociedade, as relações de poder e opressão tendem a inferiorizá-las. Podemos concluir que na pandemia de COVID-19 as mulheres vivenciaram maior risco de adoecer e morrer, além de sobrecarga pela demanda de cuidado, intensificando as limitações nos seus movimentos existenciais e projetos de ser. Compreendendo a feminização do cuidado como um fenômeno importante na vivência das mulheres, é necessário que estejamos atentas à ele durante a escuta e o acolhimento delas, tendo em vista as implicações do ser-cuidadora para a saúde e para as suas possibilidades existenciais.

Palavras-chaves: Pandemia; Gênero; Cuidado; Fenomenologia.

Camila de Barros Dutra

Formada em psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); mestre em psicologia clínica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: camilabdutra.cd@gmail.com.

Joanneliese de Lucas Freitas

Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: joanneliese@gmail.com.

4.23 LUTO MATERNO NÃO RECONHECIDO POR MORTE VIOLENTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida Hessel (UFBA)

Flávia Meireles Maron de Freitas (UNINASSAU)

Isabelle Lorena Fernandes Siqueira (UNINASSAU)

Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/Rede Existências)

O luto é compreendido como a experiência de perder alguém a quem se tem um vínculo significativo. A compreensão psicológica sobre o processo de luto abarca fatores contextuais que medeiam as formas de expressão do luto, sendo eles: a identidade da pessoa que morreu; a natureza do vínculo entre o enlutado e falecido; o contexto de como ocorreu a morte; as variáveis de personalidade do enlutado; as variáveis socioeconômicas e culturais presentes; bem como os estressores ambientais concorrentes. Quando o contexto da morte se dá por meio da violência interpessoal, sobretudo a violência civil contra pessoas consideradas marginalizadas (pretas, pobres e estigmatizadas), diante da perda pode se derivar o luto não reconhecido, uma vez que a morte passa pelo processo de necropolítica em que algumas vidas valem mais do que outras. Nesse sentido, a literatura traz a experiência do luto não reconhecido, caracterizado como o luto que não pode ser expressado e vivenciado de forma genuína e espontânea, seja por censura ou falta de reconhecimento da sociedade ou por uma atitude de negação do próprio enlutado, quando o vínculo rompido não é validado. Em uma perspectiva fenomenológica-hermenêutica, o luto pode ser entendido como uma ruptura de sentidos e significados sedimentados na existência da pessoa, ocorrendo não somente a perda física do falecido, mas também os modos-de-ser do enlutado que foram construídos no histórico da relação com o ente querido. Esse processo gera perdas concretas e simbólicas que, por conseguinte, irão ocasionar mudanças significativas na existência do enlutado. Diante da discussão proposta, este resumo teve como objetivo realizar um relato de experiência de um processo de atendimento psicológico breve, que cuidou de um caso de luto materno não reconhecido por morte violenta. Também se propôs a analisar, através perspectiva fenomenológica-hermenêutica e das teorias contemporâneas do luto (como o processo dual do luto e as tarefas do luto), a construção do planejamento terapêutico e os resultados promovidos até a conclusão dos atendimentos. Para tanto, se baseou em um relato de experiência de um atendimento psicológico breve realizado de maneira remota em um projeto de acolhimento através da daseinsanálise e da fenomenologia hermenêutica. Nesse sentido, foram alguns recortes do caso clínico visando compreender como o luto materno não reconhecido se expressou nesse caso. Como principais questões levantadas a partir do relato, aponta-se o quanto a necropolítica impactam no sentido que a mãe enlutada deu a perda. O próprio fato de ser de uma classe popular e ter que trabalhar, sem poder experienciar a perda, trouxe diversas problemáticas para o processo de luto. Ressalta-se que o luto traz em si uma quebra de um círculo hermenêutico relacionados a modos-de-ser com a pessoa que partiu, necessitando de uma reorganização de vida. Portanto, o texto conclui o quanto o horizonte histórico de sentidos e significados, no qual certos corpos recebem mais valor do que outros, é uma questão preponderante e deve ser considerado na escuta clínica com pessoas enlutadas, especialmente se envolver questões maternas, no qual a tradição judaico cristã coloca como responsável pelo cuidado dos filhos.

Palavras-chave: Acolhimento psicológico; psicologia clínica; luto materno; luto não reconhecido; fenomenologia-hermenêutica.

Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida Hessel

Psicóloga, Mestra e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); supervisora clínica no Projeto de Acolhimento CULTS (UFBA); formação em Gestalt-terapia (ICGT) e em psicoterapia do luto. E-mail: beatrizhessel92@gmail.com.

Flávia Meireles Maron de Freitas – Estudante de graduação em psicologia pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU); Acolhedora no Projeto de Acolhimento CULTS (UFBA). E-mail: flaviammf@gmail.com.

Isabelle Lorena Fernandes Siqueira

Estudante de graduação em Psicologia pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU), voluntária no Programa de Iniciação Científica pela UNINASSAU; participante do Projeto de Acolhimento CULTS (UFBA). E-mail: iswbellelorena@gmail.com.

Klessyo do Espirito Santo Freire

Psicólogo, Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professor Substituto no curso de Psicologia da UFBA; Co-fundador da Rede Existências; Coordenador e supervisor clínico no Projeto de Acolhimento CULTS (UFBA). E-mail: klessyo@gmail.com.

4.24 MATERNIDADE, DECISÃO AUTÊNTICA OU IMPESSOAL? COMO PENSAR A PARTIR DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL?

Valéria Rangel Monteiro (IFEN)

A comunicação se ocupa do fenômeno da maternidade tratando-a como uma decisão existencial autêntica. Preocupada em lidar psicologicamente com o tema por meio de uma abordagem fenomenológico-existencial, visita os contextos da obra filosófica de Heidegger, apropriando-se dela para fins psicológicos. Questiona-se: Como o fenômeno da maternidade pode ser pensado como uma decisão antecipadora a luz do filósofo alemão Martin Heidegger? Este problema de pesquisa é acompanhado de objetivos como caracterizar a existência em seu caráter dinâmico de realização de possibilidade, uma vez que a experiência humana, pensada como ser-aí (Da-sein), é marcada pela característica de ser livre para assumir as possibilidades de ser. Da mesma forma, clarifica que o ser-aí não é um ente substancial ou de propriedades como algo simplesmente dado. Sendo assim, é objetivo específico de nossa pesquisa relacionar o conceito fenomenológico do impessoal com as escolhas padrão próprias da existência cotidiana. Por fim, cabe compreender a influência do que Heidegger chama de “impessoal” (Das Man) nas escolhas dos candidatos a pais e mães e como isso pode ocasionar crises existenciais e sofrimentos. Entre as nossas hipóteses de investigação está a que sustenta que os casais, por vezes, optam por ter filhos não tanto por escolha, mas por uma concessão a uma imposição impessoal. A exposição traz dois relatos de casos, os quais foram realizados durante a avaliação da situação de um casal, e de uma mulher num centro de infertilidade, onde estas buscavam engravidar pelas técnicas da reprodução humana assistida. E nos mostra a importância de guardar atenção no ver, no escutar e no sentir da própria experiência daqueles que estão a nossa frente. Afinal, num espaço onde na maioria das vezes se espera que as pessoas que procuram engravidar, já o procuram por ter tomado uma decisão autêntica por esse caminho que é a maternidade, mas que a partir do método fenomenológico foi possível investigar e descobrir nesses dois casos por exemplo que nem sempre é o que realmente acontece e que os motivos são inúmeros e variados e na maioria das vezes extrínsecos a uma existência própria. Observado isso, é possível evidenciar que a escolha tinha sido feita a partir do impessoal, desde o qual ser-no-mundo interpreta a si mesmo a partir dos outros, obedecendo regras definidas num mundo compartilhado, deixando-se impregnar por um comportamento impessoal. Em ambas as situações as duas mulheres apresentaram sinais de ansiedade e depressão, o que indicava a necessidade de cuidado mais abrangente como de um acompanhamento psicológico.

Palavras-chave: Maternidade; autenticidade; decisão antecipadora; Psicologia Fenomenológico-existencial.

Valéria Rangel Monteiro

Psicóloga Clínica; Especialização em Psicologia na Reprodução Humana assistida (Instituto Suassuna/GO); Especialização lato sensu em Psicologia Clínica Existencial Humanista (ISECENSA/RJ); Graduada em Psicologia (Estácio de Sá/RJ). Sócia colaboradora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: valrmspico@gmail.com.

4.25 MEU FILHO TEM LAUDO! A ESCUTA FENOMENOLÓGICA PARA ALÉM DOS PROCESSOS DE MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Klênio Antônio Sousa (UNIOESTE/UFU)

Este trabalho pretende analisar e discutir a escuta de famílias em uma escola de Educação Básica, que buscam os processos de laudos médicos, ao perceberem que seus filhos estão aquém do desempenho esperado por eles. Trata-se de um processo longo e nem sempre família e escola se posicionam da mesma forma quando se trata de diagnósticos em massa de determinadas patologias, quando a escola se vê numa avalanche de grande quantidade de crianças com laudos. Mas o que há por trás dessa busca por um laudo? Como a escuta fenomenológica pode ajudar escola e família na busca pelo ser encoberto pelo laudo ou pelo ir e vir da escola e da família quando essa persegue o tão almejado laudo? Utilizando-se das bases fenomenológicas para a escuta, a questão do ser-aí aparece como presença no mundo em um sentido de conformação com esse mundo, perdido em e desvestido de sua existência autêntica em uma sociedade que não mais vê seres, não mais vê existenciais, mas laudos, CIDs, patologias que precisam ser extirpadas para que finalmente o ser-aí possa se desvelar, como se o processo da existência autêntica dependesse da inexistência de qualquer traço patológico. Heidegger nos diz que “Não somente todo mundo conhece e discute o que se dá e ocorre, como também todo mundo já sabe falar sobre o que vai acontecer, o que ainda não se dá e ocorre, mas que “propriamente” deve ser feito.”, ao discorrer sobre a ambiguidade na convivência cotidiana. O que se depreende é que estamos vivendo tempos em que patologias, siglas e CIDs são apropriadas diariamente pelas famílias, que as utilizam como salvo-conduto para tratamentos especiais na escola, que por vezes chegam a ser excludentes, em vez de realmente inserirem alunos em contextos escolares. Trabalhando como psicólogo escolar e docente, a escuta fenomenológica dessas famílias e dos demais atores da escola permite ir além do laudo que categoriza a criança e o adolescente, permite escutar falas do não-ser, do que ainda será, ou do que desejam que fosse. A produção excessiva de laudos permite, ao se fazer uma escuta fenomenológica, entender o afastamento do ser-aí em sua mais autêntica facticidade, para ser encoberto por rótulos que o nomeiam. Espera-se que, num futuro, família e escola possam adequar procedimentos e processos que não enquadrem alunos em uma moldura, tomando-se aqueles que não respondem ao sistema de forma satisfatória como possuidores de patologias.

Palavras-chave: Escuta Fenomenológica; Laudos; Medicalização; Educação; Psicologia Fenomenológico-Existencial.

Klênio Antônio Sousa

Psicólogo, Formação em Psicologia Fenomenológico-Existencial pelo IFEN, docente na Universidade Federal de Uberlândia – UFU/MG, Mestre em Psicologia, Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/PR. E-mail: klenio.antonio@gmail.com.

4.26 MORENO, LEITOR DE BERGSON: A NOÇÃO DE MOMENTO E A INTUIÇÃO COMO MÉTODO

Jameson Thiago Farias Silva (UFS)

É impossível entender o presente social se não tentarmos mudá-lo - disse J. Moreno numa crítica ao que chamava de filósofos espectadores, dando atenção especial a Henri Bergson. A partir da noção bergsoniana de duração, Moreno assume que Bergson reconhece a realidade de um mundo aberto em sua filosofia, mundo este em evolução incessante, imprevisível. Sua filosofia, porém, não deixará espaço para o que Moreno chama de momento, a posição ímpar dum universo que flui ou, psicologicamente falando, a espontaneidade. Sua sentença visa pontuar uma determinada prática de pensamento que se propõe a compreender adequadamente as coisas, mas não a agir sobre elas, operando uma distinção entre um pensamento-que-vê (o observador) e um pensamento-que-intervém (o ator). A recusa de Moreno à duração bergsoniana encontrará ecos na fenomenologia: Sartre verá na duração, essa espécie de inconsciente bergsoniano, uma saída legítima para o dualismo realismo-idealismo, mas dirá que falta ao conceito uma explicação de como se opera a passagem das imagens virtuais imersas numa memória impessoal para um eu; Heidegger, por sua vez, classificará o bergsonismo como um neoplatonismo, afirmando que o problema fundamental da filosofia não é o de como descrever o tempo e a vida neles mesmos, mas o de como uma descrição fenomenológica do tempo e da vida surgem da vida ela mesma; Bachelard produzirá uma curiosa análise da recorrente “metáfora da gaveta” utilizada por Bergson - se Bergson pensa a memória como duração (e não como uma faculdade de classificação e registro), Bachelard vê a gaveta como um objeto-que-se-abre, substituindo a noção de duração pela de instante. Enquanto Moreno, atestando para a diferença entre o pensamento abstrato sobre o mundo em oposição ao pensamento inserido no mundo, cria espaço para a noção de espontaneidade, um pensador como Bergson se atém para os perigos desta mesma distinção. Se em Bergson o pensamento parece não intervir no real, é porque a busca por um pensamento que vise intervir diretamente no mundo é conservadora, é uma busca pela ação imediata, pela resolução ligeira dos problemas, pela adaptação, pelo encaixe, pelo funcionamento das coisas do mundo como elas são ou parecem ser, tais e quais. A partir de uma análise estrutural do primeiro capítulo de *A Evolução Criadora*, de Bergson - e do estabelecimento da distinção entre fatos físicos e fatos psicológicos apresentada pelo autor em suas *Aulas de Psicologia e Metafísica* - pontuaremos as características tanto da consciência humana para o bergsonismo quanto da atitude metodológica que daria conta de apreendê-la - atitude esta nomeada de intuição, por Bergson. Uma intervenção criadora, a partir desta análise, não pode ser uma resposta, um ato de um sujeito pronto frente a outras realidades prontas - outro sujeito, um grupo, um objeto, a sociedade, todos entendidos como coisas -, mas a percepção das nuances que possibilitam todos esses "indivíduos" e a sua problematização, que não se resume à postura duma questão, mas a inserir-se nesta "tendência" das coisas e, nelas inseridos, superar a condição atual, formal, intelectual, e mesmo humana.

Palavras-chave: Psicologia; Método; Tempo; Instante; Duração.

Jameson Thiago Farias Silva

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI-UFS) e Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFS). Faz parte do Coletivo de Estudos da Subjetividade e Políticas para a Vida (UFS) na condição de pesquisador,

e do Grupo de Pesquisas em Argumentação e Retórica Aplicadas (UFS), na condição de estudante. É atualmente membro do colegiado de Psicologia da Universidade Tiradentes. E-mail: jamesontfsilva@gmail.com.

4.27 O FENÔMENO DA SEXUALIDADE EM MULHERES IDOSAS: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA

Amanda Karênina Galvão de França (UFRN)

Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)

Este trabalho é um resumo teórico que pretende compreender, a partir da fenomenologia heideggeriana, a sexualidade em mulheres idosas. Esse é um tema marcado por tabus e interdições que parecem negar esta experiência às mulheres. Assim, sua discussão tem se mostrado velada na cotidianidade, em especial pelos significados que circundam a historicidade sobre o ser mulher idosa, associando-a a seu papel como avó, cuja existência se delineia a partir do cuidado à família. No âmbito acadêmico também há escassez dessa discussão, visto que têm sido privilegiados estudos sobre o envelhecimento feminino cujo enfoque são as limitações físicas ou doenças relacionadas a essa fase da vida. A partir desses estudos sobre envelhecimento feminino, gênero e sexualidade, observa-se que a sexualidade feminina só é tematizada quando significa o potencial de gerar vidas. Desta forma, a menopausa, evento que acomete mulheres idosas, representaria que essas mulheres seriam assexuadas. Isso nos faz pensar que os corpos femininos parecem ser instrumentos, cuja instrumentalidade tem sido usualmente vinculada à reprodução. Pensando a partir da filosofia heideggeriana, refletimos que o corpo é assumido como ser-no-mundo, logo, se articula ao nosso modo de ser, sendo o corpo, existência. Assim, refletir sobre as experiências interditadas às mulheres idosas nos remete ao que é negado aos seus corpos, a partir dos sentidos sedimentados acerca do modo de ser de mulheres idosas. Tais sentidos aparecem como prescrições de mundo que, na impessoalidade, encobrem o ser-aí de ser-si-mesmo, atravessando os modos de corporar de mulheres idosas e lançando-as em possibilidades restritas, que não contemplam experiências distintas das que constituem o projeto de ser mãe e avó. Logo, a sexualidade, neste momento da vida, tem sido assunto velado, como se não fosse possibilidade a essas mulheres. Pensamos que isto encontra-se entrelaçado à trama patriarcal que ainda organiza nossa sociedade, e concebe a sexualidade como sendo experiência possível apenas para homens. Para as mulheres, seria possível somente a realização de tarefas no ambiente doméstico e o cumprimento da função de cuidadora, as quais são, concomitantemente, expectativas e exigências ao gênero feminino, as quais restringem as possibilidades existenciais nessa fase da vida. Com isso, destacamos ser urgente promover discussões quanto ao estereótipo de assexualidade na velhice, que atravessa os modos de ser mulher idosa, a qual, cotidianamente tem sido compreendida apenas no que se refere às questões biológicas. Assim, é mister que apontemos que a discussão da sexualidade em idosos precisa ser problematizada também a partir da questão de gênero, pois mesmo existindo pontos em comum entre as experiências de homens e mulheres envelhecidas, há também de se observar as singularidades do processo de envelhecimento a partir das diferentes relações de gênero vivenciadas socialmente. Portanto, pensamos que, tematizar a sexualidade de mulheres idosas, é lançá-las à possibilidade de ampliar seu horizonte compreensivo para modos de ser mulher-idosa que deseja e cuja corporeidade é atravessada pela sexualidade, a qual também é parte do seu existir. Assim, questionando os sentidos já sedimentados acerca de seus modos de ser, é possível visibilizar outros modos de realização da existência.

Palavras-Chave: Envelhecimento feminino, Gênero, Sexualidade, Fenomenologia.

Amanda Karênina Galvão de França

Graduada em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e mestranda em psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na UFRN. E-mail: psi.amandafranca@gmail.com.

Ana Karina Silva Azevedo

Graduada, mestre e doutora em psicologia pela UFRN e professora associada do Departamento de Psicologia da UFRN. E-mail: anakarinaazevedo@hotmail.com.

4.28 O MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO COMO FUNDAMENTO À ESCUTA CLÍNICA

João Felipe Leite Costa (APHETO/UNIFOR)

José Waldo Saraiva Neto (APHETO/UNIFOR)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)

O pensamento de Jean-Paul Sartre é característico por suas apreensões acerca da liberdade e facticidade da existência humana. Sartre compreende a existência a partir de um movimento dialético entre objetividade e subjetividade, que nos inspira a apreensão das expressões existenciais enquanto intersubjetivas e multifacetadas. Isso implica que, para compreender fenômenos ditos subjetivos, há de se considerar a relação cooriginária entre fatores materiais e epocais, que compõem a situação humana e o fazer-ser da vida cotidiana. Inspirado em Henri Lefebvre, Sartre caracteriza esse constante movimento dialético da existência como método regressivo-progressivo. O filósofo utiliza os termos “regressão” e “progressão” a fim de anunciar a ambiguidade do Ser, se distanciando de pressupostos deterministas e subjetivistas, propondo um olhar intersubjetivo à experiência, ou singular-universal. Isso quer dizer que o fato de se estar lançado no mundo pressupõe uma dialética entre fatores sociais, culturais e históricos, que podem ser expressados de maneira singular, não desligada de um contexto, mas enraizada em uma teia de significados históricos de uma época. Não se trata de uma identidade ou juízo de valor, mas aponta a dinâmica de facticidade do projeto-de-ser. Assim sendo, destacamos possíveis implicações desse olhar para discutir e analisar caminhos para a prática clínica. A clínica psicológica de orientação fenomenológico-existencial em seu papel de acompanhar a experiência do outro em suas múltiplas manifestações, tem como norte proporcionar o cuidado e o acolhimento, tendo em vistas não enquadramentos ou padrões, mas a aproximação da dimensão singular de afetação. Viabilizando uma interlocução do pensamento sartreano com o fazer clínico, é possível ampliar o olhar à relação estabelecida, considerando que em fatores universais, a exemplo, as psicopatologias, se manifestam traços singulares, próprios de cada ser. Logo, a expressão dos sofrimentos na relação clínica aponta para a historicidade que sustenta e que dá contorno a peculiaridade das questões que vem à tona como fatores de sofrimento existencial. Ao considerarmos a mostraçã de sentidos na relação clínica afinada com esses pressupostos, compreendemos essa práxis como não normativa, ou seja, interessada radicalmente nas manifestações da existência. Por sua vez, a situação e a escuta clínica decorrem de uma experiência intersubjetiva, que reverbera por si instâncias e dimensões de sentido próprias do ser, que balizam a dinâmica de cuidado e presença vivenciada entre paciente e psicoterapeuta. Por fim, temos que a implicação desses pressupostos na prática do cuidado pode proporcionar e potencializar maior amplitude de possibilidades ao acolhimento vividos com o outro, podendo se experienciar caminhos ao desvelamento de possibilidades e perspectivas de ser.

Palavras-chave: Clínica Psicológica; Método regressivo-progressivo; Jean Paul-Sartre.

João Felipe Leite Costa (UNIFOR/APHETO)

Estudante de Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), membro do laboratório APHETO (Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica), vinculado ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Membro efetivo do PROAPP (Programa de Apoio Ao Paciente Psicótico), pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: joaofelipelc@yahoo.com.

José Waldo Saraiva Neto (UNIFOR/APHETO)

Graduando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Bolsista de iniciação científica (Fundação Edson Queiroz - FEQ) pelo Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO) da UNIFOR. E-mail: josewaldosaraiva@gmail.com.

Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR/APHETO)

Professor Doutor no PPGP da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Coordenador do Laboratório APHETO.

4.29 O PAPEL DA ESCUTA NA PROMOÇÃO DA CULTURA ESCOLAR POSITIVA

Vitor Almeida Nascimento (UNISAL)

No cenário educacional contemporâneo, os desafios enfrentados pelos professores são diversos e complexos. Turmas heterogêneas, diversidade cultural, necessidades especiais dos alunos, pressão por resultados em testes padronizados e a rápida evolução da tecnologia são apenas alguns dos fatores que moldam o ambiente educacional atual. Em meio a esses desafios, a comunicação eficaz e a escuta ativa emergem como elementos cruciais para promover uma cultura escolar positiva e garantir o sucesso tanto dos professores quanto dos alunos. Entretanto, é comum que educadores enfrentem desafios ao desenvolver e aplicar eficazmente habilidades de escuta devido à insuficiente ênfase dada aos princípios e uso da escuta como prática docente nos currículos das licenciaturas. Como resultado, futuros professores podem, frequentemente, enfrentar dificuldades em seu fazer docente por não “escutar” o que seus alunos e a comunidade onde estão inseridos necessitam originando a questão problema deste trabalho: Como os fundamentos da escuta podem aprimorar as habilidades dos professores e melhorar o ambiente e aprendizagem nas escolas? Como principal objetivo iremos investigar os desafios enfrentados pelos professores na prática da escuta ativa e avaliar seu impacto na melhoria das relações professor-aluno, promoção da inclusão e desempenho dos alunos. O trabalho consiste em pesquisa bibliográfica, incluindo revisão, análise e síntese de literatura existente, como livros, artigos acadêmicos e relatórios. Também inclui resultados de entrevistas semiestruturadas com a comunidade escolar de uma escola municipal pública de ensino fundamental, entrevistas realizadas como parte do projeto de estágio do autor deste trabalho durante o curso de Psicologia. A análise dos dados foi realizada por meio de codificação temática, identificando os principais temas relacionados aos desafios da escuta e aos benefícios da escuta ativa na educação. Os resultados do trabalho destacaram vários desafios enfrentados pelos professores em relação à escuta, incluindo a falta de tempo, a sobrecarga de tarefas, a dificuldade de lidar com comportamentos desafiadores dos alunos e a pressão por resultados acadêmicos. No entanto, também ficou evidente que o desenvolvimento das habilidades de escuta pode melhorar significativamente a relação entre professores e alunos, promovendo um ambiente de aprendizado mais positivo e inclusivo. A escuta ativa emerge como uma ferramenta poderosa para professores no contexto escolar. Ela não apenas ajuda a superar os desafios enfrentados pelos educadores, mas também contribui para a criação de uma cultura escolar positiva, onde os alunos se sentem ouvidos, valorizados e compreendidos. Recomenda-se que instituições educacionais promovam o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, em particular as relacionadas a escuta entre os professores por meio de treinamento e apoio adequados. Além disso, futuras pesquisas podem se concentrar em estratégias específicas para aprimorar a escuta ativa e seu impacto nas práticas educacionais e no bem-estar dos alunos. Em última análise, a escuta ativa tem o potencial de transformar a educação, tornando-a mais eficaz, inclusiva e significativa para todos os envolvidos.

Palavras-chave: Fundamentos da escuta; Currículos de licenciatura; Desafios educacionais; Educação contemporânea; Habilidades socioemocionais.

Vitor Almeida Nascimento

Licenciado em Matemática (UNISAL/2010); Pós-graduado em Educação Matemática (ESAB/2014); Graduando em Psicologia (UNISAL/2025); Professor do ensino fundamental II na rede municipal de ensino de Cruzeiro/SP desde 2011; Professor do ensino fundamental II e

médio na rede estadual de ensino de São Paulo desde 2014. E-mail:
vitoralmeidan260@gmail.com.

4.30 O QUE FICA APÓS A MORTE? REFLEXÕES SOBRE LUTO ATRAVÉS DE UM CASO CLÍNICO.

Ana Emilia Muniz (UFBA)

Klessyo do Espirito Santo Freire (UFBA/Rede Existências)

A partir do olhar fenomenológico-existencial entende-se que o sofrimento psíquico é, na verdade, um modo de lidar com a condição humana que perpassa todos nós. Os sintomas são ações de uma existência livre que se manifestam a partir de uma tentativa fracassada de ocultação dessa condição humana manifesta no cotidiano, através de aspectos ônticos e ontológicos. Na prática clínica, esse sofrimento pode aparecer das mais diversas formas, sendo uma delas o luto, processo de perda que será vivenciado por grande parte das pessoas em algum momento de suas vidas e que pode ser marcado por uma profunda ruptura na rede de sentidos e de significados sedimentados de determinados modos de ser na existência. Assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o luto através de um recorte de caso clínico pensado a partir da perspectiva fenomenológica-existencial e da daseinsanálise, bem como analisar a relação dessas propostas teóricas com as questões contextuais e práticas que envolvem a vida do indivíduo. Para tanto, será utilizada a compreensão de luto a partir da fenomenologia-existencial. Nessa perspectiva, esse fenômeno é concebido como um campo de exigência de um novo sentido em que, junto com a morte do ente querido, existe a morte de uma parte do próprio indivíduo, aquela que existia enquanto relação com o outro e que demanda um novo modo de ser-no-mundo. Em paralelo, para compreender melhor essa relação entre o indivíduo e o ente que se foi, recorre-se à daseinsanálise de Alice Holzhey-Kunz sobre a condição ontológica de ser-para-o-outro, na qual todos os indivíduos estão inseridos, uma vez que as pessoas existem sempre em relação com o mundo e, portanto, em relação constante com os outros. Logo, se o ser humano está sempre em construção e em constante relação e essas relações nos formam enquanto ser-no-mundo, a ruptura dessa relação eu-tu, como acontece na morte, marca uma ruptura do próprio indivíduo naquele modo de ser-um-com-o-outro, exigindo um novo modo de ser-no-mundo daquele que fica. Diante do que foi discutido, o presente trabalho apresenta uma proposta de manejo clínico do luto a partir da fenomenologia-existencial e da daseinsanálise, levando em consideração as diversas nuances que marcam esse processo.

Palavras-chave: Luto; Clínica Psicológica; Fenomenologia;

Ana Emilia Muniz

Bacharela em Humanidades e graduanda em Psicologia pela UFBA - Extensionista no Projeto de Acolhimento da UFBA. E-mail: anamunizmaia@gmail.com.

Klessyo do Espirito Santo Freire

Psicólogo pela Faculdade Ruy Barbosa, Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia pela UFBA. É professor na UFBA. Co-fundador da Rede Existências. E-mail: klessyo@gmail.com.

4.31 OCASIONAR (ANLASS) COMO MANEJO CLÍNICO DASEINSANALÍTICO

Rafael Monho Ribeiro (PUC-SP)

A Daseinsanalyse Clínica pode ser apreciada segundo seus fundamentos teóricos, como também segundo seu realizar ôntico. Privilegiando o segundo caminho, o presente trabalho, por meio do observar a atividade clínica, procurou explicitar a natureza, e o realizar das ações tradicionalmente compreendidas enquanto “manejo clínico” na perspectiva daseinsanalítica. Para tal, foram estudados os casos clínicos conduzidos e apresentados por Medard Boss após 1947, com vistas à natureza do trabalho clínico, sendo, portanto, analisados seis casos e quatro vinhetas clínicas. Dentre estes, destacam-se os casos Dra. Cobbling; Regula Zurcher; Wilhelmina; F.F.; Maria; e o Paciente das Torres Góticas. Posteriormente foram analisados os diálogos entre Martin Heidegger e Medard Boss ocorridos dentro do contexto dos debates relativos aos seminários de Zollikon, entre 1961 e 1972, sob foco específico das passagens que contribuíam para a explicitação da natureza do trabalho clínico psicológico. Entre os casos observou-se que certas ações clínicas provocadas pelo psicoterapeuta se repetiam, como: solicitações para que o paciente se aproximasse dos fenômenos de seu mundo por meio da compreensão das experiências vividas, das experiências oníricas e de desenhos; observações sobre características peculiares do paciente; orientações com vistas ao respeito das possibilidades atuais do paciente; e disponibilidade psicoterapêutica favorável ao desvelar fenomênico. Entre os diálogos analisados observou-se, especialmente, a orientação expressa de Heidegger à Boss, segundo a natureza da atividade clínica não ser, a de um “operador” que causalmente persegue e produz a cura, mas sim a de um “ocasionador” que visa propiciar ocasiões para que o paciente possa desvelar os fenômenos de seu mundo segundo suas possibilidades presentes. As ocasiões propiciadas pelo psicoterapeuta algumas vezes puderam ser aproveitadas imediatamente pelo paciente, de modo a favorecer um desvelar, em muitas outras situações, permaneceram em latência. Concluiu-se que a diferença entre ser “ocasião” e ser “operador” ocorre decisivamente no âmbito da intenção, ou espírito, do psicoterapeuta, e que, portanto, a natureza da atividade clínica de orientação daseinsanalítica pode ser compreendida enquanto “ocasionar clínico”. Esperamos que o presente trabalho possa, em conexão com trabalhos de diferentes pesquisadores, vir a contribuir para a construção de uma profícua morada da Clínica Daseinsanalítica que tenha em sua primazia o próprio trabalho clínico como solo.

Palavras-chave: Daseinsanalyse Clínica; Medard Boss; ocasionar clínico; manejo clínico.

Rafael Monho Ribeiro

Doutorando e Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP). Formação em Daseinsanalyse Clínica (ABD). Aprimoramento em Psicologia Clínica (PUC-SP). Psicólogo (UAM) Bacharel e Licenciado em Filosofia (PUC-SP). Atualmente atua como psicoterapeuta clínico em consultório particular e desenvolve pesquisas nos campos da Filosofia Contemporânea e da Daseinsanalyse Clínica, sendo bolsista CAPES. E-mail: monhorafael@gmail.com.

4.32 OS FENÔMENOS DA DOR E DO SOFRIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE E A CLÍNICA PSICOLÓGICA

Fabiano Neves Hoelz (IFEN)

A presente pesquisa teve o propósito de questionar os fenômenos da dor e do sofrimento no âmbito da existência humana, de descrever modos de compreendê-los e de interpretá-los no interior da tradição fenomenológico-hermenêutica de pensamento, e de apontar possíveis repercussões na clínica psicológica influenciada por essa tradição. A dor e o sofrimento certamente estão entre as experiências mais presentes na clínica. Na tradição ocidental (exceção feita às narrativas trágicas), as formulações sobre esses fenômenos não contemplavam propriamente uma relação com a dor ou com o sofrimento, mas uma tentativa de mitigar os seus efeitos perturbadores, seja lidando com eles por meio do uso da razão, seja por meio do desenvolvimento e uso de técnicas de caráter ascético ou, ainda, por meio de antecipações e previsões que permitissem a instauração de um método que os prevenissem e os controlassem. Esse panorama começa a mudar no século XIX com pensadores como Kierkegaard e Nietzsche que vão resgatar da narrativa trágica grega elementos para pensar a nossa relação com a dor e com outros fenômenos, constituindo uma abordagem para esses e outros temas a partir de um caráter terapêutico em parte de seus escritos filosóficos. Os fenômenos da dor e do sofrimento, ainda hoje, são poucas vezes tematizados e descritos em suas especificidades, sendo tomados por vezes, como sinônimos até mesmo no âmbito da clínica psicológica. Para que uma investigação sobre esses temas seja possível, foi incontornável a necessidade de se explicitar as características do existente humano e de acompanhar as possibilidades inscritas no mundo que fornecem os sentidos e significados que o orientam na contemporaneidade. A abordagem escolhida para pavimentar esse caminho foi a da tradição fenomenológico-hermenêutica. De início, buscamos elaborar uma breve descrição sobre o modo como os fenômenos da dor e do sofrimento foram percebidos e experimentados pelos existentes ao longo da tradição Ocidental e, mais detidamente, na contemporaneidade. Em seguida, foi destacado o caráter deste existente que sofre e sente dor, e realizada a descrição desses fenômenos em suas especificidades, reconduzindo-os à sua origem. Por fim, foram descritos os elementos que caracterizam a clínica psicológica na abordagem fenomenológico-hermenêutica e pensadas propostas de abordagem na clínica para o acompanhamento diligente das queixas relacionadas à dor e ao sofrimento. As descrições, de modo geral, buscaram fornecer elementos para pensar os fenômenos da dor e do sofrimento a partir de seu caráter originário, de modo a contribuir para o debate sobre as abordagens clínicas no âmbito da prática fenomenológico-hermenêutica.

Palavras-chave: Dor; Sofrimento; Psicologia clínica; Fenomenologia; Hermenêutica.

Fabiano Neves Hoelz

Bacharel em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Sócio colaborador e Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: fnhoelz@gmail.com.

4.33 PLANTÃO PSICOLÓGICO E IDENTIDADE DE GÊNERO: CORPO QUE É MEU MAS NÃO SOU EU!

Ewerton Helder Bentes de Castro (UFAM)

O adolescer é a fase do desenvolvimento humano caracterizada por transformações nas áreas física, psicológica e relacional. Dentre as mudanças, o que diz respeito à experiência da sexualidade é, sem dúvida, uma das mais grandiosas, tendo em vista que, as modificações nesta esfera lançam o adolescente em situações desafiadoras, incompreensíveis e ampla descoberta. Uma das experiências mais difíceis é a que tange à identidade de gênero, resultando em comprometimento relacional dado a inúmeros fatores aí presentes, tais como: incompreensão, preconceito, discriminação considerados elementos que caracterizam essas experiências no cotidiano. Este estudo objetiva apresentar a vivência de um adolescente em crise existencial devido a identidade de gênero sob o viés da Psicologia Fenomenológico-Existencial e todo o movimento aí inserido, tendo como pano de fundo o seu acompanhamento no Plantão psicológico desenvolvido em escolas do sistema público de ensino em cidade na região Norte do país. O Plantão psicológico em escolas da rede pública foi elaborado para que, na relação com o adolescente, o acolhimento, a escuta e o cuidado sejam o fundamento na relação de aconselhamento, possibilitando a compreensão das vivências a partir da perspectiva teórica de Maurice Merleau-Ponty no que diz respeito, neste caso, a constructos como corpo próprio, corporeidade, ambiguidade, percepção. Foram trazidas em cada encontro entre o plantonista e o discente, as várias dimensões existenciais que se tornaram comprometidas desde o momento em que o aluno resolveu que precisava assumir sua sexualidade para sua família e amigos, para além das “normatizações” vigentes quanto à sexualidade, o que resultou que nos nichos intra e extra familiar incômodo, desconforto, agressividade passassem a ser direcionados ao adolescente. Ao reportar-se ao comportamento de familiares e amigos após o momento de auto exposição de sua identidade de gênero, a fala do aluno trouxe uma experiência plena em dor e sofrimento exarados dessas configurações relacionais, e, a partir daí, o que resultou foi a contínua experiência de baixa-autoestima, baixo autoconceito, baixa autoimagem, ilações suicidas e a prática da autolesão. Conclui-se que o acolhimento, a escuta e o cuidado realizados no Plantão Psicológico possibilitou ao adolescente o redimensionamento do olhar sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Identidade de gênero; Sexualidade; Adolescência

Ewerton Helder Bentes de Castro

Psicólogo; PhD em Psicologia; Docente do curso de graduação e da Pós-graduação em Psicologia/UFAM; Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LABFEN/UFAM; Coordenador do Projeto Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br.

4.34 PLANTÃO PSICOLÓGICO EM CLÍNICA-ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO DE TRANSTORNO ALIMENTAR NA INFÂNCIA

Adriane Caroline Gasparetto (UNIP)

Luiz Roberto Marquezi Ferro (UNIP)

Mariane Rodrigues Ramalho (UNIP)

Tania Regina Aguilera Capel (UNIP)

A modalidade de Plantão Psicológico vem se firmando como uma nova forma de ver a clínica, possibilitando atender às demandas de emergência e urgência da sociedade da pós-modernidade promovendo o acesso e a atenção imediata. Podendo ser realizado em um único atendimento ou por meio de uma técnica de atendimento breve, com número limitado de sessões de retorno, compreendendo, em geral, uma sequência de quatro a cinco atendimentos, exige do plantonista atuando em abordagem fenomenológica-existencial humanista, uma posição que estimule o paciente a assumir o cuidado sobre sua vida permitindo-o tomar suas próprias decisões, se apropriando daquilo que escolhe e atribuindo a si mesmo a responsabilidade pela mudança. O objetivo deste relato de experiência é apresentar um atendimento realizado no Plantão Psicológico na clínica-escola do Centro de Psicologia Aplicada. A paciente M., de 5 anos, foi conduzida ao serviço pela avó paterna, apresentando queixa de um possível quadro de Transtorno da Ingestão Alimentar Restritivo-Evitativo (TARE) que levava a criança a ingerir apenas leite com achocolatado. M. teve problemas na introdução dos alimentos sólidos, pois a mãe negligenciou os cuidados iniciais à criança. Como procedimento foi realizado acolhimento, escuta e encaminhamento para trabalho em conjunto com a Clínica-Escola de Nutrição para tratar da parte física e nutricional, onde foram feitas as avaliações e orientações necessárias e de acordo com sua fase de desenvolvimento. Os quatro encontros que constituíram o atendimento psicológico, tiveram como desafio a compreensão da clínica fenomenológica-existencial infantil, entendendo a criança como um existente, ou seja, um ente que não prescinde de seu caráter de indeterminação, liberdade e responsabilidade por sua existência, exigindo, portanto, a construção de um espaço para ser criança, brincar com autonomia escolhendo livremente o como e o com o quê brincar. No primeiro encontro, M. contou que queria ser médica. No segundo encontro quis brincar com soldados e montou um cenário de guerra. No terceiro encontro quis brincar com “transportes” e construiu uma história elaborada de um grupo de amigos (carros) que ajudavam o “ônibus” que tinha uma roda solta a ter cuidados e voltar a “transportar”. No quarto e último encontro, M. quis montar um quebra-cabeças e perguntou se precisava comer para crescer e ser médica, ao que respondeu-se que deveria comer para crescer e ser o que quisesse ser. O comer foi tratado como um cuidar de si e o cuidar de si como abertura para o campo de possibilidades para a existência da paciente. É importante destacar que, tanto o DSM-5-TR quanto o CID 11 destacam o caráter multidimensional dos transtornos alimentares, recomendando atenção de equipe multiprofissional que potencialize ações de cuidado; assim, a interseccionalidade do trabalho das clínicas-escolas abriu possibilidades de atenção imediata oferecendo compreensão da situação-problema e recursos de cuidado.

Palavra-chave: clínica fenomenológica infantil, transtorno alimentar, plantão psicológico

Adriane Caroline Gasparetto

Graduanda em Psicologia e estagiária na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP/Campus Araraquara, SP). E-mail: adrianegasparetto@gmail.com.

Luiz Roberto Marquezi Ferro

Graduado em Psicologia e Filosofia, Especialista em Filosofia e Ensino de Filosofia, Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Psicologia Hospitalar e Neuropsicologia, Mestre em Promoção de Saúde e Doutor em Psicologia da Saúde, Professor Titular, Programa de Graduação em Psicologia, Clínica-Escola de Psicologia, Universidade Paulista (UNIP/Campus Araraquara, SP). E-mail: luiz.ferro@docente.unip.br.

Mariane Rodrigues Ramalho

Graduanda em Psicologia e estagiária na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Paulista - UNIP (Campus Araraquara, SP). E-mail: rodrigues.mariane0@gmail.com.

Tania Regina Aguilera Capel

Graduanda em Psicologia e estagiária na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Paulista - UNIP (Campus Araraquara, SP). E-mail: taniacapel@gmail.com.

4.35 PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA ENLUTADOS: A ESCUTA CLÍNICA EM FORMAÇÃO

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

Jullye Gabrielly Oliveira (UFPR)

Lívia Mendes Miyasato (UFPR)

Rodrigo Kenji Kawano (UFPR)

A escuta na clínica psicológica é compreendida como uma competência indispensável, sendo, portanto, foco de discussões e reflexões durante a formação em psicologia. É também o cerne de muitas angústias e inseguranças de estudantes em contato inicial com a prática clínica. No presente trabalho, apresentamos uma reflexão sobre a experiência de plantão psicológico para pessoas enlutadas, realizado por estudantes de graduação em psicologia, com o objetivo de ressaltar o valor da orientação fenomenológica para o florescer de uma escuta implicada e acolhedora em discentes de fim de curso, buscando discutir também formas em que o modelo de atendimento em plantão psicológico e a temática do luto puderam salientar este valor. Compreende-se por plantão psicológico uma ação clínica voltada para quem se encontra em situação de crise e busca a compreensão conjunta a respeito do que está vivendo e de seu sofrimento. É modalidade de atendimento psicológico que tem como características singulares a imediatez, o acolhimento e uma escuta ativa, aberta, atenciosa e não diretiva, voltada para o sujeito em experiência e não para sintomas e diagnósticos. Assim, o plantão não tem como objetivo a eliminação do sofrimento, mas sim a compreensão deste em meio a uma história de vida particular. Uma das ações do projeto Luto: Vivências e Possibilidades, vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, é o plantão psicológico para pessoas enlutadas, oferecido de forma presencial e on-line, com supervisões semanais. O projeto é fundamentado na perspectiva fenomenológico-existencial, de modo que encontramos no método fenomenológico um caminho de cultivo de uma escuta que se dá como abertura às experiências humanas e às possibilidades que se desvelam a partir delas, emergindo também daí a possibilidade de resignificação das próprias experiências. A apresentação das experiências, reflexões e afetações vividas nos atendimentos pelos extensionistas são discutidas em supervisão em vistas a sensibilizar a orientação fenomenológica dessa escuta, como uma possibilidade de fundamentação da clínica, tanto em termos teóricos, quanto em termos vivenciais, buscando resignificar as inseguranças vividas durante a formação. Diante das angústias mais frequentes que surgiam nas discussões, como “o que dizer?” e “como responder?”, dos sentimentos de impotência vividos diante do outro que busca um abrigo ou resposta, lançou-se a pergunta sobre o que significa estar junto a alguém em sofrimento. Uma das reflexões suscitadas, a partir da afetação e das convocações experimentadas pelos extensionistas, foi a construção da imagem da escuta clínica como uma dança-a-dois. Não no sentido de uma reprodução técnica e mecânica de passos executados a partir de uma coreografia previamente ensaiada, mas como um “dançar-com”, que é possibilitado pelo reconhecimento radical da existência e da potência do outro, em um movimento conjunto de acompanhar, ressoar e abrir novos gestos com o outro e a partir do outro, a cada passo. Conclui-se que a visada fenomenológica permite abrir outras possibilidades para o sentido de escuta na formação de estagiários de fim de curso.

Palavras-chave: Fenomenologia; Plantão Psicológico; Luto; Projeto de Extensão; Formação Clínica.

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga; Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília; Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Coordenadora do Projeto de extensão Luto: Vivências e Possibilidades, vinculado ao Departamento de Psicologia da UFPR. E-mail: joanneliese@gmail.com.

Jullye Gabrielly Oliveira

Estudante de graduação em psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Membro extensionista do Projeto de extensão Luto: Vivências e Possibilidades, vinculado ao Departamento de Psicologia da UFPR. E-mail: jullyeponsoni@gmail.com.

Lívia Mendes Miyasato

Psicóloga; Mestranda em psicologia clínica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Membro extensionista do Projeto de extensão Luto: Vivências e Possibilidades, vinculado ao Departamento de Psicologia da UFPR. E-mail: liviamiyasato@gmail.com.

Rodrigo Kenji Kawano

Estudante de graduação em psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Membro extensionista do Projeto de extensão Luto: Vivências e Possibilidades vinculado, ao Departamento de Psicologia da UFPR. E-mail: ro.kenji13@gmail.com.

4.36 PODE A RELAÇÃO TERAPÊUTICA ADOECER? UMA DISCUSSÃO SOBRE O CESSAR DA ESCUTA NA PSICOTERAPIA.

Matheus de Siqueira Talão (IPCEM)

O espaço de escuta clínica, a psicoterapia, se apresenta de início e na maioria das vezes como um espaço de promoção de saúde, o que pode mantê-lo em certa condição de insuspeita sobre suas próprias condições. Frequentemente nos pomos a pensar sobre o acontecer da psicoterapia: os modos de compreender, intervir, acolher e elaborar junto aos clientes. Mas pouco sobre a possibilidade do cessar do acontecer terapêutico e o risco de prejuízo a vitalidade própria da relação terapêutica. Pois bem, se os modos considerados adoecidos de nossos clientes se manifestam em seus modos de ser-em-relação-com, não poderia também a relação terapêutica adoecer? Essa questão surge de uma experiência clínica recorrente, onde clientes que chegam a psicoterapia, em entrevista inicial, relatam ser egressos de outro processo terapêutico anterior, no qual tal processo efetivamente contribuiu para esses clientes, os mesmos notam ganhos significativos com esses processos, porém, em dado momento passaram a não reconhecer essa relação como uma relação terapêutica. Apesar de perceberem questões que gostariam de trabalhar, não encontravam espaço para tal. Relatam que a relação "deixou de ser produtiva", o espaço "não era mais convidativo", o processo "passou a ser tedioso". Em suma, relatam uma sensação de estagnação marcada pela disposição de tédio oriundo desta relação. Tomando como ponto de partida a indicação da disposição do tédio, esse trabalho irá articular experiências clínicas com o pensamento de Martin Heidegger visando clarificar o fenômeno do adoecer de uma relação terapêutica e suas consequências a escuta, ao dizer e ao diá-logo, categorias essas centrais a qualquer processo de psicoterapia, não somente as de orientação fenomenológica. Assumindo o tédio apresentado por Heidegger como disposição reveladora do ente enquanto totalidade, o já esgotado em desdobramento de possibilidades, ou ainda, desdobrado em possibilidade de esgotamento, examinaremos a partir deste aspecto a noção de escuta e, entendendo a mesma como condição de possibilidade do dizer e fundamento do diá-logo, o que uma relação pautada na escuta e marcada pelo tédio reserva em sua estrutura mesma. Buscar-se-á então destrinchar possibilidades de obstrução dessas experiências que, por sua vez interrompidas podem lançar a relação terapêutica numa constata de desvitalização: o cessar da escuta, o cerceamento do dizer e o encurtamento do diá-logo ao estado de monólogo.

Palavras-chave: Psicoterapia; Tédio; Heidegger.

Matheus de Siqueira Talão

Graduado em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida. Formado em psicologia clínica Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - IFEN. Coordenador acadêmico no Instituto de Psicologia Carlos Eduardo Machado - IPCEM. E-mail: matheusdsqr@gmail.com.

4.37 PRÁTICA DA AUTOLEÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E SUAS IMBRICAÇÕES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA CLÍNICA.

Elcilene Lima de Macêdo (IFEN)

A adolescência é caracterizada como um período de grandes e profundas alterações no desenvolvimento físico, mental, sexual e social. Um aspecto muito presente e que tem sido trazido na literatura diz respeito às questões emocionais exacerbadas e situações com as quais não conseguem lidar de outra forma naquele momento. Diante disso, ocorre a prática da autolesão ou cutting, essa consiste na produção de uma ação contra o próprio corpo em partes como: braços, pernas, barriga, entre outros. Tem apresentado uma alta prevalência entre estudantes de ambos os gêneros. O objetivo deste estudo foi compreender a dimensão da prática da autolesão na vida de uma estudante do ensino médio acompanhada pelo Projeto do Plantão Psicológico na Escola, em Manaus. O percurso metodológico é o método fenomenológico de pesquisa em psicologia em seu viés descritivo, exploratório e qualitativo. A escuta foi embasada no referencial teórico de Maurice Merleau-Ponty a partir de constructos teóricos como corporeidade, corpo próprio, corpo simbólico, intercorporeidade, realizada no formato online pelo google meet no período da noite. A participante desse estudo é aluna do ensino médio, 17 anos, gênero feminino, raça branca, cabelos curtos, sem religião. A escuta propiciou aprofundar no sentido da ação e como fatores que predispõem a autolesão estão os relacionados a criação rígida do pai, o sentimento de desamparo da mãe, as desavenças com o irmão, o medo e frustração de não saber como lidar com determinadas situações de fechamento de ciclos e menos valia, isso tudo teve importância significativa na origem desses conflitos emocionais provocando a autolesão como uma forma não saudável de alívio da grande sensação de vazio e indiferenças objetivando o cessar dos sentimentos ou sensações ruins aos quais se encontram. Dessa forma, evidenciou-se a necessidade dos adolescentes de serem cuidados, escutados, compreendidos e principalmente acolhidos. Conclui-se que a escuta ativa oferta a possibilidade e o redimensionamento do ser-si-mesmo, percebendo-se e reconhecendo-se autora da sua própria caminhada e, possibilitando-lhe a um novo olhar sobre si, sobre o outro e sobre o mundo numa compreensão pluridimensional do corpo e da experiência do corpo que é meu, do corpo que sou eu da obra de Ponty.

Palavras-chave: Autolesão; Adolescência; Fenomenologia; Psicologia.

Elcilene Lima de Macêdo

Graduada em Psicologia na Universidade Paulista (UNIP); Sócia colaboradora e cursando Especialização em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial (IFEN); Membro do grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq; Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico Existencial (LABFEN); Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em Escolas do Sistema Público de Ensino em Manaus. E-mail: elcilenemacedo@hotmail.com.

4.38 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES A UMA ESCUTA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA

Kely Prata Silva (Espaço Ser)

Tainara Gomes Ribeiro (DOCTUM/ES)

Esta comunicação nasce do interesse de trazer à tona a escuta clínica como uma tarefa analítica do psicoterapeuta em sua práxis, delineada pelas contribuições da Fenomenologia-hermenêutica. O objetivo é evidenciar o questionar mais originário como possibilidade de abertura para a escuta clínica e a relação psicoterapêutica a partir do cuidado e da serenidade heideggeriana. Para tanto, a investigação orientou-se pela consulta bibliográfica das áreas de Psicologia e Filosofia existencial. Tal direção exploratória aponta a disponibilidade para a imersão no movimento de des-velar contraposto a fixidez do dado, imutável e permanente. Tomamos a existência humana como acontecimento, como um vir-a-ser para enfatizar que somos possíveis e que as possibilidades não se encerram. Buscamos a visada compreensiva, considerando que nada nos é dado, somos orientados pelo não-saber e que colocar em questão é permitir o tornar-se, deixar-ser de modo sereno, isto é, um olhar orientado tecnicamente pelo pensamento meditativo. Tornando a escuta clínica não um fim tecnicista, mas um meio de abertura criativo enquanto permite que a relação se presentifique e des-vele seus modos de ser. Nesse sentido, dizemos do questionar mais originário como uma tarefa de “escutatória”, ativa e colaborativa entre paciente e psicoterapeuta. Como esse processo se dá? Por meio do cuidado e da serenidade colocamos em questão e damos espaço ao saber-fazer interessado e endereçado aos sentidos que o paciente atribui a sua história. O cuidado nos revela uma maneira de estar-com de modo sensível a novas possibilidades de lida e apropriação de si mesmo. Apropriar-se é pertencer ao que existencialmente nos encaminha para ek-sistir, em outras palavras, possibilita abertura e nos convoca a ser nós mesmos. A serenidade nos indica um modo de tecer uma lida que medita e aguarda diante do pensamento calculante, prescritivo, que toma a técnica como posta e resolutiva. A escuta serena e cuidadosa nos põe em abertura, permitindo que deixe ser a seu modo, a técnica ganha contornos do deixar-ser tocado. Heidegger (2005) afirma, estar-lançado é o modo de ser que sempre é suas próprias possibilidades, ou seja, se compreende nas possibilidades e a partir delas. Indica que, nada escapa à observação, tudo está aí, aberto à compreensão, se dá na lida com o mundo. Compreender significa “poder lidar” com as suas possibilidades, relações e correlações. Logo, não objetiva a “superação” de situações, mas o dar-espaço constitutivo da relação psicoterapêutica. Através da escuta clínica dar-voz, dar-ouvidos e tatear-junto-ao-outro a própria narrativa. Assim, questionar mais originalmente dá ao paciente e ao psicoterapeuta possibilidade de um novo ver, que estava velado e foi sendo (des)coberto a medida em que se escutam, se (rel)acionam e se deixam tocar. Escutar-se propicia ao paciente a abertura para o cuidado de ser si mesmo e novas possibilidades de poder-ser. Ao passo que, escutar e escutar-se também torna o psicoterapeuta (des)velado para si mesmo e o afina com o clínico que é deixar-ser as nuances, o(s) modo(s) de lida, as des(velações), a possibilidade de se presentificar nas relações e cuidar de ser quem é a medida em que se torna.

Palavras-chave: Psicologia clínica; Heidegger; Fenomenologia-hermenêutica; Cuidado; Serenidade.

Kely Prata Silva

Psicóloga Clínica; Mestrado em Psicologia (UFES/ES); Especialização lato sensu em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial (NUCAFE/RJ); Formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial (IFEN/RJ); Graduação em Psicologia (UFMG/MG); Docência em cursos de graduação em Psicologia, Filosofia e áreas afins; Sócia-Proprietária do Instituto Espaço Ser (Ipatinga/MG). E-mail: kelyprata@espacoser.org.

Tainara Gomes Ribeiro

Escritora; Graduanda em Psicologia (DOCTUM/ES); Sócia colaboradora e membro do Grupo de Pesquisa “A psicologia fenomenológico-existencial (Daseinsanalyse) e sua crítica à ciência na era da técnica” no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN); Gestão de conteúdo em mídias sociais do Instituto Espaço Ser (Ipatinga/MG). E-mail: tainaragomesribeiro@hotmail.com.

4.39 PSICOLOGIA COM CRIANÇAS: UMA EPISTEMOLOGIA ENTRE O QUIASMA MERLEAU-PONTIANO E UM GESTO DECOLONIAL

Franciane Indianara Nolasco (UFPR)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

O trabalho com crianças é uma prática estabelecida nos diversos campos de atuação da psicologia no Brasil. No entanto, os fundamentos do escutar a experiências dessas crianças por meio das epistemologias fenomenológicas permanecem pouco investigados no que concerne às contribuições das Psicologias Fenomenológicas. Do mesmo modo, permanecem pulsantes as reflexões de Merleau-Ponty sobre a infância, embora também pouco exploradas pelos movimentos dessas Psicologias. A partir do chamamento deste hiato no campo epistêmico das Fenomenologias fundamentadas em Merleau-Ponty, o presente estudo tem por objetivo primeiro a caracterização de um gesto fenomenológico dado desde as reflexões de Merleau-Ponty sobre a infância, até seus imbricamentos com o campo de uma ontologia do quiasma, emergente em seu pensamento que figura em seus últimos escritos. Compreende-se, entretanto, que o campo da colonialidade enquanto horizonte histórico de invisibilização da experiência das crianças no Brasil clama por um giro decolonial desde suas sedimentações e instituições historicamente dadas no âmbito social e cultural, cujos engendramentos reverberam no fazer das Psicologias. Deste modo, como objetivo subsequente, o presente estudo lança-se à tarefa de configurar os primeiros contornos de uma virada decolonial de uma Psicologia Fenomenológica das infâncias no Brasil, convergente com o pensamento de Merleau-Ponty, e que busca um caminho de orientação à uma escuta clínica localizada em nosso território, necessária à prática e à pesquisa em psicologia. Por um lado, a fundamentação deste giro decolonial e da possibilidade de diálogo com a fenomenologia, encontra-se na tarefa de lançarmos mão da compreensão do fenomenólogo sobre as consequências de uma saída do campo da consciência como doação de sentido para o campo da instituição do sentido e por sua entrada na radicalidade do quiasma do visível e do invisível, em que a Psicologia pode ser destituída de sua posição de dominação de seu “objeto” de estudo para dar-se com ele na experiência temporal e espacialmente situadas da intercorporeidade. Por outro lado, este gesto decolonial converge para a resistência percebida desde os escritos de Merleau-Ponty de renunciar à experiência do vivido da criança, situando-a nesse mundo histórico e social ao qual ela já sempre reage. A partir desta aproximação possível entre fenomenologia e decolonialidade, a expectativa é a de alcance da redução de alguns dos pressupostos sedimentados em nossa escuta dos fenômenos das infâncias no Brasil, desde as noções de “natureza infantil” e “psique infantil” muito arraigadas em nossos modos de orientação ao vivido da criança e que desencadeiam afastamentos dela, por meio dos caminhos teleológicos epistêmicos que desconfiguram a carne da criança como uma existência incompleta por direito, tal como a do adulto, para subjugá-la como uma existência incompleta de fato, contraposta a do adulto e acarretando em perda ontológica das possibilidades de aparecimento e compreensão de seu vivido. Esta perda ontológica será observada desde seus primórdios epistêmicos no campo das ciências humanas como tratada por Merleau-Ponty, como também a partir da recolocação desses primórdios enquanto expressão da colonialidade, do eurocentrismo e das universalizações de corporeidades hegemônicas.

Palavras-chave: Intercorporeidade; Crianças; Fenomenologia; Decolonialidade; Psicologia.

Franciane Indianara Nolasco

Mestranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPR; Apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: francianeinolasco@gmail.com.

Joanneliese de Lucas Freitas

Professora Associada do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: joanneliese@gmail.com.

4.40 PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: UMA PRÁTICA INÚTIL

Glênio Carneiro Maciel Júnior (UERJ/IFEN)

O presente trabalho se propõe a pensar a lógica da utilidade no fazer clínico. Para isso, utilizamos a fenomenologia-hermenêutica de Heidegger para conduzir reflexões acerca do termo “útil”, bem como a sua noção presente no fazer do Psicólogo Clínico na Era da Técnica. A pesquisa tem como fio condutor a falta de espaço das coisas que não têm utilidade instantânea e a afirmação de uma prática ou fazer que se dispõe a ser inútil causa um estranhamento que nos convidou a mergulhar na melhor compreensão não só do termo, mas também do horizonte histórico que vivemos e, principalmente, sobre o fazer clínico em nosso tempo. Sendo a existência antes de tudo marcada pela negatividade e gratuidade do existir, pensar o inútil enquanto possibilidade é dirigir-se ao sentido das coisas tal como elas aparecem. Dessa forma, alguns conceitos se fazem relevantes para a compreensão da pesquisa: atitude fenomenológica ou antinatural; Gestell enquanto essência da Era da Técnica, tempo em que vivemos a Existência a partir da compreensão heideggeriana apresentada em Ser e Tempo. Acreditamos que a discussão se faz necessária justamente por cada vez mais encontrarmos uma Psicologia tecnicizada, atendendo padrões de controle, disponibilidade e previsão. Ao se propor uma clínica de perspectiva fenomenológica-existencial, é importante suspender essas determinações de nosso tempo a fim de permitir que os fenômenos se mostrem a partir deles mesmos, e aceitar a inutilidade é resistir a procura incessante de utilidade em tudo, inclusive na clínica psicológica e no existir humano. Este trabalho está em fase inicial, no momento estamos dialogando as contribuições de Martin Heidegger, bem como a dos psicólogos brasileiros que já se dispuseram a pensar a clínica psicológica a partir da fenomenologia, tais como Ana Maria Feijoo e Roberto Novaes de Sá, porém, futuramente pretendemos dialogar com situações clínicas do próprio autor. O que propomos não é um discurso anti-ciência, e nos atuais tempos essa é uma afirmação muito pertinente. Aqui, propor o inútil é dirigir-se ao que a experiência clínica fenomenológica realmente se propõe: ser um espaço de tematização da existência em sua abertura originária. Tal como o próprio Heidegger aponta tanto nos Seminários de Zollikon quanto na conferência “Língua de tradição e língua técnica”. E com isso, podemos afirmar que também se faz uma ciência rigorosa, tal como já proposto por Husserl. Uma ciência que está diretamente ligada ao mundo da vida, em sua abertura e compreensão das coisas tal como nos aparecem.

Palavras-chave : Psicologia Clínica; Fenomenologia-Hermenêutica; Martin Heidegger; Clínica da Existência.

Glênio Carneiro Maciel Júnior

Psicólogo graduado pela Universidade Veiga de Almeida (UVA) no ano de 2015; Sócio colaborador e Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN); Mestrado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) concluído em 2019. Atualmente atua em consultório particular e faz parte do grupo de pesquisas do IFEN em Daseinsanalyse e sua crítica a ciência na Era da Técnica. E-mail: glenio.maciell@gmail.com.

4.41 QUANDO A FENOMENOLOGIA DO BRINCAR NOS REVELA O BRINCAR COMO FIO CONDUTOR DE ESPIRITUALIDADE

Ana Karyne Loureiro Furley (GRUFEI/PPGE/UFES/CAPES)

Hiran Pinel (GRUFEI/PPGE/UFES)

José Raimundo Rodrigues (PPGE/UFES)

Desde uma perspectiva fenomenológica, considerando primordialmente as contribuições teóricas de Merleau-Ponty relatadas na obra *Por uma fenomenologia do brincar* (Furley e Pinel, 2020), deseja-se propor uma reflexão sobre como crianças que experienciam o adoecimento onco-hematológico (des)velam a sua condição de pertença ao mundo por meio do corpo no ato de brincar, podendo ser compreendido como fio condutor de espiritualidade. O brincar é um resgate da identidade violada pelo adoecimento em busca de conexão consigo e com o mundo, acontecendo no espaço da brinquedoteca hospitalar. Enquanto setting de escuta e acolhimento, neste caso, de cuidado espiritual e templo sagrado de ser criança em plenitude, a brinquedoteca hospitalar retoma um conhecimento de mundo que só pode ser realizado pelo corpo que, atingido diretamente em sua realidade motriz, na maioria dos casos, torna-se lócus da ressignificação da própria existência. Trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa que se servirá da ludoterapia para observação da realidade manifesta nas brinquedotecas hospitalares. De antemão, pontuamos a relevância deste, visto que nos permite um olhar a partir dessas crianças. Percepções sobre o próprio corpo e o sentido da vida que, se lhes irrompe desde o adoecimento/tratamento oncológico, como pessoas capazes de realizarem a aposta no sentido da vida: ser-sendo no mundo!

Palavras-chave: Fenomenologia do brincar; brinquedoteca hospitalar; espiritualidade; escuta; acolhimento.

Ana Karyne Loureiro Furley

Mestra em Educação (UFES-ES/Capes), Doutoranda em Educação (Ufes/Capes), licenciada em Pedagogia. Especialista em Pedagogia Hospitalar; AEE; Educação especial inclusiva, psicopedagogia, logoterapia e análise existencial. Brinquedista e conselheira da ABBri. Conselheira da ACACCI. Integrante: Grupo de Fenomenologia, Educação (Especial) e Inclusão (GRUFEI-UFES); Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação (GPEFE-UFES); Núcleo de Educação Especial e Inclusiva (NEEI-UERJ). E-mail: anakaryneloureiro@gmail.com.

Hiran Pinel

Professor permanente da UFES/PPGE. Professor titular aposentado do DETEPE/ UFES/ CE. Residência Pós-Doutoral em Educação pela FAE/UFMG. Pós-Doutorado em Educação pela UFES/CE/PPGMPE. Doutor em Psicologia pelo IP/USP. Mestre em Educação pelo PPGE/UFES Graduações: Bacharel e Licenciado Pleno em Psicologia. Coordenador do: Grufei - Grupo de Fenomenologia, Educação (Especial) e Inclusão. Membro do G-PEFE - Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação. E-mail: hiranpinel@gmail.com.

José Raimundo Rodrigues

Doutor e Mestre em Teologia (FAJE-BH), Doutor e Mestre em Educação (UFES), licenciado em Filosofia (PUC-MG) e Pedagogia (FABRA). Coordenador de Turno da Prefeitura Municipal de Vitória. Integrante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos (Giples). E-mail: educandor@gmail.com.

4.42 RE-EXISTÊNCIAS: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Giovanna Berriel Matsumoto (IFEN)

Na sociedade contemporânea é possível perceber a existência de papéis que transmitem normas e padrões que roteirizam o existir. Um exemplo disso é a heteronormatividade que, ao pregar somente a heterossexualidade e o binarismo enquanto verdade natural, impõe modos de ser rígidos e estáticos. Tendo como consequência da determinação o afastamento do caráter do ser humano de ser abertura para possibilidades, pois nesse cenário a forma de ser já está dada e imposta. Diante disso, este trabalho levanta a seguinte questão: como a sociedade heteronormativa tem produzido papéis sociais que limitam o poder-ser e quais são suas consequências? Propondo-se a refletir e discutir sobre a relação entre o contemporâneo, a heteronormatividade e a existência, o intuito é trazer maiores reflexões sobre a temática, suas relações com os possíveis modos de resistir e desdobramentos na clínica psicológica de base fenomenológico-existencial. Para alcançar os objetivos desta pesquisa, a partir do método qualitativo, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre as temáticas de gênero, sexualidade e heteronormatividade. Buscamos realizar uma aproximação entre autores da Psicologia Fenomenológico-Existencial com autores da Teoria Queer, que desenvolvem estudos sobre a temática de gênero e sexualidade no contemporâneo, apontando para a relevância dessa aproximação e para a necessidade de que existam mais pesquisas com esse enfoque. O presente estudo revela que os modos de existir presentes na atualidade são intrinsecamente relacionados ao momento histórico, em que se utiliza do gênero e da sexualidade como um dispositivo de poder para trazer normatizações e identidades naturalizadas impostas a todos os corpos. E percebe a importância da resistência, enquanto negação da norma, ao romper com os modos hegemônicos de subjetivação, repensando a existência a partir do seu caráter de poder-ser apresentado a partir da teoria do filósofo Martin Heidegger (1889-1996). Assim, refazer a própria existência em meio a tantos padrões e violências presentes no horizonte histórico atual é atuar sob a ótica da resistência, à medida que se rompe com os padrões impostos. Dessa maneira, uma clínica psicológica que se estabelece a partir dessa perspectiva, é uma clínica que resiste. É um modo de atuar na Psicologia trazendo à luz aquelas existências que por muito tempo esse mesmo saber invisibilizou. Destacamos a importância desse olhar na Psicologia, apresentado a partir do pensamento fenomenológico-existencial, partindo de um compromisso ético-político-social ao desconstruir e questionar as naturalizações e normas existentes em nosso horizonte.

Palavras-chave: Heteronormatividade; Contemporâneo; Gênero e Sexualidade; Psicologia Fenomenológico-Existencial; Teoria Queer.

Giovanna Berriel Matsumoto

Psicóloga pela Faculdade Católica Salesiana de Macaé. Sócia colaboradora e cursando Pós-Graduação em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: giovanna.matsumoto@hotmail.com.

4.43 REFLEXÕES SOBRE LUTOS NO RELACIONAMENTO: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA NA TERAPIA DE CASAL

Amanda Fernandes Rodrigues Alves (EERP/USP)

Fabio Scorsolini-Comin (EERP/USP)

A terapia de casal é um campo que busca compreender e auxiliar casais em seus desafios e conflitos interpessoais, considerando a dinâmica complexa do estar-com em um relacionamento ao longo do tempo. Nesse contexto, este estudo se propõe a refletir sobre a facticidade do ser-no-mundo em suas finitudes inerentes às relações amorosas, tendo como norte a perspectiva fenomenológica heideggeriana. Esta característica (facticidade) do ser-no-mundo diz respeito à abertura própria do ser-aí que o atravessa, que aponta seu lançamento sem escolha pessoal, sem conhecimento prévio, o que o acontece e constitui sua realidade. Ao lançar-se em um projeto de relacional, o ser aí o faz juntamente com seu projeto existencial. Ser-com o outro em um relacionamento envolve expectativas, sonhos compartilhados, ilusões sobre o parceiro ou o relacionamento que podem não se confirmar. As perdas podem ser simbólicas ou mais tangíveis, como a morte de um ente querido, problemas financeiros ou mudanças drásticas na vida e atravessam a historicidade do casal. Esses lutos referem-se a processos de perda que os casais enfrentam ao longo da trajetória conjugal e são compreendidos como possibilidades vivenciais que compõem a vida compartilhada. A consciência da finitude pode abrir espaço para novas perspectivas quando confrontada com a angústia. Dessa forma, um dos integrantes ou os integrantes podem se deparar com dificuldades para lidar com suas emoções, levando a conflitos e distanciamento. Nestes casos, explorar o impacto das perdas na relação pode ser uma oportunidade para que os parceiros expressem suas necessidades e desejos individuais e, inclusive, avaliar a continuidade no relacionamento. Ao confrontar a finitude e as limitações humanas, os casais podem se reconectar com sua autenticidade e valores essenciais, permitindo uma comunicação mais profunda e significativa, possibilitando a construção conjunta de um novo significado para o relacionamento. Além disso, ao abraçar a vulnerabilidade inerente ao luto, os casais podem se fortalecer, desenvolvendo uma maior compreensão mútua e, assim, aprimorar o processo terapêutico de casal, mas também encontrar como desfecho, diante do olhar sobre as perdas, a separação como possibilidade. Assim, a terapia de casal pode oferecer um espaço seguro para os parceiros explorarem seus sentimentos e pensamentos em torno dessas perdas, permitindo uma comunicação aberta sobre as dificuldades enfrentadas e compreensão da amplitude dos lutos vivenciados pelos cônjuges e como eles afetam o ser-casal. Portanto, este estudo lança luz sobre as possibilidades vivenciais que compõem a experiência de viver e se relacionar. Isso é especialmente significativo, pois muitas vezes negligenciamos o papel das perdas no desenvolvimento dos relacionamentos. A abordagem fenomenológica heideggeriana oferece uma base teórica sólida para explorar a experiência humana de ser-com o outro em um relacionamento e como isso se relaciona com a finitude. Isso permite uma análise aprofundada das emoções e conflitos que podem surgir quando as perdas entram em jogo.

Palavras-chave: conjugalidade; terapia de casal; finitude; perspectiva fenomenológico-existencial.

Amanda Fernandes Rodrigues Alves

Psicóloga. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto

da Universidade de São Paulo - Programa Interunidades. Bolsista de Doutorado da CAPES. E-mail: amanda.fr.alves@usp.br.

Fabio Scorsolini-Comin

Psicólogo, Mestre, Doutor e Livre Docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP) e do Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem da USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br.

4.44 RESISTIR PARA EK-SISTIR: (SOBRE) VIVÊNCIAS DE CORPOS SILENCIADOS, NA ASSISTÊNCIA INTEGRAL À POPULAÇÃO TRANS.

Gilmara Araújo Teles (Centro Universitário do Norte – UNINORTE)

Miguel Rebelo dos Santos (Centro Universitário do Norte – UNINORTE)

Ruy Siqueira de Lima (Centro Universitário do Norte – UNINORTE)

A suspensão de direitos básicos à população LGBTQIAPN+ e o preconceito são fatores preponderantes que fazem surgir a invisibilização e exclusão social desse público. Conforme afirma Butler, o direito de existência legítima dos transexuais, dos transgêneros e, igualmente, dos homossexuais, são e necessitam ser reconhecidos como integrantes produtivos e fazem parte de uma sociedade que obrigatoriamente deve proporcionar garantias constitucionais a todos. Segundo Merleau-Ponty, a existência corporal é sempre um movimento de existência em direção ao outro e a si mesmo, em que a compreensão do corpo nesse contexto está diretamente relacionada com a vivência de mundo, como a pessoa sente, se percebe e percebe esse mundo por meio do próprio corpo. A respeito disso, contribuir para a diminuição da invisibilização e exclusão social da comunidade LGBTQIAPN+, em especial a população trans, por meio do acesso à Justiça, da ampliação dos conhecimentos acerca dos direitos dos cidadãos e da sensibilização da comunidade externa para as questões que envolvem Direito e Sexualidade são alguns dos objetivos gerais do presente trabalho. Os Procedimentos Metodológicos consistiram em visitas técnicas de observação (visitas exploratórias) à Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Estado do Amazonas (ASSOTRAM), a qual forneceu dados para esta pesquisa. Utilizou-se o método da Análise Temática - AT, que permitiu identificar os principais assuntos abordados nestas visitas, gerando assim uma temática principal. Trata-se de um método de análise qualitativa de dados para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) a partir de dados qualitativos. Ademais com outras entidades como o Centro Universitário do Norte (Uninorte) e o Ambulatório de Diversidade Sexual e Gênero da Policlínica Codajás, Manaus – Amazonas, foi realizada uma ação conjunta e aberta ao público no formato de mesa-redonda visando contemplar estes fatores e dados adquiridos pelas partes envolvidas. Ao adentrar ao campo de pesquisa e a partir dos discursos presentes nas falas do público-alvo, percebe-se o descaso e a indiferença para com as demandas desta população. Os dados mostram a necessidade de eliminar as mais variadas formas de opressão vivenciadas por este público, tais como baixa escolaridade, ausência de renda ou de emprego, e o não acesso a informações necessárias que possibilitem dar o primeiro passo para o reconhecimento de sua identidade. Observou-se que as políticas identitárias são necessárias, conseguir o corpo esperado tão simbólico na construção da identidade é uma aspiração existencial, mas a garantia de direitos fundamentais destes indivíduos é de extrema urgência. Portanto, instiga-se pensar em iniciativas que atendam aos pressupostos enviesados entre si desta população, em estratégias que possibilitem viabilizar os serviços básicos, garantindo assim a dignidade da pessoa humana. Por meio desta pesquisa pôde-se mergulhar em vários mundos: o mundo das transgeneridades, o mundo do trabalho da atividade sexual, o mundo do sofrimento ético-político, o mundo de lutas para existir e ser. Acredita-se que enquanto sociedade, o engajamento contra todas as formas de preconceito, injustiça, violência e exclusão, necessita-se ser-com elas e eles nessa luta. O silêncio não pode ser cúmplice de uma estrutura que oprime e mata.

Palavras-chave: Gênero; Transgeneridade; Transfobia; Corporeidade; Necropolítica.

Gilmara Araújo Teles

Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Especialização em Gestão pela Qualidade Total pela Universidade Federal do Amazonas; Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas; Docente do Centro Universitário do Norte – UNINORTE; Coordenadora do Curso de Serviço Social e do Núcleo de Responsabilidade Social gerenciando projetos sociais interdisciplinares com foco no atendimento das demandas comunitárias. E-mail: gilmara.araujo@uninorte.com.br.

Miguel Rebelo dos Santos

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE); Atuou na área de Psicologia Jurídica no Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas; Estágio em Psicologia Social na Instituição Hermanitos (Migrantes e refugiados); Atua com jovens e crianças autistas na AATEA (Associação Amazonense do Transtorno do Espectro Autista); Atualmente está em formação clínica em Psicologia Histórico-Cultural. E-mail: miguelrebelo.psi@gmail.com.

Ruy Siqueira de Lima

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE); Sócio-voluntário da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz); Membro da Liga Acadêmica de Psicologia da Uninorte (LAPSIUNN); Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial(LAPFE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFEN) da UFAM; Formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. E-mail: ruylima@gmail.com.

4.45 UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A REDUÇÃO DE DANOS NAS POLÍTICA PÚBLICA NA SAÚDE

Breno Lacerda de Oliveira (UNIT)

João Phellipe Santana de Oliveira (UNIT)

Julienne Arrais de Oliveira (UNIT)

O presente resumo tem como objetivo ilustrar como a literatura fenomenológica-existencial percebe o uso de drogas e como o Dasein, frente a sua vulnerabilidade e eterno peso existencial de cuidar de si, procura uma forma de alterar o estado de consciência a fim de tornar essas condições suportáveis. Com isso, a Redução de Danos (RD) visa auxiliar e prevenir uma maior degradação desses sujeitos em sofrimento, fazendo-se necessário assimilar seu lugar de relação, partindo de sua própria intencionalidade, com o uso de substâncias psicoativas para compreender como seu corpo vive e reage. Sendo assim, foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos que abordam a RD em políticas públicas em um viés fenomenológico; trata-se de um estudo teórico. Nos artigos estudados, percebemos que o uso de drogas também pode ser entendido como forma de funcionamento, mostrando que a relação com o meio social e a própria relação do usuário com os psicoativos é abrir a possibilidade para que o Dasein consiga se ver na posição de escolha e mudança, já que compreendemos que nem todo uso de droga se tornará patológico, e nem toda pessoa em situação de dependência irá manter-se dessa forma, já que na fenomenologia existencial, o ser é compreendido como mutável e juntamente a essa compreensão é possível abrir um caminho para a prevenção. Dessa maneira a RD aparece como uma alternativa para um cuidar de si, percebendo os contextos sociais atrelados à sua maneira de existir. Estando em contato com os outros (Ser-no-mundo), os seres humanos em toda sua história procuraram formas de alterar o estado de consciência para anestesiar o peso da imprevisibilidade, juntamente com a responsabilidade de si consigo mesmo e sua noção de temporalidade, tais formas são expressas nas danças, músicas, práticas meditativas, esportes, ritos e também no uso de drogas. Com isso é possível entender que uma prática de uma política pública que almeja a prevenção do uso de substâncias por meio da guerra contra as drogas e do proibicionismo está fadado ao fracasso, pois querer privar a abertura humana para o uso de drogas é querer privar uma das possibilidades do existir. Ao mesmo passo que buscar o tratamento de pessoas adictas por meio de uma internação tradicional que visa a abstinência química como o único método a ser aplicado se demonstra ineficaz. Uma vez que a vida dos usuários, nessas casas de internação são tidas como vidas artificiais e dissimuladas. Em contrapartida, trabalhar terapêuticamente com pacientes adictos é trabalhar a responsabilidade deles serem em si mesmos, capacitá-los a criar seu projeto de vida, ou seja, buscar seu sentido enquanto ser-aí. Nesse quesito, qualquer pretensão de cuidado que um paciente possa ter sobre si mesmo só poderá existir a partir da consciência da sua existência intrincada de intencionalidades. Por fim, o proibicionismo e a guerra contra as drogas é um retrocesso no âmbito da luta antimanicomial, favorecendo as comunidades terapêuticas e tratando saúde e doenças como mercadoria, visando o lucro e higienização social.

Palavras-chave: Fenomenologia; Redução de danos; Políticas Públicas; Drogas; Proibicionismo.

Breno Lacerda de Oliveira

Graduando do 4º período de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT), membro da Liga Acadêmica Tiradentes de Fenomenologia-Existencial (LAFTE), vinculada ao curso de psicologia da UNIT, Aracaju/SE. E-mail: brenola.o@gmail.com.

João Phellipe Santana de Oliveira

Graduando do 4º período de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT), Diretor de pesquisa da Liga Acadêmica Tiradentes de Fenomenologia-Existencial (LATFE), vinculada ao curso de psicologia da UNIT, Aracaju/SE. E-mail: joaophellipesantana@gmail.com.

Julienne Arrais de Oliveira

Graduanda do 8º período de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT), Diretora de Eventos da Liga Acadêmica Tiradentes de Fenomenologia-Existencial (LATFE), vinculada ao curso de Psicologia da UNIT, Aracaju/SE. E-mail: juliennedeoliv@gmail.com.

4.46 UM OLHAR INTERSECCIONAL SOBRE AS MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES SÓCIO-REFLEXIVAS.

Vitor Almeida Nascimento (UNISAL)

Para investigar as masculinidades contemporâneas é necessário primeiro analisar as complexas interações entre gênero, raça, classe social, orientação sexual e outras identidades reconhecendo que esses fatores isolados impedem a compreensão do que é ser homem. Essa experiência é moldada pela combinação desses fatores, tornando-se essencial considerá-la para pensar a desconstrução das normas de masculinidade tóxica e a promoção de modelos de masculinidades mais inclusivos e saudáveis, metas importantes ao buscar uma sociedade mais igualitária. As normas tradicionais de masculinidade frequentemente restringem os homens a um conjunto limitado de expressões e comportamentos, deixando pouco espaço para a exploração de outras dimensões de suas identidades. Isso pode levar à supressão emocional, pressão para ser autossuficiente, expectativas de sucesso profissional e competição excessiva, resultando em problemas de saúde mental, dificuldades de relacionamento e comportamentos prejudiciais. Considerando a interseccionalidade aliada a abordagem fenomenológica e existencial como uma lente adequada para investigar a experiência masculina em suas múltiplas dimensões, destacando a importância da subjetividade, autenticidade e liberdade na desconstrução de estereótipos prejudiciais, buscaremos responder a seguinte questão: Quais são os desafios enfrentados por iniciativas que promovem grupos sociorreflexivos em prol do desenvolvimento de masculinidades mais saudáveis em nossa sociedade? O objetivo do trabalho é analisar como as normas tradicionais de masculinidade afetam os homens na sociedade contemporânea, considerando fatores interseccionais e abordando suas subjetividades para compreender as experiências masculinas de forma mais profunda para entender como grupos sociorreflexivos para homens podem colaborar na ressignificação dos modelos que eles têm de masculinidade e na forma como eles atuam na sociedade. O trabalho consiste em pesquisa bibliográfica, incluindo revisão, análise e síntese de literatura existente, como livros, artigos acadêmicos e relatórios. Também inclui o relato de experiência sobre a criação de um grupo sociorreflexivo para homens em Lorena, São Paulo. A compreensão das masculinidades contemporâneas e a busca por soluções sociorreflexivas sob uma perspectiva interseccional representam um campo de estudo crucial no contexto atual. À medida que a sociedade evolui e as normas tradicionais de masculinidade são questionadas, surge a possibilidade de convidar os homens a explorar a diversidade de identidades e experiências masculinas através de grupos sociorreflexivos. Este trabalho destaca a importância de questionar os papéis de gênero tradicionais, que ao mesmo tempo que causam angústias e sofrimento nos homens, também perpetuam desigualdades e violência na sociedade. Reconhece as possibilidades de grupos sociorreflexivos para homens, como previsto na lei Maria da Penha, mas também grupos para homens, que por iniciativa própria ou de instituições e empresas, se propõem a reuni-los para debater sobre como construir melhores masculinidades, que inclui refletir como serem melhores pais, objetivo do grupo idealizado e criado pelo autor do trabalho. É crucial notar que esses grupos não substituem outras formas de intervenção, como ação policial ou atendimento psicológico, mas oferecem uma oportunidade de explorar as possibilidades da subjetividade masculina e buscar o caminho para uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: Grupos sociorreflexivos; Identidades; Perspectiva interseccional; Relações de gênero; Subjetividade masculina.

Vitor Almeida Nascimento

Licenciado em Matemática (UNISAL/2010); Pós-graduado em Educação Matemática (ESAB/2014); Graduando em Psicologia (UNISAL/2025); Professor do ensino fundamental II na rede municipal de ensino de Cruzeiro/SP desde 2011; Professor do ensino fundamental II e médio na rede estadual de ensino de São Paulo desde 2014. E-mail: vitoralmeidan260@gmail.com.

4.47 VESTÍGIO DE UMA CLÍNICA DO FIM DO MUNDO – PLANTÃO PSICOLÓGICO ONLINE PARA PERDAS, MORTE E LUTO

Carine Sawtschenko (UNISAL)

Miria Benincasa (UMESP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. A vivência da pandemia do COVID-19 marcou o século XXI como a mais significativa emergência sanitária global, impactando fortemente em todos os âmbitos da sociedade. Sob a perspectiva da economia e saúde especialmente, pôde-se perceber um colapso nos países subdesenvolvidos aumentando as desigualdades sociais e ampliando o sofrimento existencial. A exigência do isolamento social como uma estratégia de contenção do vírus SARS-CoV-2, impactou o cotidiano de pessoas que possuíam como (ilusória) garantia as relações de trabalho, sociais, dentre outras. Observou-se a multiplicidade de afetos contornando o tempo pandêmico: medo da morte, solidão, tristeza, tédio, dentre outros; agravando indiretamente uma pandemia velada vivenciada historicamente: o suicídio. A pandemia invadia a clínica psicológica evidenciando aos profissionais psis a ingerência com a temática da morte – a não-lida com a terminalidade da vida da sociedade ocidental inclusive na formação em psicologia, evidenciou a necessidade de ampliação do tema nas universidades, e retirou do papel o projeto de plantão psicológico online para perdas, morte e luto. Com o objetivo de suprir tal carência, além de capacitar alunos no atendimento da modalidade de plantão psicológico, foi instituído um serviço online de atendimento em plantão psicológico para a demanda de perdas, morte e luto, direcionado a alunos do curso de psicologia de uma instituição de ensino superior no Vale do Paraíba, interior do Estado de São Paulo. O presente estudo trata-se do relato de experiência do referido serviço, que ocorreu por um período de seis meses – entre agosto e dezembro de 2022. Foi criada uma página em uma rede social que trazia a temática das perdas, morte e luto, onde era divulgado o serviço de plantão psicológico. Os atendimentos aconteciam semanalmente pela plataforma Whereby - ferramenta tecnológica de videoconferências, e contava com duas horas de duração, sendo uma hora para cada atendimento intercalado pelas alunas-plantonistas. A formação técnica das alunas-plantonistas foi composta por um curso sobre a temática das perdas, morte e luto, além de aulas expositivas sobre a modalidade do plantão psicológico e a abordagem daseinsanalítica que subsidiava os atendimentos. Foram disponibilizados artigos, livros e indicação de filmes sobre os temas. Os encontros de supervisão aconteciam semanalmente onde eram discutidos os atendimentos realizados e os desdobramentos dos mesmos. Foi possível perceber a importância da experiência de aprendizagem para as alunas-plantonistas, por se tratar de temas interditos e pouco explorados na formação em psicologia. Sob a perspectiva do público atendido, foi possível observar a necessidade de um espaço que acolha o sofrimento existencial oriundo da vivência da morte, perdas e luto. A modalidade de plantão psicológico parece ter acolhido a demanda urgente do sofrimento das pessoas atendidas no serviço. Desse modo, é possível afirmar que o objetivo do projeto-piloto foi alcançado e sugere-se continuidade para o referido serviço.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; perdas; morte; luto; Daseinsanalyse.

Carine Naldi Sawtschenko

Doutoranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pós-graduanda em Psicologia Fenomenológica Existencial pelo IFEN. Pós-graduanda em Cuidados

Paliativos e Terapia da Dor pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Psicologia da Saúde pela UMEP. Pós-graduada em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes pelo IP da Universidade de São Paulo. Docente e supervisora de estágios no UNISAL.

Miria Benincasa

Pesquisadora e orientadora dos Programas de Pós-graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo. Editora-chefe da Revista Mudanças - Psicologia da Saúde. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) "Humanização da assistência à gestação, parto, nascimento e pós-parto". Professora convidada do curso de especialização em Psicologia Hospitalar da Universidade de Taubaté. Coordenadora do GT Psicologia na Perinatalidade e na Parentalidade no Conselho Regional de Psicologia (6a Região).